

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

UMA PRESENÇA NO OLHAR



RÍMINI 2015

UMA PRESENÇA NO OLHAR

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2015

Tradução de Paulo Pacheco e Solange Siquerolli.

© 2015 Fraternità di Comunione e Liberazione

“Por ocasião do curso anual dos Exercícios espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que acontece em Rimini, Sua Santidade, Papa Francisco, espiritualmente partícipe, envia o seu cordial pensamento e seus melhores votos, desejando aos numerosos participantes e aos tantos que estão conectados via satélite abundantes frutos de descoberta interior da fecundidade da fé cristã, sustentada pela certeza da presença do Cristo ressuscitado. O Santo Padre invoca os dons do Divino Espírito por um generoso testemunho da perene novidade do Evangelho, nas pegadas deixadas pelo benemérito sacerdote monsenhor Luigi Giussani. E enquanto pede que perseverem na oração pelo seu ministério universal, invoca a celeste proteção da Virgem Santa e concede, de coração, ao senhor e a todos os presentes, a implorada benção apostólica, estendendo-a, de bom grado, a toda a Fraternidade e seus entes queridos.”

Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade
15 de abril de 2015

Sexta-feira, 24 de abril, noite

Na entrada e na saída:

Ludwig van Beethoven, Sinfonia n. 6 in fa maggiore, op. 68 “Pastorale”

Riccardo Muti – Filarmonica della Scala

“Spirto Gentil” n. 11, Philips

■ INTRODUÇÃO

Julián Carrón

Não temos necessidade de nada mais, no início deste nosso gesto, do que gritar e pedir o Espírito para que remova de nós tudo aquilo que está parado, tudo aquilo que não está disponível, toda a nossa distração e abra toda a nossa espera, como me escreve uma de vocês: “É uma daquelas manhãs nas quais você não consegue se levantar a não ser se for buscando-O. E vai à Missa pedindo ao Senhor para encontrá-Lo ali, em casa, onde a cada dia começa o desafio da vida. Você não sabe ainda como estar diante do seu filho, de forma que tudo é injusto e tudo é raiva, tudo é pedido; não sabe, e no entanto, queima no coração aquele pedido de amor, ainda hoje. Na espera daqueles três dias, os Exercícios da Fraternidade, tão preciosos e indispensáveis, tudo queima de pedido, de uma falta: pedido por aqueles rostos ainda buscados, no caminho, como você; pedido por um abraço que quereria para sempre, e que ainda busca, para aqueles que ama, para o mundo inteiro; sede de escutar, ‘memorare’, recordar, que nunca é suficiente. Queima ainda aquele amor a Cristo, à Sua companhia, que você busca ainda aos cinquenta anos e do qual nunca está plena”.

É com este pedido, com esta espera que se torna pedido, que nós invocamos o Espírito para que leve a bom termo esta nossa, ainda que frágil, tentativa de nos dispormos a acolher aquilo que o Senhor nos dará nestes dias.

Ó vinde, Espírito criador

“Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que acontece em Rimini, Sua Santidade, Papa Francisco, espiritualmente participe, envia o seu cordial pensamento e seus melhores votos, desejando aos numerosos

participantes e aos tantos que estão conectados via satélite abundantes frutos de descoberta interior da fecundidade da fé cristã, sustentada pela certeza da presença do Cristo ressuscitado. O Santo Padre invoca os dons do Divino Espírito por um generoso testemunho da perene novidade do Evangelho, nas pegadas deixadas pelo benemérito sacerdote monsenhor Luigi Giussani. E enquanto pede que perseverem na oração pelo seu ministério universal, invoca a celeste proteção da Virgem Santa e concede, de coração, ao senhor e a todos os presentes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a, de bom grado, a toda a Fraternidade e seus entes queridos. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade”.

Como o telegrama do Santo Padre assinala, no início dos nossos Exercícios, estamos ainda imersos na luz da noite de Páscoa. Toda a noite pascal foi dominada pela luz do Círio Pascal, pela luz que Jesus ressuscitado introduziu para sempre na história. É à luz deste fato que a Igreja olha para tudo, pode olhar para tudo. Porque é somente quando aparece definitivamente a luz da ressurreição de Jesus que nós podemos compreender aquilo que não conseguiríamos entender sem ela: o significado último de tudo. Por isso, naquela noite, justamente a partir do presente, daquele momento no qual é dominada pela luz da Ressurreição (que dita o método para olhar para tudo), a Igreja nos faz olhar para toda a história, que, a partir da criação, adquire toda a sua luminosidade: é a história na qual se revela finalmente aos nossos olhos a positividade última da realidade.

Na luz da Ressurreição, podemos olhar de frente para a pergunta mais urgente do homem: verdadeiramente, vale a pena ter nascido? É a pergunta que nos assalta quando a vida, mesmo com toda a sua beleza, com toda a sua promessa, nos encurrala: por que vale a pena ter nascido? A esta pergunta, que o homem se põe sobre a própria vida, pode-se encontrar uma resposta cheia de significado somente na luz da noite de Páscoa. Porque não teria valido a pena ter nascido se não tivéssemos a esperança de uma vida realizada, para sempre. Como nos recorda a Carta aos Hebreus, viver seria uma condenação, porque todos viveríamos no medo da morte, sob esta espada de Dâmocles que paira sobre nós. Ao invés, nós podemos reconhecer a positividade última da criação, da vida do homem, da vida de cada um de nós, à luz da vitória de Cristo, porque ali encontra resposta completa a grande pergunta sobre o significado da nossa vida. De fato, diz o canto da Proclamação da Páscoa: “de que nos valeria ter nascido, se não nos resgatasse em seu amor?”¹. Sem a ressurreição de Cristo, o que seria a vida, qual seria o seu significado?

¹ Proclamação da Páscoa, in *Missal Romano, Vigília Pascal*.

A luz que domina a noite de Páscoa nos permite compreender toda a história da salvação, desde a libertação da escravidão do Egito até toda a história dos profetas, uma história que não tem outra finalidade do que a de nos fazer entrar na lógica do desígnio de Deus que se revelou lentamente no tempo.

As leituras bíblicas da Vigília Pascal nos mostraram qual paixão Deus tinha pelos homens a ponto de Se interessar pela sorte de um povo insignificante como o de Israel, mostrando a todos que Ele não é indiferente ao sofrimento dos homens. Deus começa a responder de um modo concreto, particular, a este sofrimento e não abandona mais os Seus filhos. E mesmo se tantas vezes pudessem se sentir abandonados, como uma mulher abandonada e de alma aflita, Deus insiste com eles através dos profetas, como, por exemplo, Isaías: “Pode-se repudiar uma mulher desposada na juventude?”. E, no entanto, diz o Senhor, “Por um breve instante eu te abandonei, com imensa compaixão volto a acolher-te. [...] por um pouco, ocultei de ti minha face, mas com misericórdia eterna compadecei-me de ti, diz teu salvador, o Senhor”. Deus tranquiliza o Seu povo: “Podem os montes recuar e as colinas abalar-se, mas minha misericórdia não se apartará de ti, nada fará mudar a aliança de minha paz, diz o teu misericordioso Senhor”².

Quando essas palavras adquirem verdadeiramente significado, se não com aquele fato, o fato potente da ressurreição de Cristo? Do contrário, permaneceriam belas palavras para uma consolação sentimental, mas no fundo não constituiriam uma reviravolta crucial, decisiva, não introduziriam na vida algo de verdadeiramente novo. Só o fato da Ressurreição projeta sobre elas toda a luz necessária e as enche de significado. E, então, podemos entender porque Jesus havia dito aos seus discípulos: “Felizes os olhos que veem o que vós estais vendo! Pois eu vos digo: muitos profetas e reis quiseram ver o que vós estais vendo, e não viram; quiseram ouvir o que estais ouvindo, e não ouviram”³. Os profetas eram parte desta história, tinham vivido parte desta história, desejaram ver a sua realização, mas não a viram. Por isso, Jesus diz a nós: “Felizes vós que vistes!”; Ele o diz a nós que o vimos, que vimos a realização do Seu desígnio!

Por isso, a Igreja, na noite de Páscoa, tem a luz para olhar tudo, todo o escuro, tudo aquilo que nós, homens, recusamos olhar porque não temos resposta, a começar do nosso mal. Porque “esta é a noite... em que a coluna luminosa as trevas do pecado dissipou, e aos que creem no Cristo

² *Is* 54,6-8.10.

³ *Lc* 10,23-24.

em toda a terra, em novo povo eleito congregou! Ó noite em que Jesus rompeu o inferno ao ressurgir da morte vencedor”. Diante desta luz, o povo explode num grito de alegria: “De que nos valeria ter nascido se não nos resgatasse em seu amor?”. À luz deste evento, a Igreja e todos nós, se verdadeiramente o Senhor nos dá a graça de um mínimo de consciência, podemos dizer: “Ó Deus, quão estupenda caridade vemos no vosso gesto fulgurar: não hesitais em dar o próprio Filho para a culpa dos servos resgatar”⁴.

Tendo no olhar Cristo ressuscitado, a Igreja é de tal forma capaz de olhar tudo, que ousa dizer uma coisa sobre o nosso pecado que, aos olhos da nossa razão, parece paradoxal: “Ó culpa tão feliz!”. É um novo olhar sobre o mal, que, de repente, é percebido como um bem: “Ó culpa tão feliz que há merecido a graça de um tão grande Redentor!”. Continua a Proclamação da Páscoa: “Só tu, noite feliz, soubeste a hora em que o Cristo da morte ressurgia”. E este é o mistério daquela noite: “esta noite lava todo o crime, liberta o pecador dos seus grilhões [não simplesmente o podemos olhar, mas podemos ver até mesmo a sua derrota], enche de luz e paz os corações”⁵.

Como não ser gratos, se nós nos deixamos iluminar pela luz que o evento da Ressurreição introduz para sempre na vida e na história? Por isso, não há circunstância pela qual alguém possa passar, não há dificuldade ou mal que alguém tenha nas costas que devam ser censurados, que sejam tão grandes a ponto de não poderem ser olhados, desafiados, à luz da vitória de Cristo ressuscitado. À luz da Ressurreição podemos olhar tudo, amigos, porque nada está excluído dessa vitória. Peçamos ao Senhor para sermos tão simples a ponto de aceitar esta luz: que entre nas dobras mais íntimas e mais escondidas do nosso ser!

O que celebramos na noite de Páscoa é apenas um fato do passado, uma recordação devota, um gesto ritual que repetimos todos os anos? A essa pergunta não se pode responder com uma reflexão ou com um raciocínio abstrato. Nenhum pensamento poderia satisfazer a urgência pungente dessa pergunta, nenhum raciocínio conseguiria atenuá-la. O que documenta a verdade, isto é, a realidade, daquilo que celebramos na Páscoa? Só um fato: o evento de um povo, como aquele que vimos na Praça São Pedro. Um povo que confirma e grita a realidade da Ressurreição.

Mas, para poder colher, em toda a sua densidade, aquilo que nos aconteceu na Praça São Pedro, temos que olhar para um outro fato, um outro

⁴ Proclamação da Páscoa, in *Missal Romano, Vigília Pascal*.

⁵ Idem.

evento de povo, acontecido há dois mil anos, que testemunha e confirma a ressurreição de Jesus: o Pentecostes. “Quando chegou o dia de Pentecostes, os discípulos estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como se fosse uma forte ventania, que encheu a casa onde eles se encontravam. Então apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito os inspirava. Moravam em Jerusalém judeus devotos, de todas as nações do mundo. Quando ouviram o barulho, juntou-se a multidão, e todos ficaram confusos, pois cada um ouvia os discípulos falarem em sua própria língua. Cheios de espanto e de admiração, diziam: ‘Esses homens que estão falando não são todos galileus? Como é que nós os escutamos na nossa própria língua? Nós que somos partos, medos e elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e da parte da Líbia, próxima de Cirene, também romanos que aqui residem; judeus e prosélitos, cretenses e árabes, todos nós os escutamos anunciarem as maravilhas de Deus na nossa própria língua!’. Todos estavam pasmados e perplexos, e diziam uns aos outros: “Que significa isso?” Mas outros caçoavam: “Estão bêbados de vinho doce”.⁶

Como vemos, já desde o início, desde o primeiro instante, não basta estar diante do fato, ainda que seja assim, imponente. É preciso a liberdade para reconhecer o significado que o fato mesmo grita. Para descobri-lo é preciso um homem verdadeiramente voltado a tomar consciência de todos os fatores daquele evento, “com aquela inteligência positiva, com aquela inteligência pobre, pronta para a afirmação afetuosa do real, na qual consiste o terreno sobre o qual se exalta a fé”⁷. Somente assim, alguém poderia encontrar resposta para a pergunta que aquele fato provocava: “O que significa esta reunião de pessoas?”, e verificar a razoabilidade das possíveis interpretações, como aquela de que aqueles homens estivessem embriagados.

É a esta pergunta, à sua urgência, à pergunta que nasce do fato impressionante do Pentecostes, que Pedro responde com o seu discurso, relatado nos *Atos dos Apóstolos*: “Pedro, de pé, junto com os onze apóstolos, levantou a voz e falou à multidão: “Homens da Judéia e todos vós, que residis em Jerusalém, seja do vosso conhecimento o que vou dizer. Escutai-me com toda

⁶ At 2,1-13.

⁷ GIUSSANI, Luigi. *La familiarità con Cristo*: Meditazioni sull'anno litúrgico. Cinisello Balsamo (Mi): San Paolo, 2008, p. 105.

a atenção. Estes aqui não estão embriagados, como podeis pensar, pois não são mais que nove da manhã [um pouco cedo para estarem embriagados!]. Está acontecendo o que foi anunciado pelo profeta Joel: *‘Nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda carne, e vossos filhos e filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões e os vossos anciãos terão sonhos; mesmo sobre os meus escravos e escravas derramarei do meu Espírito, naqueles dias, e profetizarão. E mostrarei prodígios no céu, em cima, e sinais na terra, embaixo, sangue e fogo e nuvem de fumaça. O sol se transformará em trevas e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor. E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo’*. Homens de Israel, escutai estas palavras: Jesus de Nazaré foi um homem credenciado por Deus junto de vós, pelos milagres, prodígios e sinais que Deus realizou entre vós por meio dele, como bem o sabeis. Deus, em seu desígnio e previsão, determinou que Jesus fosse entregue pelas mãos dos ímpios, e vós o matastes, pregando-o numa cruz. Mas Deus o ressuscitou, libertando-o das angústias da morte, porque não era possível que ela o dominasse. Pois Davi diz a seu respeito: *‘Eu via sempre o Senhor diante de mim, porque está à minha direita, para que eu não vacile. Por isso alegrou-se meu coração e exultou minha língua; mais ainda, minha carne repousará na esperança. Não abandonarás minha alma no mundo dos mortos nem deixarás o teu Santo conhecer a decomposição. Deste-me a conhecer caminhos de vida e me encherás de alegria com a tua presença’*. Irmãos, seja-me permitido dizer-vos, com toda liberdade, que o patriarca Davi morreu e foi sepultado, e seu sepulcro está entre nós até hoje. Ora, ele era profeta e sabia que Deus lhe havia jurado solenemente que um de seus descendentes se sentaria no seu trono. Assim, ele previu a ressurreição do Cristo e é dela que disse: não foi abandonado no mundo dos mortos, e sua carne não conheceu a decomposição. De fato, Deus ressuscitou este mesmo Jesus, e disso todos nós somos testemunhas. E agora, exaltado pela direita de Deus, ele recebeu o Espírito Santo que fora prometido pelo Pai e o derramou, como estais vendo e ouvindo. Pois Davi não subiu ao céu, mas ele diz: *‘Disse o Senhor ao meu Senhor: senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como apoio para teus pés’*. Portanto, que todo o povo de Israel reconheça com plena certeza: Deus constituiu Senhor e Cristo a este Jesus que vós crucificastes”. Quando ouviram isso, ficaram com o coração compungido e perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos: “Irmãos, que devemos fazer?” Pedro respondeu: “Convertei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos vossos pecados. E recebereis o dom do Espírito Santo”⁸.

⁸ At 2,14-38.

Somente a ressurreição de Cristo pode dar razão adequada para aquele fato. Diante da sua imponente, Pedro não pode ficar parado num nível fenomênico ou sociológico de interpretação. Nele prevalece a tensão exasperada a dizer o Seu nome: só Cristo ressuscitado, pela força do Seu Espírito, pode ser a explicação adequada do povo nascido da Páscoa. Pedro é todo dominado pela presença de Cristo ressuscitado e pode olhar para a realidade sem ficar na aparência, vencendo qualquer tipo de interpretação reducionista. Ele não consegue olhar nada, se não com a presença de Cristo ressuscitado no olhar.

Amigos, é só um olhar como este que pode introduzir-nos à compreensão adequada, sem reduções, daquilo que aconteceu na Praça São Pedro. Nós fazemos parte do povo nascido da Páscoa de Cristo. Cada um de nós pode fazer a comparação entre a consciência com a qual viveu o evento de povo acontecido em Roma no dia 7 de março e a consciência de Pedro diante do evento de povo do Pentecostes.

Por isso, os dias de Páscoa, amigos, são o paradigma do viver cristão. Tentemos imaginar como as aparições de Jesus ressuscitado, um dia depois do outro – como nos recorda a liturgia –, deviam acometer os apóstolos! O que era, para eles, a vida, se não o impor-se da Sua presença viva, se não viver com a Sua presença no olhar? Não podiam mais apagar-Lo dos seus olhos.

“O Mistério não é o desconhecido; é o desconhecido na medida em que se torna conteúdo de experiência sensível. É um conceito muito importante: por isso, se fala do mistério da Encarnação, do mistério da Ascensão, do mistério da Ressurreição. Deus como Mistério seria uma imagem intelectual se parássemos na frase assim como é dita: ‘Deus é Mistério’.”⁹

Dom Giussani sublinha com força: “O Deus vivo é o Deus que Se revelou na Encarnação: na morte e na ressurreição de Cristo. O Deus verdadeiro é Aquele que veio entre nós, tornado sensível, tocável, visível, audível. O Mistério [...] se tornou experimentável, se tornou presença na história do homem. [...] A Ressurreição é o cume do mistério cristão. Tudo foi feito para isto, porque isto é o início da glória eterna de Cristo: ‘Pai, chegou a hora, glorifica o Teu Filho’. Tudo e todos temos um sentido neste acontecimento: Cristo ressuscitado. A glória de Cristo ressuscitado é a luz, o colorido, a energia, a forma do nosso existir, do existir de todas as coisas”¹⁰.

⁹ GIUSSANI, 2008, p. 69.

¹⁰ *Idem*, pp. 69, 71.

Cada um pode ver como viveu os dias de Páscoa. Para os discípulos foram o prevalecer da presença de Cristo ressuscitado no olhar e na consciência. E para nós? O que aconteceu em nós? Na nossa vida, há facilmente uma fuga, uma falta de memória, um deixar para lá, como diz logo depois Dom Giussani: “A centralidade da ressurreição de Cristo é diretamente proporcional à nossa fuga, como que de um incógnito”; para nós, tantas vezes, é como se Cristo faltasse, como se fosse um “incógnito”, não é uma presença assim familiar, que nos atrai e nos enche de Si. “À nossa falta de memória dela, à timidez com a qual pensamos na palavra e somos como que repelidos para longe dela: a isto é diretamente proporcional a decisividade da Ressurreição, como proposição do fato de Cristo, como conteúdo supremo da mensagem cristã, conteúdo no qual se torna verdadeira aquela salvação, aquela purificação do mal, aquele renascimento do homem, para o qual Ele veio”.¹¹

Continua Dom Giussani: “Está no Mistério da Ressurreição o cume e o ponto alto da intensidade da nossa autoconsciência cristã, por isso da autoconsciência nova de mim mesmo, do modo com o qual olho todas as pessoas e todas as coisas” a começar por mim mesmo! Não há um outro olhar, amigos! Não há um outro olhar verdadeiro sobre nós, sobre a realidade, sobre as coisas, sobre as pessoas, sobre a história, depois da ressurreição de Cristo como evento histórico, se não aquilo que tem, na Sua presença, a luz para olhar tudo. Porque “está na Ressurreição”, sublinha Dom Giussani, “a chave da novidade do relacionamento entre mim e mim mesmo, entre mim e os homens, entre mim e as coisas. Mas, essa é a coisa da qual mais fugimos. É como que a coisa – se quiserem, mesmo respeitosamente – mais deixada de lado, respeitosamente deixada na sua aridez de palavra intelectualmente percebida, percebida como ideia, exatamente porque é o cume do desafio do Mistério à nossa medida. [...] O cristianismo é a exaltação da realidade concreta, a afirmação do carnal, tanto que Romano Guardini diz que não há nenhuma religião mais materialista [ou seja, ligada à realidade concreta, à carne] do que o cristianismo; é a afirmação das circunstâncias concretas e sensíveis, de forma que a pessoa não sente anseio de grandeza quando se vê limitado naquilo que deve fazer: aquilo que deve fazer, mesmo se pequeno, é grande, porque ali dentro vibra a Ressurreição de Cristo. ‘Imersos no grande Mistério’. É esbanjar algo do Ser, dilapidar o Ser da Sua grandeza, da Sua potência e do Seu senhorio; é lentamente esvaziar o conteúdo e fazer definhar o Ser, Deus, o Mistério, a Origem e o Destino, se nós não nos sentimos imersos

¹¹ *Idem*, p. 71.

neste Mistério, no grande Mistério: a Ressurreição de Cristo. *Imersos*, como o eu é imerso no ‘tu’ pronunciado com todo o seu coração, como a criança quando olha a mãe, como a criança sente a mãe”.¹²

É preciso, por isso, que “a inteligência da criança [...] seja recuperada em nós”, para poder olhar as coisas de modo verdadeiro. “Chama-se ‘fé’ a inteligência humana quando, permanecendo na pobreza da sua natureza original [como ânfora vazia pela manhã], é toda preenchida por outro, já que em si é vazia, como braços escancarados que ainda têm que abraçar a pessoa que esperam. Não posso me conceber a não ser imerso no Teu grande Mistério: a pedra descartada pelos construtores deste mundo, ou por cada homem que imagina e projeta a sua vida, se fez a pedra angular, sobre a qual unicamente é possível construir. Este Mistério – Cristo ressuscitado – é o juiz da nossa vida; Ele, que a julgará inteira no fim, a julga dia após dia, de hora em hora, de momento em momento, sem solução de continuidade. Quero sublinhar que este ‘vê-Lo’ como o Ressuscitado [...] é um juízo: ressuscitaste, ó Cristo”. “Este reconhecer o que aconteceu d’Ele, d’Ele morto, é um juízo [...], [isto é] um ato do intelecto que rompe o horizonte normal da racionalidade e agarra e testemunha uma Presença que, de todos os lados, ultrapassa o horizonte do gesto humano, da existência humana e da história. [...] É por graça que nós podemos reconhecê-Lo ressuscitado e que nós podemos imergir-nos no Seu grande Mistério; é por graça que nós podemos reconhecer que, se Cristo não tivesse ressuscitado, tudo seria vão, vã seria a nossa fé, ou seja, dizia São Paulo, vã seria a nossa afirmação positiva, segura, alegre, vã seria a nossa mensagem de felicidade e de salvação, e ‘vós estardes ainda em vossos pecados’, isto é, na mentira, no não-ser, no não conseguir ser”.¹³

Dom Giussani não usa meios termos: “Sem a Ressurreição de Cristo, só há uma alternativa: o nada. Nós nunca pensamos nisto. Por isso, passamos os dias com aquela covardia, com aquela mesquinhez, com aquela negligência, com aquela instintividade obtusa, com aquela distração repugnante na qual o eu [...] se dispersa. De forma que, quando dizemos ‘eu’, nós o dizemos para afirmar um pensamento nosso, uma medida nossa (chamada também de ‘consciência’) ou um instinto nosso, um desejo nosso de ter, uma reivindicada, ilusória posse. Fora da Ressurreição de Cristo, tudo é ilusão: ela nos jogueteia. Ilusão é uma palavra latina que tem como sua última raiz a palavra ‘jogo’: somos jogueteados, jogueteados por dentro, iludidos. É-nos fácil olhar todo o ilimitado rebanho dos

¹² *Idem*, pp. 71-72, 76.

¹³ *Idem*, pp. 76, 78.

homens na nossa sociedade: é a grande, ilimitada presença das pessoas que vivem na nossa cidade, das pessoas que vivem perto de nós [...], das pessoas mais estreitamente próximas de nós em casa. E nós não podemos negar experimentar esta mesquinhez, esta sordidez, esta negligência, esta distração, esta perda total do eu, este reconduzir-se do eu a afirmação violenta e presunçosa do pensamento que vem [...] ou do instinto que pretende agarrar e possuir algo que ele decide que lhe é prazeroso, satisfatório, útil. [...] Nunca a palavra pedir, rezar, solicitar se torna tão decisiva como diante do mistério de Cristo ressuscitado”.¹⁴

Por isso, prossegue Dom Giussani, “para imergir-nos no grande Mistério devemos suplicar, pedir: pedir, essa é a riqueza maior. [...] O realismo mais intenso e mais dramático é pedi-Lo”.¹⁵ Como escrevia Santo Agostinho: “Se o seu desejo está diante dele [o Mistério], ele que vê no segredo o ouvirá. [...] O seu desejo é a sua oração [o seu pedido]; se contínuo é o seu desejo, contínua é também a sua oração. [...] Se não quiseres parar de rezar, não cesses de desejar”.¹⁶

Que gratidão imensa e sem limites ouvir essas coisas, dar-se conta de que ainda uma vez Cristo se torna assim abertamente presente! Nenhuma notícia é comparável a esta: Cristo presente ainda tem piedade de nós. É assim que Ele continua a ser o primeiro, que Ele nos *primerea*. Com essa Presença no olhar, nós podemos olhar e julgar tudo; podemos ter um olhar cheio dessa luz sobre o nosso tempo, sobre o vazio, sobre a violência, sobre a tribulação, sobre a impaciência.

Esse olhar pode nos ajudar a entender também toda a densidade do que vivemos na Praça São Pedro. São tantos os sinais do acontecimento que Roma foi para nós, como muitos escreveram. Vocês, como eu, o sabem bem. “Voltando de carro”, diz sinteticamente um de vocês, “junto com amigos, havia um clima diferente: era flagrante que, naquele dia, havia acontecido algo a todos nós”. São tantos os sinais de que do dia 7 de março não ficou apenas um impacto momentâneo sentimental, mas que ele determinou um olhar novo sobre a vida.

O que aconteceu na Praça São Pedro? O papa não nos falou simplesmente. Com ele, vivemos um gesto que – para usar a sua expressão – nos “descentrou”, nos trouxe uma vez mais ao centro e nos fez experimentar Cristo em ação. Não há um outro ponto de partida além dessa experiência para olhar tudo o que aconteceu. Papa Francisco fez acontecer

¹⁴ *Idem*, pp. 78-79, 81.

¹⁵ *Idem*, p. 81.

¹⁶ SANTO AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos (1-50)*. São Paulo: Paulus, 1997 (SI 37,14).

aquilo do que nos falou: um encontro, um encontro cheio de piedade, de misericórdia. É o mesmo método da noite de Páscoa. Por isso, é à luz da experiência feita que podemos entender aquilo que nos disse, inclusive o seu chamado à conversão, para não perder o centro, Cristo, em tudo aquilo que fazemos.

Percebi, em alguns, um certo maravilhamento diante desse chamado à conversão. Mas, amigos, seria presunçoso pensar que nós não precisamos de conversão, que não exista nada em nós que deva ser mudado. Quem de nós não tem necessidade de conversão? Por isso, escutando as várias reações, veio-me em mente um trecho da *Carta aos Hebreus* que cita os *Provérbios*, que acredito que poderá nos ajudar a ler o discurso do Papa com a postura justa: “Portanto, com tamanha nuvem de testemunhas em torno de nós, deixemos de lado tudo o que nos atrapalha e o pecado que nos envolve. Corramos com perseverança na competição que nos é proposta, com os olhos fixos em Jesus, que vai à frente da nossa fé e a leva à perfeição. Em vista da alegria que o esperava, suportou a cruz, não se importando com a infâmia, e assentou-se à direita do trono de Deus. Pensai, pois, naquele que enfrentou uma tal oposição por parte dos pecadores, para que não vos deixeis abater pelo desânimo. Vós ainda não resististes até ao sangue, na vossa luta contra o pecado, e já esquecestes as palavras de encorajamento que vos foram dirigidas como a filhos: “*Meu filho, não desprezes a correção do Senhor, não te desanimes quando ele te repreende; pois o Senhor corrige a quem ele ama e castiga a quem aceita como filho*” (Pr 3,11-12). É para a vossa correção que sofreis; é como filhos que Deus vos trata. Pois qual é o filho a quem o pai não corrige? Pelo contrário, se ficais fora da correção aplicada a todos, então não sois filhos, mas bastardos. [...] Deus, porém, nos corrige em vista do nosso bem, a fim de partilharmos a sua própria santidade. Na realidade, na hora em que é feita, nenhuma correção parece alegrar, mas causa dor. Depois, porém, produz um fruto de paz e de justiça para aqueles que nela foram exercitados”.¹⁷

Prestemos atenção na diferença entre certas reações nossas ao discurso do Papa e a reação de Dom Giussani depois do reconhecimento da Fraternidade de Comunhão e Libertação, no dia 11 de fevereiro de 1982. Assim, cada um de nós pode fazer a comparação.

“O ato da Santa Sé ‘erige e confirma em pessoa jurídica para a Igreja universal a associação leiga denominada Fraternidade de Comunhão e Libertação, declarando-a, para todos os efeitos, Associação de Direi-

¹⁷ Hb 12,1-11.

to Pontifício e estabelecendo que seja reconhecida por todos como tal'. [Mas], o texto do decreto [de reconhecimento] vinha acompanhado por uma carta, endereçada a Dom Giussani, do cardeal Rossi”, na qual se fazia uma lista de “recomendações” entre as quais: “a coerente afirmação do próprio carisma deve evitar ‘tentações de autossuficiência’; o reconhecimento da natureza eclesial da Fraternidade implica ‘uma sua plena disponibilidade e comunhão com os Bispos, com o Supremo Pastor da Igreja à frente’; os sacerdotes devem estar ‘a serviço da Unidade’; e todos os membros não devem impedir que ‘a fé mantenha toda a sua força de irradiação sobre a vida’” e assim por diante. “Giussani lembrará de ter dito ao cardeal Rossi, quando lhe entregou a carta, que gostaria de publicá-la, e de ter ouvido o purpurado responder: ‘Não, não a publique! Porque os malevolentes podem interpretar mal as recomendações que nela estão escritas’. Pelo contrário, para Giussani, a carta ‘é justamente um exemplo da maternidade com a qual a Igreja consegue’, quando há pastores como o Cardeal, ‘acompanhar os seus filhos’. Naquele ponto, o Cardeal consentiu que se publicasse.”¹⁸

Por que temos tanto medo de acolher os chamados de atenção do Papa e reconhecer os nossos erros? É um sinal de que a nossa consistência ainda está naquilo que fazemos, naquilo que temos, isto é, que nos deslocamos de Cristo. Por isso, nunca temos paz em nós, nem letícia: porque não colocamos a consistência naquilo que nos aconteceu, nEle que nos aconteceu.

Por que o Papa e Dom Giussani não têm esse medo? Porque, para eles, a certeza é colocada em outra coisa diferente daquilo que fazem e têm. Escutem o que diz Giussani – me parece um juízo crucial para começar bem esses dias de Exercícios e parar olhar tudo à luz da ressurreição de Cristo: “Normalmente, [...] a consistência [...], nós a buscamos naquilo que fazemos ou naquilo que temos, que é o mesmo. Assim, a nossa vida nunca tem aquele sentimento, aquela experiência da certeza plena, que a palavra ‘paz’ indica, aquela certeza e aquela plenitude [...], aquela certeza plena, [...] sem a qual não há paz [...], não há alegria. No máximo, chegamos à satisfação naquilo que fazemos, à satisfação conosco mesmos. E estes fragmentos de satisfação naquilo que fazemos, ou naquilo que somos não resultam em nenhuma alegria e nenhuma felicidade, nenhum senso de plenitude seguro, nenhuma certeza e nenhuma plenitude”. É isto o que perdemos! “A certeza é algo que ocorreu a nós, aconteceu a nós, entrou em nós, foi encontrado por nós: [...] a consistência da nossa pessoa

¹⁸SAVORANA, Alberto. *Vita di don Giussani*. Milão: BUR, 2014, pp. 602-603.

[...] [é] algo que nos aconteceu [...], *Alguém* nos aconteceu. [...] ‘Vivo, não eu, mas é este [Cristo] que vive em mim’¹⁹

O Papa e Giussani podem olhar para tudo porque estão certos de Cristo e da Sua misericórdia. O Papa pode até dizer: “E, por isso, às vezes, vós me ouvistes dizer que o lugar privilegiado do encontro com Jesus Cristo é o meu pecado”.²⁰ Não podemos imaginar nada de mais libertador, para poder olhar a nós mesmos, para poder olhar tudo aquilo que somos, até mesmo aquilo que não conseguiríamos olhar! Que experiência o Papa fez para chegar a dizer isso diante de mundo? “O lugar privilegiado do encontro é o afago da misericórdia de Jesus Cristo em relação aos meus pecados”.²¹ Na base de sua audácia, está a certeza de Cristo. É a mesma audácia da Igreja que, na noite de Páscoa, grita a todo o mundo: “ó culpa tão feliz que há merecido a graça de um tão grande Redentor!”. Não devemos censurar nada; nada está excluído deste olhar, deste abraço cheio de piedade.

A censura de nós mesmos, o medo, a falta de audácia confirmam o quanto nós nos afastamos de Cristo, o quanto estamos distantes d’Ele e o quanto estamos centrados em nós mesmos: não é Cristo o centro do viver! De fato, somente quem não tenha se afastado de Cristo não terá medo de olhar tudo, até mesmo o próprio mal. Quanta necessidade temos de estar descentrados de nós mesmos para que Ele volte a ser o centro, a ponto de nos permitir olhar tudo, justamente tudo! “Jesus Cristo é sempre o primeiro, antecipa-nos, espera por nós, Jesus Cristo precede-nos sempre; e quando nós chegamos, Ele já está ali à nossa espera.”²² Quem pode imaginar um presente maior do que este para si mesmo, para a própria vida? Algo de mais útil para começar esses dias?

Mas, não acaba aqui, não é só isso. Porque sem a experiência da misericórdia não somente eu não encontro paz, mas sobretudo não conheço Cristo verdadeiramente. “As pessoas honestas”, diz Péguy, “não apresentam aquela abertura produzida por uma ferida espantosa, por uma miséria inesquecível, por um arrependimento invencível, por um ponto de sutura eternamente mal feito, por uma inquietude mortal, por uma ansiedade recôndita invisível, por uma amargura secreta, por uma precipitação perpetuamente mascarada, por uma cicatriz eternamente mal curada. Não apresentam aquela abertura para a graça que é o pe-

¹⁹ GIUSSANI, 2008, pp. 25-26.

²⁰ FRANCISCO. *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

²¹ *Idem*.

²² *Idem*.

cado, essencialmente. [...] As ‘pessoas honestas’ não se deixam banhar pela graça”.²³

O Papa nos disse: “Só quem foi acariciado pela ternura da misericórdia conhece verdadeiramente o Senhor”²⁴. Sem a experiência da misericórdia, não conhecemos Cristo! Fora o engano e a ingenuidade de pensarmos-nos sem pecado, se não experimentamos e não reconhecemos a Sua misericórdia, nunca poderemos – nunca mesmo! – saber quem é Cristo. A falta de experiência da Sua misericórdia confirma o quanto estamos “afastados”, descentrados, desviados de Cristo.

Que consolo, então, reler o relato do fariseu e da mulher pecadora, para começar esses dias!

“Um fariseu convidou Jesus para jantar. Ele entrou na casa do fariseu e sentou-se à mesa. Havia na cidade uma mulher que era pecadora. Quando soube que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro, cheio de perfume, postou-se atrás, aos pés de Jesus e, chorando, lavou-os com suas lágrimas. Em seguida, enxugou-os com os seus cabelos, beijou-os e os ungiu com o perfume. Ao ver isso, o fariseu que o tinha convidado comentou: “Se este homem fosse profeta, saberia quem é a mulher que está tocando nele: é uma pecadora!” Então Jesus falou: “Simão, tenho uma coisa para te dizer”. Ele respondeu: “Fala, Mestre”. “Certo credor”, retomou Jesus, “tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentas moedas de prata, e o outro cinquenta. Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual deles o amará mais?” Simão respondeu: “Aquele ao qual perdoou mais”. Jesus lhe disse: “Julgaste corretamente”. Voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Estás vendo esta mulher? Quando entrei na tua casa, não me ofereceste água para lavar os pés; ela, porém, lavou meus pés com lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Não me beijaste; ela, porém, desde que cheguei, não parou de beijar meus pés. Não derramaste óleo na minha cabeça; ela, porém, ungiu meus pés com perfume. Por isso te digo: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, pois ela mostrou muito amor. Aquele, porém, a quem menos se perdoa, ama menos”. Em seguida, disse à mulher: “Teus pecados estão perdoados”. Os convidados começaram a comentar entre si: “Quem é este que até perdoa pecados?” Jesus, por sua vez, disse à mulher: “Tua fé te salvou. Vai em paz!”²⁵

²³ PÉGUY, Charles. *Nota congiunta su Cartesio e la filosofia cartesiana*. In: PÉGUY, Charles. *Lui è qui*. Milão: BUR, 1997, pp. 474-475.

²⁴ FRANCISCO. *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

²⁵ *Lc* 7,36-50.

Quem conhece mais a Jesus? Quem pode experimentar um amor maior e viver aquela moralidade sobre a qual nos falou o Papa? Aquele a quem muito é perdoado, ama muito. Como podia, aquela mulher, amar tão intensamente? Pela consciência que tinha de já ter sido toda perdoada, porque havia conhecido aquele homem. Que audácia! A audácia que lhe vem do fato de ter sido perdoada a faz entrar naquela casa e cumprir aquele gesto sem precedentes. Havia um lugar no qual tinha sido acolhida com todo o seu mal, tinha se sentido abraçada por um olhar cheio de misericórdia. Por isso, não tinha medo de olhar o próprio pecado. Descentrada de si e do seu pecado, toda determinada pelo olhar de Cristo, aquela mulher não podia mais olhar nada sem Cristo no olhar. Essa é a libertação que Cristo traz para a nossa vida, seja lá qual for o nosso mal.

Peçamos que Cristo domine de tal forma esses dias que possam retornar para casa “livres”.

Um gesto dessas dimensões não é possível sem a contribuição de cada um de nós. “Como?”, perguntava-se Dom Giussani nos Exercícios da Fraternidade de 1992. “Com uma só coisa: com o silêncio. Que, pelo menos por um dia e meio [...], saibamos descobrir e nos deixar afundar dentro do silêncio! Nele, pensamento e coração, a percepção daquilo que nos circunda e, por isso, o abraço fraterno, amigável com as pessoas e com as coisas se exalta. Que, em um dia e meio ao longo de todo um ano, nos deixemos levar pelo esforço, pela fadiga deste silêncio!”. Perderemos o melhor, se não dermos espaço à possibilidade de que aquilo que nos acontece nos penetre até o miolo. “O silêncio não é o não falar; o silêncio é estar com o coração e a mente cheios das coisas mais importantes, aquelas nas quais, normalmente, nunca pensamos, mesmo sendo o motor secreto através do qual fazemos tudo. Nada daquilo que fazemos nos basta, é satisfatório [...], razão exaustiva para fazê-lo [...]. [Pelo contrário], o silêncio [...] coincide com aquilo que nós chamamos memória”, para deixar entrar este olhar. “Por isso, insistimos para que o silêncio seja respeitado na sua natureza [...], mas também para que seja salvo o contexto através do qual a memória pode ser útil: o não falar inutilmente. Recomendamos o silêncio sobretudo durante os deslocamentos”; porque, assim, quando entrarmos no salão, “a memória será favorecida pela música que ouviremos ou pelos quadros que veremos; nos disporemos assim a olhar, a escutar, a ouvir com a mente e com o coração aquilo que, de algum modo, Deus nos proporá”. E concluía: “Devemos ter uma grande compaixão por aquilo que nos é proposto e pelo modo com o qual nos é proposto; a intenção é boa, quer o seu bem, lhe quer bem. Seria muito melancólico não poder

fazer outra coisa, mas aquilo que fazemos juntos, neste dia e meio, é apenas um aspecto do grande gesto amoroso com o qual o Senhor – ainda que você não se dê conta disso – empurra a sua vida em direção àquele Destino que é Ele”²⁶.

²⁶GIUSSANI, Luigi. *Dare la vita per l'opera di un Altro*: Exercícios espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação. (Notas das meditações), Rimini, 1992; suplemento de *CL-Litterae Communionis*, n. 6, 1992, pp. 4-5.

SANTA MISSA

Liturgia da Missa: At 9,1-20; Sl 116 (117); Jo 6,52-59

HOMILIA DE PADRE STEFANO ALBERTO

Pode-se pensar estar cheios de zelo pelo Senhor, como Saulo, e não ver nada. Pode-se pensar fazer tudo pelo Senhor, como Saulo, e estar distantes de Cristo. Quanto mais se pensa ser justo, tanto mais se age e mais se faz o mal. Saulo se prepara para perseguir mulheres, crianças, famílias. Mas, acontece algo de absolutamente imprevisível. E o mais impressionante é que o Senhor Jesus Se manifesta dentro da resistência de Saulo, dentro do orgulho de Saulo, dentro da fúria do perseguidor. Jesus o agarra e muda a sua vida. Não há – escutamos isso – outro modo para mudar: aceitar essa identificação do Senhor com a nossa vida, com o nosso mal; aceitar este dom total que Ele oferece a cada um de nós.

Não podemos interpretar aquilo que escutamos Jesus dizer na sinagoga de Cafarnaum: “Aquele que de mim se alimenta viverá por meio de mim”. “Aquele que de mim se alimenta”: essa identificação de Cristo chega a ser comida e bebida para nós pecadores, para nós pobrezinhos. Essa identificação de Cristo com aquele que agarra é o método com o qual Ele vence a história, com o qual venceu o grande perseguidor tornando-o o maior missionário da história da Igreja: Saulo se torna Paulo. “Aquele que de mim se alimenta viverá por meio de mim”.

Na grande pergunta de Jesus a Saulo – “Por que *me* persegues?” “Mas, eu persigo os Teus!” – está todo o método. A iniciativa de Cristo se identifica com aquele que ele escolhe e agarra. Não somos salvos por quem nós escolhemos, por quem pensamos. A potência redentora de Cristo, o perdão de Cristo, a inteligência nova de Cristo, a força nova de Cristo, em Paulo tem o rosto de Ananias, no início temeroso de receber esta missão.

E, para nós, qual é o rosto de Cristo? Essa é a grande alternativa possível: resistir, como os doutores em Cafarnaum – “Como é que ele pode dar a sua carne a comer?” – ou aceitar a simplicidade, a radicalidade, a potência vivificante desse método – “Quem vos recebe, a mim recebe. Quem recebe quem eu envio entre vós, me recebe. Quem escuta quem eu escolhi entre vós, me escuta. E quem não o escuta, não me escuta”.

Uma presença no olhar é o que cada um de nós deseja e grita. Mas, para que isto aconteça devemos simplesmente reconhecer e acolher o olhar daquela Presença.

Sábado, 25 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Franz Schubert, Sonata para harpa e pianoforte, D 821

Mstislav Rostropovich, violoncello – Benjamin Britten, pianoforte

“Spirto Gentil” n. 18, Decca

Padre Pino. “Jesus Cristo nos precede sempre, nos *primerea*; e quando nós chegamos, Ele já nos estava esperando.”¹

Angelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

O centro é um só, Jesus Cristo

“São vinha dizendo: ‘O Senhor me abandonou, o Senhor esqueceu-se de mim!’ Acaso uma mulher esquece o seu neném, ou o amor ao filho de suas entranhas? Mesmo que alguma se esqueça, eu de ti jamais me esquecerei!”²

Este é o olhar que nos é oferecido uma vez mais a cada manhã, que nos permite olhar para tudo diversamente. O que perdemos quando não acolhemos, em cada manhã, esta positividade última – “Eu de ti jamais me esquecerei” – como ponto de partida para entrar no real! Quanto mais a pessoa se dá conta disso, tanto mais entende que “se há algo que vale / é habitar a Tua casa”, onde é oferecida uma vez mais esta consciência a cada dia; “todo o resto é banal”.³ É com este olhar que podemos olhar para tudo.

¹ Cfr. FRANCISCO, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

² Cfr. *Is* 49,14-15.

³ CHIEFFO, Claudio, “Errore di prospettiva”, *Canti*, Società Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, Milão 2014, p. 225.

1. “Um estranho obscurecimento do pensamento”

a) Um passo necessário em cada encontro nosso é a identificação do problema, a situação na qual nos encontramos, como Dom Giussani nos educou incansavelmente a fazer: para poder caminhar, é preciso se dar conta do contexto no qual somos chamados a viver, dos desafios que nos dizem respeito, das reduções nas quais tropeçamos, já que não há vida abstrata, não há caminho, não há vocação e testemunho fora da história, fora das circunstâncias e dos condicionamentos nos quais estamos, das fraquezas e dos fracassos que mais nos caracterizam, dos perigos que mais frequentemente corremos.

Portanto, a primeira contribuição que nos damos está no juízo, na consciência dos dados, da realidade na qual o Mistério nos faz viver. Porque a primeira e mais grave dificuldade na qual nos encontramos não é, em primeiro lugar, de caráter moral, mas cognitivo – como estamos vendo na Escola de Comunidade, no início do terceiro capítulo de *Por que a Igreja*.

Um fato – que todos vimos, do qual todos participamos –, o gesto de Roma, nos ajuda a entender o tipo de dificuldade que caracteriza o contexto no qual vivemos e que chamamos no último ano, a partir da intervenção sobre a Europa, de “colapso das evidências”. Com efeito, nem mesmo um gesto imponente e público como aquele – acontecido na presença de todos e de modo pelo menos aparentemente inequívoco – pode interromper a multidão de interpretações, mesmo que opostas entre si. Por quê? É aqui que vem à tona a dificuldade de que falamos, relativa às evidências. Roma é apenas um exemplo impressionante daquilo que nos acontece em cada coisa que vivemos.

“O que é a evidência?”, perguntava-se Dom Giussani. “A evidência é uma presença inexorável!”. E acrescentava: “Dar-se conta de uma presença inexorável! Abro os olhos diante desta realidade que se me impõe”.⁴ A evidência implica, portanto, dois termos: de um lado, a presença, o impor-se do fato, da realidade; do outro, o nosso abrir os olhos para ela, o dar-se conta dela. Na evidência estão sempre em jogo dois fatores: a realidade e o eu de cada um de nós.

Falar de “colapso das evidências” não significa, então, afirmar que a realidade desapareceu (foi por demais óbvio para todos que a Praça São Pedro era “realidade”) ou que a estrutura humana se enfraqueceu, que a ontologia se alterou: significa dizer que o nosso reconhecimento dela se

⁴ GIUSSANI, Luigi, *O senso religioso*, Universa, Brasília 2009, p. 157.

enfraqueceu, a nossa capacidade de vê-la e de captá-la no seu significado, na sua natureza, no seu rosto autêntico. Está em questão “o dar-se conta” daquilo que temos diante de nós, daquilo que somos. Por isso – este é o ponto – não basta a objetividade que acontece diante de nós. Para reconhecê-la é preciso algo de outro, é preciso uma abertura, uma disposição do sujeito, uma “genialidade” em nós, como diz Giussani: o senso das coisas que nos vem ao encontro, da realidade que nos alcança, é captado, com efeito, na medida da evolução do senso religioso, ou seja, na medida do senso do eu que cada um tem.

Assim, diante de “Roma”, diante da “vida religiosa” que é a Igreja, devemos registrar, em primeiro lugar, “uma dificuldade de inteligência, uma fadiga devida à falta de disposição do sujeito em relação ao objeto que ele deve julgar: uma dificuldade de inteligência causada por uma situação não desenvolvida do senso religioso”. Isso pode acontecer diante da Igreja assim como se apresenta hoje e, analogamente, diante da modalidade com a qual a Igreja nos alcança através do Movimento. É sintomático que, hoje, quem tem dificuldade com a Igreja, tenha dificuldade também com o Movimento. “A falta de educação do senso religioso natural nos leva muito facilmente a sentirmos distantes de nós realidades que, ao contrário, estão radicadas dentro da nossa carne e do nosso espírito.”⁵

A nossa dificuldade de inteligência, a nossa dificuldade para compreender, é, ao mesmo tempo, filha de uma influência do contexto, do clima que respiramos e de uma não educação do senso religioso; por isso, depende também da nossa cumplicidade, de uma falta de compromisso nosso, de uma superficialidade presunçosa nossa.

b) Por um “estranho obscurecimento do pensamento”⁶, em nós e em torno de nós tantas evidências desmoronaram; e entre elas desmoronou até mesmo a *evidência do eu*, mesmo em nós, que não somos impermeáveis às solicitações que recebemos. O critério necessário para relacionar-se com tudo é o senso do eu que cada um de nós tem: para entender um filho assim como para captar a profundidade de um poema ou o alcance daquilo que um amigo ou a sua mulher lhe comunicam. Sem eu, não há tu, mas somente aridez nos relacionamentos. Quem sou eu? O que verdadeiramente desejo? Hoje, justamente isto se tornou obscuro. Cada um adverte em si um impulso, um anseio, uma vontade de ser, de se realizar, de se afirmar. Mas,

⁵ GIUSSANI, Luigi, *Por que a Igreja*, Companhia Ilimitada, São Paulo 2015, p. 21.

⁶ BENTO XVI, *Luz do mundo. O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos. Uma conversa com Peter Seewald*, Paulinas, São Paulo 2011, p. 43.

do que é feito este impulso, para onde se dirige, o que pode, verdadeiramente, satisfazê-lo? Nada é menos evidente do que isto. Sabe-se aquilo que os outros querem de nós – como “é preciso” ser, o que “é preciso” pensar –, mas não se sabe aquilo que se é, não nos é mais evidente. O conteúdo da palavra “eu” é, frequentemente, apenas uma convenção social.

Eis como Giorgio Gaber o expressa: “Busco um gesto, um gesto natural / para estar seguro de que este corpo é meu. / Busco um gesto, um gesto natural / inteiro como o nosso eu. // E, ao contrário, não sei nada; estou em pedaços; não sei mais quem sou / entendo apenas que continuamente eu me condiciono / deve ser como um homem, como um santo, como um deus / para mim, sempre há o como e não há eu...”⁷. E, no entanto, mesmo que eu esteja em pedaços, não posso – não posso! – tirar de mim o fato de que eu quero ser eu inteiro, em cada gesto que vivo.

O homem contemporâneo (ou seja, cada um de nós) parece ter se tornado estrangeiro para si mesmo, nada lhe é menos evidente do que o conteúdo da palavra “eu”, das suas dimensões essenciais; move-se com se não tivesse uma bússola profunda. É este o grande drama. Todo o resto são consequências. Por isso, Giussani dizia há alguns anos: “Não [há] [...] mais nenhuma evidência real, a não ser a moda”⁸. Aquela natureza do eu – exigências e evidências originais –, que deveria ser a bússola para se orientar na vida, é ofuscada e substituída pela moda. E se nós não nos damos conta de que a questão é que esta bússola, esta natureza do eu, volte a ser capaz de reconhecer a realidade, coisa alguma, ação alguma que possamos imaginar poderá oferecer uma contribuição real para a situação do homem.

O que fica anestesiado é, em primeiro lugar, a capacidade de captar a evidência em referência a si mesmos, e, portanto, o exercício da razão, do senso crítico. Consequentemente, incrementa-se a acomodação aos esquemas, o hábito gregário e diminui a autonomia do juízo, da tomada de posição. É a razão pela qual Dom Giussani afirma que não se trata de uma fraqueza ética, “mas de energia da consciência”⁹, aquela energia com a qual olhamos os filhos, com a qual vocês olham a mulher ou o marido, com a qual olham as circunstâncias, com a qual olham a realidade, os desafios do viver. O “colapso das evidências” não é uma filosofia abstrata, mas uma situação existencial na qual nos encontramos todos – como dado de partida –, cujas raízes afundam num longo percurso (que acenamos outras vezes e que está documentado no terceiro capítulo do *Por que a Igreja*).

⁷ *Cerco un gesto, un gesto naturale*, letra e música de GABER; G. e LUPORINI; A., 1973.

⁸ GIUSSANI, Luigi, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Bur, Milão 2010, p. 182.

⁹ *Idem*, p. 181.

c) Hoje, mais do que nunca, podemos reconquistar aquela clareza que nos falta *apenas* a partir de dentro da experiência. A situação não se resolve “estudando” uma antropologia ou uma moral: é da experiência que devemos aprender quem somos, entender o que está à altura do problema da vida e o que não está. Por isso, não se trata de substituir um discurso por um outro, mas de nos sustentarmos numa atenção à nossa experiência, de nos ajudarmos a olhar. O que emerge de mim, da minha natureza, naquilo que vivo, observando-me em ação? O caminho para o verdadeiro é uma experiência. Se você quer fazer um caminho que o leve sempre mais a uma clareza, deve viver de tal modo – quer dizer, de tal forma seriamente – que possa conquistar, a partir de dentro da sua experiência, aquela clareza que lhe falta. Porque a fonte de cada evidência é a experiência. “A experiência [de fato] é o *tornar-se evidente da realidade*.”¹⁰

Portanto, é preciso descobrir, a partir de dentro da experiência, que a vida – a minha, a sua – é feita de um desejo de felicidade que nada consegue realizar, aplacar, de uma sede de significado total, exaustivo, na ausência do qual o homem se perde e pode desencadear-se a pior violência. Devemos descobrir em nós o desejo da “bela dita por que tanto anseia / A mortal natureza” – de que fala Leopardi –, e que este desejo “de ser felizes” atormenta os homens “desde que o mundo é mundo”.¹¹ Não é preciso tomar como boas, passivamente, as afirmações que ouvimos ou que lemos, não se pode ser agitado pelas teses dos outros. Não é preciso considerar óbvio o desejo de felicidade só porque é Leopardi quem fala dele. Não é, em primeiro lugar, Leopardi, o poeta, a dizer que o homem é atormentado pelo desejo da felicidade e da verdade: é a nossa vida mesma que o grita! E, por isso, podemos ler Leopardi (ou outros) e encontrarmos-nos nele, sentirmos-nos expressos nele mais adequadamente do que nós seríamos capazes de fazer. No mesmo sentido, não estamos aqui, agora, tomando partido, para dizer que o homem é inelutável exigência de um significado: é a vida pesada e sofrida que o diz dramaticamente, o mal-estar profundo de tantos jovens de hoje. Porque “não se vive do nada. Ninguém pode estar de pé, ter uma relação construtiva com a realidade, sem alguma coisa pela qual valha a pena viver, sem uma hipótese de significado”.¹²

¹⁰ GIUSSANI, Luigi, *In cammino (1992-1998)*, Bur, Milão 2014, p. 315.

¹¹ LEOPARDI; Giacomo, “Al Conte Carlo Pepoli”, vv. 24-25; 28-29.

¹² CARRÓN; Julián, “O desafio do verdadeiro diálogo depois dos atentados de Paris”, *Corriere della Sera*, 13 de fevereiro de 2015, p. 27.

d) O que nos ajuda a sair deste estranho obscurecimento de que falava Bento XVI, deste ofuscamento? Quais são os aliados da descoberta de si, de uma tomada de consciência de si? Como pode emergir e se tornar potente o reconhecimento daquilo que somos? A consciência da nossa humanidade deve ser, de fato, como diz Dom Giussani, “constantemente solicitada e ordenada”¹³, quer dizer “educada”, para despontar e permanecer viva. O que educa o senso religioso?

O grande “aliado” – dito com uma palavra sintética da qual devemos descobrir toda a riqueza – é a realidade (“O chamado de atenção também não é feito diretamente por Deus [...]. O chamado de atenção que põe em movimento o senso religioso do espírito humano vem de Deus através da realidade criada”¹⁴).

“Realidade” quer dizer tudo aquilo que existe, tudo aquilo que acontece, as solicitações que recebemos, as circunstâncias através das quais passamos, os golpes da vida, aqueles desejados e aqueles indesejados (pensemos, por exemplo, nos eventos trágicos destes dias e em todos aqueles que afligem a vida de cada um): quantas vezes nos damos conta de que justamente aqueles golpes que não quereríamos nos escancararam a uma consciência incomparável de nós mesmos, que sem eles não existiria, introduziram o nosso eu numa profundidade de descoberta de si antes desconhecida. Então, entendemos como Dom Giussani tem razão quando diz que “a única condição para ser sempre e verdadeiramente religiosos é vivermos sempre intensamente o real. A fórmula do itinerário rumo ao significado da realidade é viver o real sem censuras, isto é, sem renegar nem esquecer nada. Não seria, com efeito, humano, ou seja, razoável, considerar a experiência limitando-se à sua superfície, à crista de sua onda, sem descer à profundidade do seu movimento”¹⁵.

Uma amiga me escreve: “Depois das intervenções de ontem à noite no jantar dos Bancos de Solidariedade, intuí um pouco mais porque, nesses últimos meses, estou vivendo a caritativa com mais letícia; e não entendia por que, dadas as circunstâncias. Em novembro, diagnosticaram a filha de um amigo com leucemia: com ele, há dez anos, levo as cestas básicas a três famílias da nossa região e, inicialmente, para além da dor por esta notícia, de forma egoísta pensei no fato que seria difícil sem a sua ajuda; fazer esta caritativa tinha se tornado um pouco uma rotina e,

¹³ GIUSSANI, Luigi, *Na origem da pretensão cristã*, Companhia Ilimitada, São Paulo 2012, p. 121.

¹⁴ GIUSSANI, Luigi, *O senso de Deus e o homem moderno*, Bur, Milão 2010, p. 26.

¹⁵ GIUSSANI, Luigi, *O senso religioso*, op. cit., p. 166.

aparentemente, para mim estava indo bem assim. Passada esta fase inicial de desânimo, aconteceu que me perguntei seriamente o que queira dizer fazer caritativa, o que a realidade, neste momento, pede a mim, e o que queira dizer compartilhar minha necessidade com a das famílias que encontro mensalmente, com os meus alunos, a minha família, os amigos. A realidade, paradoxalmente, se tornou mais interessante, sim, interessante! Olhar como o meu amigo e sua mulher olham para a sua filha me faz pensar que há um olhar bom que vem antes e que é o que desejo também para mim. Saio de casa cheia de alegria, não porque as coisas estejam indo bem ou estejam indo como eu tenho em mente, mas porque eu estou mais presente, tem a minha humanidade mais presente, tem a curiosidade de ver como o Bom Deus me surpreende, e a certeza de que foi Ele quem me deu a possibilidade de encontrar justamente aquelas famílias ali e viver este gesto com aqueles amigos ali, que são, para mim, o rosto bom de Jesus”.

O belo do caminho que fazemos é que tudo isso faz parte da aventura da renovada descoberta de quem somos, do despertar constante do nosso eu. Como vemos, é a experiência que me faz dar-me conta de quem sou verdadeiramente. Não a imagem que eu fiz de mim, não a redução que fiz daquilo que sou. Que erro grosseiro cometemos continuamente: identificar aquilo que somos com aquilo que pensamos ser, como se fosse o seu pensamento a lhe dizer quem você é e não a experiência! Por isso, é na experiência do viver que acontece a descoberta da realidade e do meu eu.

De dentro de todas as nossas tentativas de nos acomodarmos, de calar a nós mesmos, emerge inexorável outra vez o “abismo da vida”¹⁶, de que fala Miguel Mañara, a profundidade inteira do nosso eu. As nossas tentativas se demonstram insuficientes, falhas, mesmo quando têm sucesso e tudo fica bem – não apenas quando acontece uma doença ou um desastre, mas também quando tudo correu bem. Porque, como dizia Leopardi, “Ai, no imo do peito, grave, duro, imoto, / Como coluna adamantina, o tédio / Imortal se firmou e nada pode / Contra ele o juvenil vigor”¹⁷. Podemos fazer de tudo, mas um tédio invencível, grave, bem firme, imóvel como coluna de aço se instala no coração, e contra ele nada pode, nem mesmo a nossa juventude. “Eu como a erva amarga da rocha do tédio”¹⁸, dizia ainda Miguel Mañara depois de todas as suas aventuras.

¹⁶ MILOSZ, O.V., *Miguel Mañara, Mefiboseth, Saulo di Tarso*, Jaca Book, Milão 2001, p. 28.

¹⁷ LEOPARDI, Giacomo, “Al Conte Carlo Pepoli”, vv. 72-73.

¹⁸ MILOSZ, O.V., *Miguel Mañara*, op. cit., p. 27.

Se, portanto, de um lado, nós nos encontramos, hoje, tendo que fazer uma enorme fadiga para recuperar as evidências perdidas (estamos na situação existencial descrita pelo exemplo que Giussani dá em *Por que a Igreja*, daqueles alpinistas que têm muita dificuldade para chegar ao ataque da parede rochosa, para se colocarem na posição adequada para começar a escalada), de outro lado, justamente na experiência do tédio e da desilusão, da tristeza ou do peso da vida, começa a se tornar notável em contraluz esta sede que é o eu, a realidade do coração, o nosso tecido último. De fato, em toda a desilusão, em todo o tédio, há algo que se anuncia; apesar de tudo se arruinar, há algo que permanece. Através daquela desilusão e daquele tédio, da percepção da inconsistência e de precariedade, abre caminho a evidência do meu eu como desejo de felicidade. É impressionante ver alguns exemplos disso.

Fiquei tocado com uma canção de Vasco Rossi, *Dannate Nuvole*, na qual o cantor conta a experiência que faz de si mesmo e da vida: “Quando caminho sobre estas / Danadas nuvens / Vejo as coisas que fogem / Da minha mente / Nada dura, nada dura / E disto sabes / Porém / Nunca te habituas [por quê? o que, em nós, teimosamente, nos impede de nos habituar?] // Quando caminho neste / Vale de lágrimas / Vejo que tudo deve se / Abandonar / Nada dura, nada dura / E disto sabes / Porém / Nunca te habituas // *Quem sabe por quê?* (3x) [é das vísceras da experiência que fazemos que nasce este ‘quem sabe por quê?’] // Quando quero dizer a ‘verdade’ / Estou confuso / Não estou seguro / Quando me vem em mente / Que nada existe / Só fumaça / Nada de verdadeiro / Nada é verdadeiro, nada é verdadeiro / E talvez o sabes [mas, se nada é verdadeiro...] / Porém / Tu continuarás [por quê?] // *Quem sabe por quê?* (3x) // Quando me vem em mente / Que nada existe / Só fumaça / Nada de verdadeiro / Nada dura, nada dura / E disto sabes / Porém / Tu não te rendes // *Quem sabe por quê?* (9x) // Quando me vem em mente / Que nada existe”¹⁹. O que descobre um homem, na própria experiência, mesmo quando fala assim negativamente do viver? O que resiste apesar da sua filosofia, do seu niilismo (“nada é verdadeiro”, “nada dura”)? Mas nunca se rende, “quem sabe por quê?”. Tudo pode se arruinar, eu posso pensar o que quer que seja, deixar-me arrastar por aquilo que todos dizem, fazer-me esmagar até mesmo pelo meu niilismo, mas há em mim algo que derrota o niilismo: que eu não me rendo. “Tu não te rendes // *Quem sabe por quê?*”.

E quando a pessoa tenta evitar esta tomada de consciência, nem mesmo isto pode anular a evidência daquilo que somos. Guccini descreve-o

¹⁹ *Dannate Nuvole*, letra e música de ROSSI, Vasco, 2014.

bem em *Canzone per Piero*: “Eu digo sempre ‘não quero entender’, mas é como um vício sutil e, quanto mais penso / mais descubro em mim este vazio imenso e, como remédio, apenas o dormir. / E, depois, cada dia volto a despertar e permaneço incrédulo, não gostaria de me levantar, / mas vivo ainda e estão ali me esperando...”. O que? “As minhas perguntas, o meu nada, o meu mal...”.²⁰ Quanto mais se vai a fundo, mais nos descobrimos com a surpresa daquilo que não havíamos reconhecido no início: o dado! Apesar de toda a nossa confusão, algo resiste como dado! Descubro-o em mim ali, diante de mim. E assim se nos reapresentam, depois de um longo e conturbado percurso, as evidências que caracterizam o nosso eu.

É possível até mesmo fazer coisas para não pensar, mas a dor explode no peito, como canta Amy Winehouse em *Wake up alone* (Acordo sozinha): “Tudo vai bem durante o dia, me mantenho ocupada / Empenhada o bastante para não ter que pensar onde ele esteja / Estou muito cansada de chorar, / Quando me recupero, mudo completamente de humor // Estou bem, limpo a casa, pelo menos não estou bebendo / Vou para lá e para cá, assim não tenho que pensar em pensar / Aquele mudo sentido de alegria que cada um experimenta / Desaparece tão logo o sol se põe // Este rosto nos meus sonhos me agarra as vísceras / Me inunda de terror [...] / E acordo sozinha // Se eu fosse o meu coração eu preferiria estar sem paz / [...] Esta dor no meu peito, agora que meu dia terminou / [...] Me inunda de terror”.²¹

À realidade, ao chamado de atenção que coloca em movimento a nossa humanidade e a consciência de nós mesmos, ao complexo de eventos, de solicitações e de provocações que chamamos “realidade” pertence, de modo original e essencial, também e sobretudo, a trama de encontros que caracterizam a nossa vida e lhe permite o desenvolvimento. Como diz Giussani, “o homem se desenvolve por relacionamento, por contato com outro. O outro, é tão originariamente necessário para que o homem exista, que é necessário também para que o homem se torne verdadeiro, torne-se sempre mais si mesmo”.²²

Se olharmos para como, em nós, se revela e se afirma o eu, a consciência de nós mesmos, deveremos dizer: o nosso eu emerge na medida da provocação que o alcança e que aceita. O eu, o senso religioso, a própria humanidade, ativa-se a partir da solicitação que recebe da realidade, e

²⁰ *Canzone per Piero*, letra e música de GUCCINI, 1974.

²¹ *Wake Up Alone*, letra e música de WINEHOUSE, Amy e O'DUFFY, P, 2006.

²² GIUSSANI, Luigi, *Introduzione alla realtà totale. Il rischio educativo*, suplemento de *Tracce-Litterae Communionis*, n. 4, abril de 2006, p. 5.

em primeiro lugar daquele ponto nela que se revela indispensável para o desenvolvimento de si e de todas as suas estruturas, quer dizer: o outro, os outros, as relações fundamentais, o contexto humano, os encontros que marcam e acompanham o seu crescimento e o seu ser no mundo. É neste nível de profundidade que se coloca a educação, a sua necessidade e a sua influência determinante.

Como sublinha Giussani, a “experiência humana original”, ou seja, o senso religioso, aquele complexo de evidências e de exigências pelas quais eu sou homem, “só existe ativamente dentro da forma de uma provocação. Não existe, se não age”. E continua: “A nossa consciência original não age, a não ser dentro da forma de uma provocação, quer dizer, dentro da modalidade na qual é solicitada. [...] Se a estima que é provocada em mim é pela mentalidade mundana, eu enfrento o problema do meu pai, da minha mãe, da mulher, do homem, dos filhos, de tudo, através da mentalidade mundana que me provocou. Se o encontro que faço, pelo contrário, é com Cristo, é com Sua Presença, então eu vou ao encontro de tudo com a minha experiência humana provocada, movida por este encontro. A nossa experiência original se coloca diante de todas as coisas por uma promessa que tem dentro, que lhe foi feita. O que chamo ‘provocação’ é como que uma forma que a faz agir”.²³

Os encontros que fazemos representam a forma da provocação que “faz agir”, que faz existir ativamente, que move a experiência original que está em nós. Por isso, Dom Giussani nos falou sempre daquela lei que vale para todos e para qualquer homem em qualquer tempo e cultura: “O eu renasce num encontro”.²⁴ Um homem vive o percurso da descoberta de si, de uma tomada de consciência de quem é e daquilo que o realiza, de modo tanto mais completo, quanto mais é alcançado por uma provocação adequada e a aceita.

O que “repropõe a vida aos nossos olhos e ao nosso coração com seriedade?”. O que nos permite reapropriarmo-nos de nós mesmos, alcançar uma verdadeira clareza sobre o nosso destino e sobre o caminho que nos conduz a ele? Como diz Dom Giussani, “só um acontecimento, só o encontro com Cristo”.²⁵ A reconquista da evidência do eu, de uma clareza sobre si, da profundidade do desejo, o resgate da capacidade mesma da evidência são tornados possíveis, em última instância, somente por um acontecimento, por um encontro.

²³ GIUSSANI, Luigi, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, Bur, Milão 2006, p. 193.

²⁴ Cfr. GIUSSANI, Luigi, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 182.

²⁵ GIUSSANI, Luigi, *In cammino (1992-1998)*, op. cit., p. 142.

Se nós ganhamos ou podemos ganhar outra vez uma consciência mais completa do nosso coração, do complexo de exigências e de evidências no qual ele consiste, é por aquela “provocação” que é o encontro com Cristo, com a Sua presença real na história (não uma imaginação, mas um acontecimento agora, um encontro vivo). Quanto mais conscientes disso, tanto mais entendemos que, na época do “colapso das evidências”, o problema verdadeiramente radical é que exista, que se comunique aquela provocação adequada que pode favorecer o real resgate de uma percepção de si mesmos. São certos encontros, de fato, pela provocação que representam, que colocam em ação, de forma completa, a consciência originária de nós mesmos, que fazem emergir o nosso “eu” das cinzas do nosso esquecimento, das nossas reduções. Os fatos de Paris primeiro, a irrupção contínua da violência e das perseguições nesses nossos tempos recentíssimos estão diante de nós para documentar a urgência deste testemunho, de presenças que provoquem o despertar do humano. Os cristãos que vivem na própria pele a fúria da violência são um exemplo disso que nos enche de gratidão.

Uma de vocês conta: “Este ano foi um pouco difícil, me dei conta de que, no fim, flutuei! [...] A audiência em Roma, a assembleia dos Bancos de Solidariedade, a Escola de Comunidade me mostraram pessoas cheias de letícia e trabalhando com a própria vida, e me fizeram sentir uma inveja louca, a ponto de me fazer dizer: eu também quero ter esse olhar! Eu também desejo esse abraço! Estes gestos me ajudaram a levar a sério outra vez a minha necessidade e a desejar buscar, em cada momento, quem pode responder a esta necessidade. Jesus me reconquistou! É incrível se dar conta de que os mesmos gestos, as mesmas situações podem mudar quando a pessoa é desejosa, quando a pessoa é necessitada... a realidade provoca, mas se eu não estou presente pode acontecer qualquer coisa que eu não me darei conta! Não é que, antes, Jesus não existisse, mas eu não O via porque nem mesmo O buscava! Recomecei também a levar a cesta básica, porque o problema não é mais encontrar o tempo para fazer este gesto (algo a mais no dia!), mas deixar-se ajudar por este gesto a ter sempre presente a própria necessidade. Tendo este desejo de ser abraçada por Ele em cada momento, pela manhã, ainda antes de começar a preparar o café da manhã e começar logo a organizar o dia, pedi a meu marido para rezar o *Angelus* comigo, para que todo dia fosse vivido ‘na certeza de que Ele venha a encontrar cada um de nós como Ele achar melhor’, assim como me escreveu um amigo”.

Ou então, um outro escreve: “Nestes últimos dias não conseguia, francamente, entender por que os meus amigos davam tanta importância ao

encontro de Roma com o Papa, e, ao mesmo tempo, gestos como a Coleta de Alimentos e a assembleia dos Bancos de Solidariedade escapuliram. Coisas belas, mas julgava que a minha satisfação estivesse em algo outro. Na segunda-feira após a Páscoa, enquanto eu dava um passeio, encontrei no parque perto de casas dois amigos meus com seus quatro filhos, um dos quais, de não mais que três anos, tem leucemia; depois de dois anos de cuidados, agora, a situação mudou dramaticamente e, para ele, não há mais esperanças de cura. Quando os vi de longe, desejei fortemente mudar o caminho para evitar encontrá-los; pensava também que, evitando-os, os deixaria tranquilos, mas era eu que queria ficar tranquilo, que não queria estar diante deles. Depois, porém, fui até eles e sua milagrosa serenidade me tocou. Enquanto o menino e seus irmãos se divertiam no escorregador, a mãe me disse: ‘Que sol bonito está fazendo hoje!’. Nos dias que se seguiram, essa frase voltava continuamente à minha mente: quem pode permitir que uma mãe, que sabe que seu filho vai morrer, diga ‘que sol bonito’? Poderia maldizer tudo. Ao invés, aqueles meus dois amigos eram mais felizes do que eu! O encontro com eles é como se me tivesse aberto os olhos ao verdadeiro valor do encontro com o Papa: eu estava ali, com tantas pessoas, para encontrar Quem, hoje, permitiu àquela mãe dizer: ‘Que bonito o sol!’. Eu tenho apenas que ser leal”.

Não é uma imaginação, mas um acontecimento agora, como sempre nos dissemos, que faz renascer a consciência da nossa humanidade: “Quando encontrei Cristo, me descobri homem”.²⁶

2. “Uma mão que o oferece agora”

Depois do encontro, pareceria tudo no lugar. Nós O encontramos... Todos sabemos, por experiência, que não é assim. A dificuldade para entender, a incapacidade de captar as evidências permanece mesmo depois do encontro. Vimos isto quando trabalhamos o terceiro capítulo de *Por que a Igreja*, no qual Dom Giussani, logo no início, nos ajuda a nos darmos conta da nossa dificuldade de captar “o significado de palavras diretamente ligadas à experiência cristã”²⁷. Mesmo neste nível, em suma, há um colapso das evidências, uma dificuldade para entender o que nos aconteceu de modo apaixonado, persuasivo, imponente e único. Para cada um

²⁶ Cfr. VITTORINO, Mario, “In Epistola ad Ephesios”, *Liber secundus*, in *Marii Victorini Opera exegetica*, cap. 4, v. 14.

²⁷ GIUSSANI, Luigi, *Por que a Igreja*, op. cit., p. 51.

de nós o encontro com Cristo foi a maior evidência da vida. Nenhuma outra é comparável a esta. E, no entanto, quantas vezes nos deslocamos, nos afastamos de Cristo, sem nem mesmo nos darmos conta. E surpreendemos também em nós – depois do encontro e diante dele – aquele obscurecimento, aquela tendência a decair, a nos perder, a obscurecer e a nos obscurecer, ao qual acenamos. Encontramos em nós uma facilidade para o ofuscamento, para a confusão, a ponto de não conseguir mais ver as coisas evidentes, por uma espécie de fraqueza, de obtusidade. E a coisa mais surpreendente é que isto pode acontecer – e acontece – mesmo no que diz respeito à Igreja e ao Movimento.

Mesmo aqui se repropõe e emerge, portanto, o vínculo entre o fato e o reconhecimento dele, entre a presença inexorável e o dar-se conta dela (do seu significado, do seu alcance), entre a verdade e a liberdade.

A experiência da audiência com o Papa, em Roma, teve o valor pedagógico de um gesto no qual cada um pôde se surpreender em ação, verificando se estava naquela posição de sintonia original (de que fala *Por que a Igreja*) que permite entender, ou então se se descobriu bloqueado por uma obtusidade, por uma dificuldade insuperável para entender. Todos puderam ver o que aconteceu na Praça. Mas, nem tudo acabou na Praça. Não havia ainda terminado o encontro e já começavam as diversas reações e interpretações do evento e das palavras do Papa. Naquele exato momento, cada um pode ver se a experiência vivida era de tal forma clara e consistente a ponto de se manter diante das várias interpretações, as de dentro e as de fora. Nem mesmo um acontecimento dessas dimensões, a participação em um gesto assim imponente e integralmente humano, poupou – nem nunca poderá poupar – a ninguém a fadiga de acertar as contas com a experiência vivida e, a partir dela, julgar quais das interpretações que apareceram dava a razão adequada do fato.

A experiência vivida em Roma documenta que a participação no gesto não coloca a palavra “fim” na questão, sobre o que acontece. Como para o cego de nascença: a cura não foi o fim, mas o ponto de partida, o início da luta para reconhecer a verdade, a realidade daquilo que havia acontecido com ele. Quem, portanto, tendo ido embora da Praça, esperava que um juízo de autoridade “do Movimento” resolvesse as questões e tornasse claras as coisas sem que se envolvesse, pôde verificar até que ponto não é assim (neste caso, não faltou nem mesmo um juízo de autoridade, tão logo terminou o gesto, na forma de um comunicado de imprensa nosso; mas isto não basta).

Aqui se evidencia o nexos entre o primeiro e o segundo ponto do percurso que estamos fazendo: assim como uma clareza completa a respeito

do nosso eu só é tornada possível por um acontecimento, por um encontro, ao mesmo tempo, para nos darmos conta de que, depois do encontro, nos perdemos, perdendo o caminho, temos necessidade que reconteteça o encontro, ou seja, o mesmo acontecimento do início, de tão profunda que é a nossa necessidade, de tanto que é sem limites a nossa “fraqueza mortal”, como diz a liturgia. Não nos damos conta sozinhos. Temos necessidade de um outro, de uma presença integralmente humana.

Pelo que podemos reconhecer esta presença? Pelo fato que ela nos descentra das nossas reduções, das nossas distrações para nos reconduzir ao centro, Cristo. E como nos descentra, como nos reconduz a Cristo? Acontecendo. Simplesmente acontecendo. O cristianismo é sempre um acontecimento. Sem que isso reconteteça constantemente, na primeira curva, estaremos fora da estrada. Por isso, é uma ingenuidade terrível pensar que nós já sabemos, como se o “já saber” pudesse evitar o deslocamento, o sair da estrada. Mas, é uma consolação ver que isto já acontecia aos apóstolos com Jesus: eles, que foram os primeiros a fazer o encontro excepcional com a presença viva de Cristo, se deslocavam continuamente, exatamente como nós.

a) O deslocamento dos discípulos

Em tantos episódios do Evangelho somos colocados diante do deslocamento dos discípulos e ao contínuo reportá-los ao centro por parte de Jesus.

Citamos tantas vezes, nestes anos, o retorno dos apóstolos, que Ele havia enviado para pregar, para anunciar o Reino. Retornam todos “animados”, mas já “deslocados”, desequilibrados sobre outra coisa, e Jesus deve reportá-los ao centro: “Não vos alegréis porque os espíritos se submetem a vós. Antes, ficai alegres porque vossos nomes estão escritos nos céus”²⁸, isto é, foram escolhidos.

E ainda: “João disse a Jesus: “Mestre, vimos alguém expulsar demônios em teu nome. Mas nós o proibimos, porque ele não andava conosco”. Como veem, eles também tinham alguns problemas de autoreferencialidade... “Jesus, porém, disse: “Não o proibais, pois ninguém que faz milagres em meu nome poderá logo depois falar mal de mim. Quem não é contra nós, está a nosso favor”²⁹.

Os episódios continuam: “A mãe dos filhos de Zebedeu, com seus filhos, aproximou-se de Jesus e prostrou-se para lhe fazer um pedido. Ele perguntou: “Que queres?” Ela respondeu: “Manda que estes meus dois

²⁸ Lc 10,20.

²⁹ Mc 9,38-40.

filhos se sentem, no teu Reino, um à tua direita e outro à tua esquerda”. Não é que os outros discípulos fossem muito diferentes de nós, por isso... “Quando os outros dez ouviram isso, ficaram zangados com os dois irmãos”. E Jesus os corrige: “Sabeis que os chefes das nações as dominam e os grandes fazem sentir seu poder. Entre vós não deverá ser assim. Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que vos serve”.³⁰

Às vezes, o obscurecimento daqueles que seguiam Jesus chega a um ponto tal que “quando ia se completando o tempo para ser elevado ao céu, Jesus tomou a firme decisão de partir para Jerusalém. Enviou então mensageiros à sua frente, que se puseram a caminho e entraram num povoado de samaritanos, para lhe preparar hospedagem. Mas os samaritanos não o queriam receber, porque mostrava estar indo para Jerusalém. Vendo isso, os discípulos Tiago e João disseram: “Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu, para que os destrua?” Ele, porém, voltou-se e os repreendeu”³¹. Até ao último continuavam a se deslocar d’Ele.

Poderíamos continuar toda a manhã relatando episódios desse tipo, reportados no Evangelho. Até à última cena: um instante depois de ter confessado a Jesus que O amava (“Tu me amas?”. “Sim”) e ter ouvido dizer “Segue-me”, “Voltando-se, Pedro viu que também o seguia o discípulo que Jesus mais amava”, e perguntou a Jesus: “E este, Senhor, que será dele?” Jesus respondeu: “Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?”³²

Sem se dar conta, insensivelmente, os apóstolos se deslocavam do centro, se desequilibravam sobre outro, recolocavam em outro a sua consistência. Que consolação ver que somos como eles, e que Jesus não se espantava com seu desvio, mas os reportava, a cada vez, de volta ao centro! “Mesmo que teu pai e tua mãe te abandonem, eu nunca te abandonarei.”

b) O nosso deslocamento

Também conosco acontece como aos discípulos (o problema, atenção, não é que nos desloquemos, mas que nós neguemos nos termos deslocado, porque isto também acontece). Por isso, assim como aos discípulos, também a nós é preciso o encontro com uma presença presente, que nos descentre de nós mesmos para nos fazer retornar ao centro, Cristo. É o que Giussani fez conosco. Se percorrermos a nossa história, como fizemos com a dos discípulos, nos encontraremos diante dos mesmos fatos,

³⁰ Mt 20,20-21.24-26.

³¹ Lc 9,51-55.

³² Jo 21,17.19-22.

do mesmo deslocamento, e estaremos também nós na presença de um homem que constantemente nos reconduz ao centro.

Os chamados de atenção que encontramos ao longo da nossa história são exemplificações que podem nos ajudar a verificar em que medida aquelas tentações identificadas por Dom Giussani são também nossas, hoje, nos dizem respeito no presente. Retornemos a alguns momentos nos quais Dom Giussani nos reconduziu ao centro.

Nos primeiros Exercícios da Fraternidade, em 1982, logo depois do reconhecimento pontifício, Dom Giussani começa a falar, deixando todos em dificuldade. As pessoas tinham chegado “animadas” – poderíamos dizer – porque a Igreja tinha, finalmente, reconhecido o Movimento. Mas, Dom Giussani confessa: “Eu me sinto um pouco embaraçado e confuso ao iniciar, porque me vêm à mente com insistência os nomes dos meus primeiros alunos”³³. Para introduzir o motivo da falta de jeito, cita uma frase de João Paulo II: “Não haverá fidelidade [...] se não se encontrar no coração do homem uma pergunta, para a qual só Deus oferece resposta, ou melhor, para a qual só Deus é a resposta”³⁴. Depois disso, observa: “Desde os bancos da escola, sobre os quais nos encontramos, até à companhia de hoje [...], é a seriedade desta pergunta humana que surpreendo em mim nesta manhã, sentindo-a em toda a sua exigência, em toda a sua força, em toda a precariedade de consistência que ela tem na vida de um homem”. Eis, portanto, porque sentiu-se tremer: “O que me faz tremer, nesta manhã, é realmente a surpresa que uma grande distância é possível de mim mesmo, porque a minha pessoa é aquilo que deve se tornar: o homem é um projeto, a sua definição vem da realização desse projeto. O pensamento desta manhã me faz surpreender assim normalmente distante daquilo que, mesmo intencionalmente, assim insistentemente, retomo, medito de novo e lanço uma vez mais aos outros para meditem”. Assim, julga a vida de tantos na Fraternidade: “Vocês cresceram: na medida em que garantiram para si mesmos uma capacidade humana na própria profissão, existe, como que possível, uma distância de Cristo [...], o nosso coração está como que isolado, melhor, Cristo fica como que isolado do coração, exceto nos momentos de certas ações (um momento de oração, ou um momento de compromisso, quando acontece uma reunião geral, quando precisa puxar uma Escola

³³ GIUSSANI, Luigi, “A familiaridade com Cristo”, *Passos-Litterae communionis*, fevereiro 2007. Cfr. SAVORANA, Alberto, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 605.

³⁴ JOÃO PAULO II, *Homilia na Cidade do México, durante a viagem na República Dominicana, México e Bahamas*, 26 de janeiro de 1979.

de Comunidade, etc.)”. Mas há, como consequência desta, um distanciamento a mais, “que se revela num ulterior e definitivo embaraço entre nós – falo também de maridos e esposas – num ulterior e definitivo embaraço recíproco”, que “torna distante o aspecto definitivo do coração de um do aspecto definitivo do coração do outro, exceto nas ações comuns (sustentar a casa, cuidar dos filhos, etc.)”.³⁵

Quinze anos antes, no dia 19 de novembro de 1967, apenas dois dias depois da ocupação da Universidade Católica, durante o retiro de Advento do Grupo Adulto, Dom Giussani julga a reação tida pelos universitários do Movimento naquela circunstância: “E assim, mesmo a inteligência da situação e das coisas a fazer – que é uma inteligência diversa, mais aguda, porque é uma inteligência ditada pelo ponto de vista de Deus – nos faltou tão facilmente porque não O esperamos [não esperamos Deus] dia e noite”. Com efeito, “se O tivéssemos esperado dia e noite, mesmo a postura dos nossos na sua convivência na Universidade Católica teria sido diferente; foi muito generosa, mas quanto foi verdadeira?”. E, referindo-se ainda a quem participou da ocupação, disse: “A verdade do gesto não nasce da astúcia política”, do contrário “o nosso discurso se confunde com o dos outros e se torna instrumento do discurso dos outros. Podemos fazer as nossas coisas e assumir como paradigma, sem que nos demos conta, o de todos, o paradigma oferecido por todos os outros. É do esperá-Lo dia e noite que se distingue o nosso discurso, as nossas ações”.³⁶

A ocupação da Católica se torna, para Dom Giussani, uma ocasião preciosa para aprender algo de decisivo para si: “Verdadeiramente estamos na condição de estar na vanguarda, os primeiros daquela mudança profunda, daquela revolução profunda que nunca estará – digo: nunca – naquilo que de exterior, como realidade social, pretendamos que aconteça”; de fato, “nunca estará na cultura ou na vida da sociedade, se não estiver primeiro [...] em nós. Se não começar entre nós este sacrifício de si... Não um óbolo a ser dado, mas [...] uma revolução de si, no conceber-se sem pré-conceito, sem tentar salvar algo antes”.³⁷

Em 1973, cinco dias depois do grande encontro no Palalido de Milão, Dom Giussani exprime o seu desapontamento porque aquilo que acon-

³⁵ GIUSSANI, Luigi, “A familiaridade com Cristo”, *Passos-Litterae communionis*, fevereiro 2007. Cfr. SAVORANA, Alberto, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 605.

³⁶ Retiro de Advento do Grupo adulto, Milão, 19 de novembro de 1967, in SAVORANA, Alberto, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 391.

³⁷ *Idem*, p. 392.

teceu, tendo sabido que os aplausos mais convencidos haviam sido dirigidos às propostas políticas que haviam lançado sombra sobre aquilo que deveria ser um gesto público de testemunho da fé: “O que é privilegiado em nós não é Cristo, não é o fato novo: pessoal, ainda não acreditamos. A ideologia nos invade de tal forma, que aquilo que só poderia ser secundário comparado à comunhão – porque que você tenha uma opinião diferente da minha, isto é natural – se torna prevalente operativamente, no juízo que se dá, e na ação que se segue”, até ao ponto que “a comunhão não tem mais espessura”.³⁸

Pelo que Giussani era dominado enquanto nos corrigia assim? Pelo acontecimento de Cristo, pela paixão por Cristo, pela Sua presença, pela Sua memória. Não havia se deslocado de Cristo! Por isso, podia reconhecer, a cada vez, que “o nosso coração é como que isolado, ou melhor, Cristo fica isolado do coração”.³⁹

c) O formalismo e a estagnação da novidade

Há um sintoma – que é também um risco permanente – deste afastamento do motivo pelo qual tudo começou: o formalismo. Desde os primeiríssimos anos de vida do Movimento, Dom Giussani é hipersensível ao perigo sempre ameaçador de perder o frescor da experiência original, de deslocar a atenção do motivo pelo qual tudo nasceu e pelo qual as pessoas aderiram, se envolveram. O que as atraiu não foram fórmulas ou rituais associativos, não foi uma organização: foi um acontecimento vivo que investia a sua vida. Por isso, sempre percebeu como mortal o risco do formalismo.

Já em 1962, quando já estava em ato uma grande riqueza expressiva, com muitas iniciativas, encontros públicos, publicações etc., e GS estava se afirmando sempre mais em Milão e em outras partes da Itália, Giussani, dirigindo-se a um grupo de responsáveis de então, assinala que “é como que fossilizada a experiência original que nos fez entrar, se cristalizou”. De fato, sublinha: “É possível se tornar fidelíssimos no uso de um método como fórmula e transmiti-lo, aceitá-lo, sem que este método continue sendo inspirador de um desenvolvimento: um método que não desenvolva uma vida é um método sepulcral, é silicificação (petrificação)”. Este é o motivo “pelo qual os encarregados pensam em sua responsabili-

³⁸ Quarta escola de comunidade, Milão, 20 de maio de 1973, in SAVORANA, Alberto, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 468.

³⁹ GIUSSANI, Luigi, “A familiaridade com Cristo”, *Passos-Litterae communionis*, fevereiro 2007. Cfr. SAVORANA, Alberto, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 605.

dade como ‘extrínseca’ e não como ‘método de vida para si, em primeiro lugar. Assim, isso se torna um desgaste e um peso’”.⁴⁰

Qual é o efeito do “usar o método como fórmula”? “A estagnação da novidade”, isto é, o enrijecimento da vida. Para Giussani, “é liberdade de espírito a capacidade de mudar”, e ao invés deve constatar que se é “áridos no encontrar a correspondência sempre nova: as coisas não estão paradas um instante”. Ele chama atenção, por isso, ao fato de que “a novidade é enriquecida por aqueles que vêm pela primeira vez, por quem não tem as nossas ideias” e que, exatamente a sua experiência, “nos obriga à novidade da meditação, daquilo que está também em nós, para impostar as coisas para eles. Nós, porém, [...] impostamos tudo como se todos estivessem conosco (isto é, com as nossas ideias), esquecendo-nos deles”. Pelo contrário, “o nosso método tem necessidade de homens autênticos, comprometidos com a nossa humanidade, eis o nosso defeito”. Por isso, o seu convite é um só: “Coloquem-se dentro da experiência – com a hipótese de GS: Deus se encarnou, tinha olhos, ossos, músculos...”⁴¹

Dom Giussani retorna, em muitas ocasiões, sobre o risco do formalismo, por exemplo durante a Equipe dos Universitários, de fevereiro de 1983. “[O] formalismo [...] se identifica normalmente no aderir a formas, sem que estas formas sejam propostas, isto é, se tornem aquilo que originalmente são: uma proposta para a vida. O que esta ação que estamos fazendo muda na vida? Esse ajuntamento de pessoas em torno dos CP [*Católicos populares*, associação estudantil nascida de CL nos Anos 80], para as eleições, o que muda na vida?”⁴². Para Giussani, é importante esta observação, contida numa intervenção que, “sob a nota de uma dificuldade a fazer se tornar experiência, acusa, em primeiro lugar, o formalismo no aderir à comunidade”. Com efeito, explica, “você não está legal porque faz a Escola de Comunidade, não está legal porque participa da Santa Missa com o próprio padre, não está legal porque faz a panfletagem ou cola do lado de fora o *tatze-bao*. Esta pode ser a formalidade com a qual a pessoa paga o pedágio para a realidade social a que adere. Mas, quando se torna experiência tudo isso? Quando diz algo a você e move (‘movimento’) algo em você [...]. O nosso primeiro perigo, portanto, é o formalismo, o repetir palavras ou o repetir gestos, sem que palavras e gestos agitem ou, de algum modo, coloquem em crise, isto é, movam algo em você, iluminem mais o olhar que você lança sobre você mesmo,

⁴⁰ SAVORANA, Alberto, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 254.

⁴¹ *Idem*, pp. 254-255.

⁴² GIUSSANI, Luigi, *Uomini senza patria (1982-1983)*, Bur, Milão 2008, p. 193.

alimentem uma convicção acerca de um valor (porque, por exemplo, que você deva se comprometer com as eleições é uma necessidade da sua humanidade, de outra forma falta uma medida para a sua humanidade)”⁴³

Mesmo a nossa presença no ambiente pode ser formal. “O que quer dizer ‘formalidade da presença’? A presença nasce de um esquema, por isso não é mais presença, são gestos arrancados de um organismo, que não têm organismo. A nossa presença nasce de um esquema: tem isso para fazer, isso, ou seja, o feixe de iniciativas; mesmo o modo com o qual a pessoa convida o companheiro é esquemático, tanto é verdade que é convidado ao retiro de Páscoa e, depois, é abandonado, ou melhor, já durante o retiro é abandonado. Enquanto que uma não formalidade da presença deve nascer da consciência, do lançar-se e do risco da pessoa: a presença no ambiente é um problema da sua pessoa. Não é interesse dos outros aos quais você adere; é o problema de Cristo, se Cristo tem que ver com a sua pessoa. O problema verdadeiro é o formalismo da fé. [...] Não se parte da consciência de Cristo como minha vida e, por isso, como vida do mundo e, por isso, do mundo como minha vida.”⁴⁴

Mas, esse distanciamento, esse deslocamento e o formalismo no aderir produzem consequências visíveis:

1) Cansaço, perda do gosto da vida nova

Em Campitello, no dia 6 de setembro de 1975, Dom Giussani disse: “Vi entre vocês muitas pessoas de boa vontade, mas que estão em última instância cansadas, até ao ponto de estarem desajeitadas. [...] Se estamos bloqueados pelo cansaço, quer dizer que ainda somos imaturos na percepção do motivo do nosso viver e de tudo aquilo que fazemos. Esta semana nos obrigou a nos darmos conta de algo que falta: e o que falta é a questão de fundo”⁴⁵

E dois meses depois, durante a Jornada de Início de Ano do CLU, observa: “Quando entramos na universidade houve um momento – ou houve momentos – nos quais o anseio, o desejo ou mesmo a paixão por uma realidade nova, por algo de novo, nos animaram. Agora, vivemos na universidade sem mais este gosto, o gosto da vida nova”⁴⁶

São riscos permanentes. Uma amiga escreve: “Quando soubemos que havíamos sido convidados a ir à audiência com o Papa, mesmo nós que vivemos no exterior, algo que nunca havia acontecido em doze anos de vida em Nairóbi (nem mesmo para participar do funeral de Dom Giussani),

⁴³ *Idem*, pp. 194-195.

⁴⁴ GIUSSANI, Luigi, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., pp. 109-110.

⁴⁵ *Idem*, p. 8.

⁴⁶ *Idem*, p. 31.

entendi que era um encontro importantíssimo para o Movimento e que estávamos num ‘ponto de virada histórico’, se era mesmo pedido a todos para participarem. Uma noite, se discutia sobre a importância deste gesto e, chamando-me de lado, uma amiga me confiou que ela não pretendia participar porque tem uma repulsa pelos encontros onde se mobilizam as massas e, depois, me falava de tantas dificuldades, como o custo da passagem, a longa viagem, as esperas e as filas para entrar na Praça São Pedro etc. ‘Mas, no início, quando encontramos o Movimento, estas dificuldades não nos paravam’, lhe respondi de cara; no início, dominava o desejo de estar com Ele onde quer que fosse. E assim recordamos as tantas reuniões ‘lotadas’ das quais participamos e aquilo que nos movia. ‘Eu não quero ser assim velha a ponto de estar só preocupada em me poupar a fadiga, desejo a afeição ao Seu corpo que me movia no início!’. Quando cheguei à Praça, o encontro com todos os meus amigos sem ter planejado, ouvir os nossos cantos tão belos, ver Carrón, foi reencontrar o ‘Seu’ corpo vivo e ser como uma criança no seio de sua mãe. ‘Mantenham vivo o fogo da memória daquele primeiro encontro e sejam livres!’, nos disse o Papa. Onde encontro uma ternura maior do que esta pela minha vida? Reaconteceu o primeiro encontro, como quando eu tinha quinze anos e estava sempre pronta, com a mochila nas costas, a segui-lo para onde quer que fosse”.

Qual é, então, a novidade que somos chamados a viver e que mesmo os outros podem ver? É preciso, diz Giussani, “que as pessoas em torno de nós, nas nossas faculdades, nos cursos, não vejam mais apenas, como veem agora, a nossa pertença a Comunhão e Libertação, isto é, uma sequência de iniciativas, de reuniões, de instrumentos para usar, mas se deem conta do acontecimento de Comunhão e Libertação em mim e entre nós, se deem conta dessa mudança que eu me torno, se deem conta desta unidade que poderão combater raivosamente, mas da qual não poderão, em última instância, não sentir saudade: rocha contra a qual o poder dos infernos, diria Cristo a Pedro, nunca poderá prevalecer”. Para Giussani, se isso não acontece, “Comunhão e Libertação realmente se torna um partido político e basta, se torna uma associação, fervilhando de iniciativas, mas suficientemente desgastante para que seja difícil amá-la para além de um determinado número de meses”.⁴⁷

2) Confusão sobre a presença

Em 1976, Dom Giussani conclui assim a famosa Equipe de Riccione: “Não é uma ‘presença da nossa comunidade’ na universidade o que deve acontecer, mas um ‘coração novo em cada um de nós’, uma maturidade sua,

⁴⁷ *Idem*, pp. 32-33.

irmão; o ímpeto ou o alvorecer de uma maturidade cristã sua, de uma fé e de uma paixão nova. A incidência sobre a universidade e sobre a sociedade, a contribuição para a Igreja são consequências que Deus estabelecerá como estabelece os tempos da história. Aquilo que nos interessa é esta humanidade que já vive em alguns e deve passar a todos, porque cada um de nós estaria mal, se um só entre nós não chegasse a este novo cenário, onde o panorama do mundo, de si, da banalidade cotidiana, do companheiro e do amigo é todo diverso. Isso já é pressentimento fragmentário em todos nós, como quando o sol nasce: um novo dia não no outro mundo, mas neste mundo. E deve, portanto, se tornar uma luta que começa sempre e não acaba nunca dentro de nós, porque a resistência que encontramos na universidade é a objetivação enorme da resistência que encontramos dentro de nós”.⁴⁸

3) Confusão sobre a natureza do Movimento

No mesmo mês de setembro de 1976, durante uma reunião de responsáveis, em Collevaenza, Dom Giussani coloca diante de todos a “fotografia” desconfortável do que acontece quando prevalece o formalismo: “O Movimento vira uma coisa terrível: ao invés de mobilizar a vida e convertê-la, é uma montanha de condicionamentos”. Ao contrário, acrescenta, o Movimento é “um Acontecimento para criar, não uma organização para pensar [...], é você que está em jogo”. Aqui, Dom Giussani não usa meias medidas: “A essência da questão não implica que se deva ser em cinquenta, bastam dois”⁴⁹.

As consequências acenadas representam um risco permanente e implicam, por isso, uma *conversão contínua*, como disse Dom Giussani aos professores do Movimento, reunidos em Assis, em 1978: “Todas as revoluções e todas as reformas depois de um pouco se tornam formais, e o formalismo domina, engloba, coloca no sepulcro o ímpeto original. É preciso uma *conversão contínua* e, então, a revolução será permanente. É a utopia de *Luta contínua*, no sentido literal, mas aquilo que é utopia nos seguidores daquela fórmula, ‘caras companheiras e caros companheiros’, para nós é Cristo na história. Não é possível ser professores cristãos nem movimento de fé, não é possível ser comunhão e libertação, se não na continuidade de uma vontade de conversão, que é a postura que deve nos determinar a cada manhã. A vida cristã se torna presença apenas dentro de uma consciência contínua daquilo que se é: e esta é a única luta contínua possível”⁵⁰.

⁴⁸ *Idem*, pp. 86-87.

⁴⁹ SAVORANA, Alberto, *Vita di don Giussani*, op. cit., pp. 485-486.

⁵⁰ *Agli educatori. L'adulto e la sua responsabilità*, Quaderni, 7, Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, Milão 1990, p. 52.

Repercorrer estes momentos da nossa história, à luz das palavras do Papa, do dia 7 de março, nos ajuda a reconhecer a nossa necessidade sem limites, nos faz sentir mais a vontade de conversão, o pedido de não “perder a vida vivendo”,⁵¹ de não perder o frescor do carisma – que é, para nós, o frescor da vida –, com o qual peregrinamos até o Papa. Esta é a urgência que temos. E é tanto maior quanto mais somos conscientes da grandeza do dom que nos foi feito e somos gratos de tê-lo recebido.

É esta urgência que facilita, em nós, o reconhecimento de Cristo. A fé, de fato, é para o pobre de espírito, como ouvimos, uma vez mais, na Praça São Pedro: “André, João e Simão: eles sentiram-se fitados até no seu íntimo, profundamente conhecidos, e isto gerou neles uma surpresa, uma admiração que, imediatamente, os levou a sentir-se ligados a Ele...”⁵²

É muito tocante, à luz de toda esta nossa história, reler as palavras que o Papa nos dirigiu na Praça São Pedro: “Depois de sessenta anos, o carisma originário nada perdeu do seu vigor e vitalidade. No entanto, recordai que o cerne não é o carisma, o centro é um só, é Jesus, Jesus Cristo!”⁵³ É a isto que Dom Giussani nos chamou atenção incansavelmente, reconduzindo-nos, daquilo que nós considerávamos ser o carisma, ao carisma na sua natureza original. Nós aprendemos o carisma na modalidade com a qual Giussani nos descentrava da redução que historicamente fizemos agir sobre o carisma. Não foi a partir de uma discussão teológica sobre a natureza do carisma, mas de uma reflexão sobre a sua realização histórica, que começamos a entender do que se tratava. Quantas vezes Dom Giussani teve que nos descentrar! Por isso, como nos disse o Papa, “fidelidade ao carisma não quer dizer ‘petrificá-lo’” – cristalizá-lo, dizia Dom Giussani – ou “escrevê-lo num pergaminho e colocá-lo numa moldura. A referência à herança que Dom Giussani vos deixou não pode reduzir-se a um museu de lembranças, de decisões tomadas, de normas de conduta. Sem dúvida, exige fidelidade à tradição, mas fidelidade à tradição ‘significa manter aceso o fogo [...]’, não perder o gosto do viver, do contrário o que nos importa dela? “Mantende aceso o fogo da memória daquele primeiro encontro e sede livres!”⁵⁴

Assim, podemos reler não apenas aquilo que nos disse Papa Francisco, mas também aquilo que nos recomendaram todos os papas. Pensemos em

⁵¹ “Onde está a vida que perdemos vivendo?” (ELIOT, T.S., *Coros de “A Rocha”*, Ed. Tenacitas, Lisboa, 2014).

⁵² FRANCISCO, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁵³ *Idem*.

⁵⁴ *Idem*.

João Paulo II. Em 1985, disse aos padres do Movimento: “Quando um movimento é reconhecido pela Igreja, ele se torna um instrumento privilegiado para uma pessoal e sempre nova adesão ao mistério de Cristo. Nunca permitais que na vossa participação se albergue o caruncho do hábito, da ‘rotina’ ou da velhice! Renovai continuamente a descoberta do carisma que vos fascinou e ele vos conduzirá mais potentemente a vos tornardes servidores daquela única potestade que é Cristo Senhor!”⁵⁵. E na carta de 2004 a Dom Giussani escreveu: “Sinto a necessidade de exprimir ao senhor, como também a todos os membros do Movimento, o desejo de que este importante aniversário jubilar impulse cada um a reencontrar a experiência espontânea da qual o Movimento teve início, renovando o entusiasmo das origens. De fato, é importante manter-se fiel ao carisma do início para poder responder eficazmente às expectativas e aos desafios de cada época”.⁵⁶

O que documenta a experiência dos apóstolos com Jesus e a nossa com Giussani e com os papas? Que não basta o encontro inicial, não basta aquilo que já sabemos para mantermo-nos no caminho. Temos necessidade de uma presença no presente que nos descentre de nós mesmos para nos reconduzir a Cristo, ou seja, temos necessidade do reacontecer contínuo do primeiro encontro, como sempre nos recordou Dom Giussani: “O acontecimento não identifica apenas algo que aconteceu e com o que tudo iniciou, mas aquilo que desperta o presente, define o presente, dá conteúdo ao presente, torna possível o presente. Aquilo que se sabe e aquilo que se tem se torna experiência se aquilo que se sabe e se tem é algo que nos é dado agora: há uma mão que o oferece agora, há um rosto que vem para frente agora, há sangue que escorre agora, há uma ressurreição que acontece agora. Fora deste ‘agora’ não há nada!”, nem aquilo que sabemos, nem aquilo que temos. Nada. Tudo é nada. “Fora deste ‘agora’ não há nada!”. Todos devemos escrever isto nas nossas casas. “Fora deste ‘agora’ não há nada!”. E sabemos muito bem disso: só aridez. Mesmo com tudo aquilo que sabemos. Mas este “saber” não nos dá nem mesmo um milímetro, um instante daquele sobressalto do início, porque “o nosso eu não pode ser movido, comovido, ou seja, mudado, se não a partir de uma contemporaneidade: um acontecimento. Cristo é algo que me está acontecendo”.⁵⁷

⁵⁵ JOÃO PAULO II, *Discurso aos sacerdotes participantes da experiência do Movimento “Comunhão e Libertação”*, Castel Gandolfo (Città del Vaticano), 12 de setembro de 1985.

⁵⁶ JOÃO PAULO II, *Carta ao Reverendo Monsenhor Luigi Giussani, fundador do Movimento “Comunhão e Libertação”*, 22 de fevereiro de 2004, 2.

⁵⁷ Cfr. ARQUIVO HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO ECLESIAL MEMORES DOMINI (ASAEMD), documento intitulado “Dedicação 1992. Rímni, 2-4 de outubro de 1992”. SAVORANA, Alberto, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 851.

E, com toda a sua paternidade, Dom Giussani nos adverte: “Fiquemos atentos a que esta *correção* – porque tal é a definição do trabalho que estamos conduzindo – não nos encontre ‘na defensiva’: ‘O processo educativo começa lá onde se perde o espaço para a autodefesa’. A coisa mais bonita do mundo é aprender. E a coisa que todos devem aprender de quem guia é a sua capacidade de aprender. ‘*Viver quer dizer que, através da sua experiência, outros vivam*’”.⁵⁸

3. A geração do adulto

Somente assim, ou seja, se aceitamos aprender, se nos deixamos descen- trar, podemos responder à tarefa que o Papa nos designou. E qual é a tarefa? Ser “braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja ‘em saída’”. Como podemos cumprir este mandato? O Papa nos disse: somente “centrados em Cristo”.⁵⁹

Tal e qual Dom Giussani: “Quando se está escancarado para aquilo que aconteceu e que acontece no mundo, isto é para Cristo, [...] então o coração se dilata”⁶⁰. “Seguir a Cristo, amar a Cristo em tudo: é isto que deve ser reconhecido como a característica principal do nosso cami- nho.”⁶¹ E ainda: “Nós colocamos no centro da nossa vida esta Presença [...]: o homem Jesus”⁶². Finalmente: “*Se tirarem esta Presença, todas as coisas viram cinzas*”⁶³. Para marcar o nosso deslize, usa também uma ou- tra expressão: “O nosso burguesismo se vê a olho nu. O burguesismo é, de fato, a não radicalidade com a qual percebemos o relacionamento com Cristo”⁶⁴.

Ontem como hoje, é preciso gerar adultos na fé. Esta é a urgência maior. Dom Giussani o diz claramente: “O que buscamos em tudo aquilo que fazemos é uma fé mais viva e um modo mais intenso, mais eficaz de levá-la a todo o mundo”⁶⁵. Não há nada de mais urgente. Hoje, talvez,

⁵⁸ *Agli educatori. L'adulto e la sua responsabilità*, op. cit., p. 49.

⁵⁹ FRANCISCO, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁶⁰ GIUSSANI, Luigi, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2002, p. 130.

⁶¹ *Idem*, p. 10.

⁶² GIUSSANI, Luigi, *L'uomo e il suo destino*, Marietti 1820, Genova 1999, pp. 81-82.

⁶³ GIUSSANI, Luigi, *È, se opera*, suppl. a *30Giorni*, n. 2, 1994, p. 80.

⁶⁴ GIUSSANI, Luigi, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 61.

⁶⁵ *Agli educatori. L'adulto e la sua responsabilità*, op. cit., p. 49.

se tornou ainda mais evidente. Porque os fatos de Paris e as perseguições destes últimos meses colocaram diante de todos qual é o maior desafio que temos: o grande nada e o vazio profundo que domina a vida, até ao ponto de explodir na violência. Este é o desafio para nós e para os outros. O que pode responder a este vazio? Não basta uma estratégia qualquer, uma nova proposta de conteúdos ou de esquemas de comportamento. O problema não é, em primeiro lugar, de natureza ética, mas cognitiva, e diz respeito àquela incapacidade de reconhecer a evidência sobre a qual falamos no início, aquele enfraquecimento do sentido do eu, da consciência de si. É isso que é preciso despertar em cada um. Se não o entendemos, nos movemos de modo errado, além de inútil. Também sobre este ponto Dom Giussani nos ajudou. “Numa sociedade como esta”, dizia em 1978, “não podemos revolucionar nada com palavras, associações, ou instituições, mas somente com a *vida*, porque a vida é um grande fato contra o qual as ideologias políticas nunca conseguirão vencer”⁶⁶.

E poucos anos depois, no livro-entrevista com Giovanni Testori, dizia: “É como se não se pudessem mais fazer cruzadas ou movimentos... Cruzadas organizadas; movimentos organizados. Um movimento nasce exatamente com o despertar da pessoa. [...] Justamente a pessoa [...] é o ponto da desforra. E assim nasce o conceito de movimento, segundo penso. O maior valor social de agora para um contra-ataque é exatamente o ideal de movimento, que é como se estivesse ao acaso, sem pé nem cabeça, não se sabe como acontece. Com efeito, o seu lugar de nascimento está na parcela mais desprovida e desarmada que exista: isto é, a pessoa [...]. O problema capital é reacender o senhorio que a pessoa tem sobre si mesma”. Estava julgando a inadequação de tantos “movimentos” ideológico-políticos da época, mas também uma certa modalidade de conceber a experiência do nosso movimento, que escorregava nos mesmos esquemas e respondia no mesmo terreno. Se o verdadeiro problema é despertar de novo, gerar de novo a pessoa, “o lugar de uma retomada da pessoa não pode ser um discurso, um debate”⁶⁷.

Como pode acontecer esta retomada? “É este o ponto a ser enfrentado. Exteriormente, a única resposta é que se encontre uma presença diversa; que nos deparemos com uma presença diversa; esta presença pode agir, então como reagente, como catalizador das energias já desaparecidas.”⁶⁸ Por isso, como dizia intervindo no Sínodo de 1987, “o que

⁶⁶ *Idem*, p. 51.

⁶⁷ GIUSSANI, Luigi – G. Testori, *Il senso della nascita*, Bur, Milão 2013, p. 112.

⁶⁸ *Idem*, pp. 119-120.

falta não é tanto a repetição verbal ou cultural do anúncio [enquanto nós pensamos que basta repetir a doutrina sã para não sermos ambíguos. Se isto nos consola!]. O homem de hoje espera, talvez inconscientemente, a experiência do encontro com pessoas pelas quais o fato de Cristo é realidade tão presente que a sua vida é mudada”. Há necessidade disso, só isso move, segundo Dom Giussani: “ É um impacto humano que pode abalar o homem de hoje: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial, quando Jesus levantou os olhos e disse: ‘Zaqueu, desce logo, vou à tua casa’”⁶⁹.

Um amigo me escreve: “Uma noite, recebi o convite de amigos para participar de um encontro público organizado por associações de pais com filhos portadores de doenças raras. Haviam pensado em mim que há 33 anos tenho em casa filhos com graves deficiências. Acrescentaram que a modalidade do encontro seria uma mesa redonda da qual, além de mim, participariam outras pessoas entre as quais um escritor ateu com um filho com graves problemas psicofísicos. Decido aceitar e peço para ler um livro deste escritor. Leio o livro que escreveu sobre o seu filho. De uma primeira leitura aparecia toda a impotência deste pai, como se não houvesse nada capaz de dar um vislumbre de esperança. Fiquei tocado com a distância com a qual falava do filho, porque entre outras coisas escrevia: ‘Incomoda-me também o cheiro do meu filho!’. Ao final da leitura, veio-me uma preocupação de não dar conta de sustentar uma situação tão desesperante. Depois, pensei que todo o livro não era somente desespero, mas que por trás daquelas páginas havia um homem que gritava, necessitado de tudo e que eu havia encontrado Alguém que sabia responder a esta necessidade. Decidi ir, porque eu também sou como aquele homem: uma necessidade infinita. Chega a noite do encontro, diante de nós uma centena de pessoas desconhecidas para mim. O moderador decide que eu fale primeiro. Conto de mim, dos meus filhos deficientes, do sentido de vazio e de traição que me tomaram nos primeiros anos da vida, do sentido de perda que encheu o coração como que de um desejo de felicidade que não seria nunca realizado, e conto daquela noite em que me dei conta dos olhos felizes de minha mulher, da aventura que, desde aquela noite, foi a minha vida, da beleza e do dom que os meus filhos são hoje. Terminada a minha intervenção, é a vez do escritor que diz: ‘Eu não sei ter a esperança que ouvi do meu amigo’ – havíamos nos conhecido apenas alguns instantes antes e já me chamava de amigo – ‘mas a desejo, a partir desta noite a desejo. Eu havia

⁶⁹ GIUSSANI, Luigi, *L'avvenimento cristiano. Uomo Chiesa Mondo*, Bur, Milão 2003, pp. 23-24.

preparado uma fala’ – e mostra as folhas com a intervenção escrita – ‘mas decidi que não a lerei mais’ – dobra as folhas e as coloca de lado – ‘porque eu, a partir desta noite, desejo apenas uma coisa: ir morar com o meu novo amigo, perto dele para conhecer como é possível viver assim. Interessa-me apenas isto’. Parou de falar, a sala estava num silêncio cheio de comoção. Ali, havia acontecido algo grandioso. Depois, me diz: ‘O que me machuca é ter dúvida de que meu filho não seja feliz’. Dali recomeçou um diálogo entre mim e ele como se fôssemos amigos desde sempre. O escritor, ao fim, simplesmente me disse: ‘Talvez pela primeira vez na minha vida olhei-me e não me senti um fracassado’. E eu me perguntei: ‘Mas, o que este homem vê que nem mesmo eu que lhe falei vejo?’. Jesus me deu um novo amigo para o meu caminho. Vamos nos ver em breve, num jantar, também com uma parte do público, que pediu para nos encontrarmos outra vez”.

Como podemos ver, a resposta para a situação de dificuldade na qual nos encontramos é que se encontre uma presença diferente. Não é preciso explicar muito as coisas. Então, como hoje, só a testemunha de uma vida mudada pode suscitar de novo a curiosidade pelo cristianismo: ver realizada aquela plenitude que se deseja alcançar, mas que não se sabe como. É preciso homens novos que criem lugares de vida onde cada um possa ser convidado a fazer a verificação que os dois primeiros fizeram às margens do Jordão: “Vem e vê”⁷⁰.

O Movimento é este lugar, uma amizade que nasce da atração suscitada por um impacto humano, um lugar no qual pode surgir uma personalidade nova, verdadeira, realizada. “A comunidade não é um coágulo de pessoas para realizar iniciativas, não é a tentativa de construir uma organização de partido: *a comunidade é o lugar da efetiva construção da nossa pessoa*, isto é, da maturidade da fé.”⁷¹ Se não fosse por isso, que sentido teria o Movimento, que sentido teria a Fraternidade ou o grupo de Fraternidade? Quantas vezes Dom Giussani nos corrigiu sobre este ponto, para nos ajudar a recuperar a originalidade da experiência do Movimento.

Aqui surge o problema: como se geram pessoas que são de tal forma “presença” a ponto de sacudirem os outros? O Movimento é vivido de tal modo a ponto de ser um “*lugar da efetiva construção da nossa pessoa*, isto é, da maturidade da fé”? É uma pergunta que marcou a nossa história, e Dom Giussani sempre chamou a atenção para a sua importância decisiva. No contexto de uma discussão com os responsáveis do Movimento, em 1976, dizia: “O problema grave é a dificuldade com a qual surge o adulto.

⁷⁰ Gv 1,46.

⁷¹ GIUSSANI, Luigi, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 58.

Não na competência eclesiástica ou profissional, mas na fé”⁷². E se perguntava: “A que se deve?”. É muito significativo o ponto de vista a partir do qual Dom Giussani põe a pergunta: “Interessa-nos de que modo o andamento do Movimento, exatamente como realidade pedagógica, favorece e cria este mal-estar, mais do que favorecer o crescimento de pessoas adultas na fé”⁷³. A ótica que Giussani adota é a de colocar em questão o modo de conceber e viver o Movimento, a de uma correção profunda.

Para captar o motivo da dificuldade para que se formem adultos na fé, ele identifica, primeiro, as características do adulto: “O adulto é quem é caracterizado por uma capacidade de enfrentar tudo sem ser automaticamente alienado por aquilo que enfrenta. [...] A segunda característica do adulto é que gera. [...] Aquilo, portanto, que falta como rosto geral é a personalidade de fé”⁷⁴.

Qual é, então, o motivo desta falta? Dom Giussani chega a nos sugerir pontualmente onde está o problema. A não ocorrida maturação da fé, a falta de geração do adulto depende “de uma gravíssima decadência do método: do método sobra apenas uma jaula de palavras e de fórmulas, falta o gênio. É como que drenado o gênio do método. [...] Este é o ponto fundamental do Movimento: o adulto não cresce porque há o decaimento do nosso método, que é o da experiência, participação em um acontecimento e não consenso acerca de um discurso”⁷⁵.

Que existam, entre nós, pessoas como aquela que escreveu a carta citada quer dizer que é este o lugar onde elas podem viver e crescer. O problema é se nós aceitamos participar daquele acontecimento que está acontecendo agora, porque, como acabamos de lembrar, o “gênio do método” é ter colocado no centro a experiência, isto é, a participação em um acontecimento que nos aconteceu e nos acontece agora.

O que gera adultos na fé não é o consenso acerca de um discurso, não é a repetição de fórmulas ou de formas: é a participação em um acontecimento, em uma presença viva que me investe agora, que me envolve agora. O Movimento ou é este acontecimento ou não é. A palavra “experiência” é uma consequência disso: só se o cristianismo, o Movimento, for um acontecimento de vida, é que se pode falar de experiência (como participação em um acontecimento).

⁷² FRATERNITÀ DI COMUNIONE E LIBERAZIONE (FCL), *Arquivo histórico do Movimento Comunhão e Libertação* (AMCL), fasc. CL/81, “Scuola Responsabili Collevanza 17/19 de setembro de 1976”.

⁷³ *Idem*.

⁷⁴ *Idem*.

⁷⁵ *Idem*.

O gênio do método coincide, portanto, com o gênio mesmo do cristianismo, do catolicismo: é o gênio da encarnação. “Não existe valor humano a não ser dentro de um fato existencial: Cristo, um homem, um homem que viveu naquele tempo e naquele espaço. E toda a raiva e a distância e a hostilidade e a estraneidade contra o catolicismo é contra isso. É o problema da Igreja. Todos respeitam a Cristo, todos O amam, mesmo Gramsci: mas que Cristo coincida, que o valor ‘Cristo’ seja uma realidade no tempo e no espaço, que se chama Igreja, quer dizer, uma realidade de pessoas como você e eu, isto é intolerável. Se é uma realidade de pessoas, há uma hierarquia, há uma diversidade, porque um é mais próximo e o outro é mais distante, um é mais inteligente e o outro menos, um tem um papel e o outro não. Nós encontramos a Cristo não nos nossos pensamentos, nos nossos sentimentos: é nesta coisa, fora de nós, que é a Igreja. O gênio do nosso Movimento está aqui: ter tomado esta lei fundamental do cristianismo e tê-la convertido em método – método!”⁷⁶

“O Movimento é um coração, um corpo, olhos, roupas, cabelos que se realizam na existência. O Movimento é existência vivida.”⁷⁷ Como nos estamos repetindo nesses meses na Escola de Comunidade: a Igreja é uma vida que nos alcança agora.

Se, como vimos, a geração de pessoas novas é decisiva, de pessoas que sejam “presença”, o único problema é a maturidade da fé, isto é, que o acento inicial se torne maduro: é a fé que estabelece, de fato, a nossa identidade, o nosso rosto novo na vida e no mundo: “*A nossa identidade é o ser identificados com Cristo. [...] Tudo isso deve se tornar maduro; é a isto que devemos aspirar com tudo o que somos e com tudo aquilo que fazemos. Mas nós [...] estamos ainda confusos*”. Por quê? “Tudo ficou ainda nos inícios.” Aqui, Dom Giussani é drástico: “Chegou o momento em que não podemos mais resistir, se aquele acento inicial não se torna maduro: não podemos mais carregar como cristãos a enorme montanha de trabalho, de responsabilidade e de cansaço à qual fomos chamados. Não se pode agregar as pessoas com iniciativas; o que reúne as pessoas é o acento verdadeiro de uma presença, que é dado pela Realidade que está entre nós e que nos reveste: Cristo e o Seu Mistério tornado visível na nossa unidade”⁷⁸.

Num momento decisivo da nossa história, que indicará, depois, como um novo início para todo o Movimento (a Equipe de Riccione, em 1976),

⁷⁶ GIUSSANI, Luigi, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., pp. 367-368.

⁷⁷ GIUSSANI, Luigi, *Dal temperamento un metodo*, Bur, Milão 2002, p. 380.

⁷⁸ GIUSSANI, Luigi, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., pp. 54, 57-58.

Dom Giussani reafirma com força a sua preocupação fundamental. Sem aquela sua correção teríamos sido varridos junto com todas as nossas tentativas de “fazer algo” (“A necessidade de demonstrar que o fato cristão demonstrava uma capacidade de revolução cultural”, depois de 1968, “deixou ainda na sombra a questão do método. Se se intuiu o fato cristão na sua clareza, sentimo-nos obrigados a descambar para as consequências culturais, sociais e políticas”⁷⁹): “Objetivo da comunidade é gerar adultos na fé”, porque “é de adultos na fé que o mundo precisa, não de bons profissionais ou de trabalhadores competentes, porque destes a sociedade está cheia, mas todos são profundamente contestáveis na sua capacidade de criar humanidade”⁸⁰. Cada um de nós pode fazer o teste ali onde está, onde vive e trabalha a cada dia.

Qual é o teste em positivo? “A verdade da fé é uma humanidade diversa, recordemo-nos disso, uma humanidade tal que se o Movimento não existisse, o criaria, porque a pessoa seria obrigada a se comportar assim. Porque se uma pessoa tem uma humanidade em si, movendo-se se moveria assim, pensando pensaria assim, o coração bateria assim [...]. A fórmula é ter uma consistência de humanidade tal que se nada existisse, a nossa ação lá onde estivéssemos (família, condomínio, vida cotidiana, escola, universidade, mundo do trabalho, mundo eclesiástico), o efeito da nossa ação seria um ato de movimento, o criaríamos. Esta fórmula é um teste que devem ter presente. O sujeito não é uma estrutura, o sujeito não é um discurso, o sujeito não é uma organização. O sujeito é uma humanidade diversa.”⁸¹

Para chamar a nossa atenção para a verdade da nossa experiência, o Senhor nos manda continuamente pessoas, faz acontecer diante de nossos olhos fatos de humanidade diferente: “Os novos que chegam à nossa companhia são como uma lufada de ar fresco dentro de um quarto ocupado por velhos, por aqueles que têm uma longa história [...], um quarto com o ar rançoso. [...] É como se trouxessem aquilo que certamente nós vivemos – pelo menos como aceno, como aceno – no princípio, isto é, o desejo do caminho, mais forte do que o apego às coisas ótimas que o caminho nos inspira”⁸². E, no entanto, tantas vezes não nos damos conta e, ao invés de aprender deles, continuamos a pretender que alguma inter-

⁷⁹ FCL, AMCL, fasc. CL/81, “Scuola Responsabili Collevanza 17/19 de setembro de 1976”.

⁸⁰ GIUSSANI, Luigi, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 58.

⁸¹ FCL, *Documentação audiovisual*, Diaconia diocesana de CL, Milão, 6 ottobre 1976.

⁸² GIUSSANI, Luigi, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., p. 128.

pretação nossa nos faça sair da gaiola das circunstâncias que nos sufoca. “Nós estamos apegadíssimos a tantas coisas que o caminho nos inspira, gerenciamos essas inspirações, [...] os pensamentos a ter, as opiniões a construir e as coisas a fazer. E, enquanto isso, Cristo fica sempre mais distante do coração, quer dizer, a nossa pessoa não muda.”⁸³

Assim, pode acontecer que diga respeito também a nós a observação crítica que Dom Giussani fez no aniversário da *Redemptor hominis*, a primeira encíclica de São João Paulo II (era o ano de 1994): “Outras associações católicas ficaram mais tocadas com os documentos sobre o aborto, sobre a inseminação artificial, sobre o divórcio, do que com a encíclica sobre Cristo redentor do homem”⁸⁴. Certamente, no início, não foi assim. O nascimento de GS, em 1954, foi determinado, de fato, pela entrada no Berchet de um professor de religião que, como conta de si Dom Giussani, subia aqueles poucos degraus colocados no ingresso do Liceu “com o coração todo inchado pelo pensamento que Cristo é tudo para a vida do homem, é o coração da vida do homem”.⁸⁵ Depois, nos anos que se seguiram, algo se obscureceu e vem a onda do ‘68, com toda a debandada que Giussani denunciou (vimos nos Exercícios do ano passado).

O caminho da Igreja e, portanto, do Movimento é sempre exposto ao risco do obscurecimento, mas isso, em certos momentos, se faz mais grave, mais carregado de consequências. Nem todos os momentos são iguais, e a genialidade de Giussani foi também a de captar os momentos cruciais e de saber imprimir uma reviravolta, isto é, um retorno à origem. Decisiva foi aquela de 1976 (que amadurece, sobretudo, no relacionamento com a realidade dos universitários e que responde à longa onda do ‘68), como vimos e sublinhamos outras vezes.

Se a questão capital é recuperar a experiência como método, o que nos ensina o constante testemunho de Dom Giussani? O método através do qual a comunidade gera adultos na fé, isto é, pessoas com uma consciência madura que Cristo é o centro do viver, “é indicado pela primeira palavra que usamos na história do nosso Movimento [atenção aos parênteses] (que esquecemos, mesmo quando a repetimos, já que não a repetimos seriamente): ‘seguir’”.⁸⁶ A primeira palavra!

“Jesus voltou-se para trás e, vendo que eles o seguiam, perguntou-lhes: “Que procurais?” Eles responderam: “Rabi (que quer dizer Mestre), onde

⁸³ *Idem*.

⁸⁴ GIUSSANI, Luigi, *L'attrattiva Gesù*, Bur, Milão 1999, p. 79.

⁸⁵ SAVORANA, Alberto, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 162.

⁸⁶ GIUSSANI, Luigi, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 58.

moras?” Ele respondeu: “Vinde e vede”!⁸⁷ E ainda: “Caminhando à beira do mar da Galiléia, Jesus viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André. Estavam jogando as redes ao mar, pois eram pescadores. Jesus disse-lhes: “Segui-me, e eu farei de vós pescadores de homens”.⁸⁸ O mesmo nos recordou Papa Francisco, no dia 7 de março: “Nenhum daqueles que estavam ali, nem sequer Mateus, ávido de dinheiro, conseguia crer na mensagem do dedo que o indicava, na mensagem daqueles olhos que o fitavam com misericórdia e o escolhiam para o seguimento”.⁸⁹

Seguir tem um significado bem preciso para Dom Giussani. Para ele, os encontros de Jesus, no Evangelho, são o cânone do seguimento que gera: “*Seguir* quer dizer identificar-se com pessoas que vivem com mais maturidade a fê, *envolver-se numa experiência viva*, que ‘passa’ [...] o seu dinamismo e o seu gosto para dentro de nós”. Não há nada de mecânico nem de intelectualista. De fato, “este dinamismo e este gosto passam para nós não através dos nossos raciocínios, não ao final de uma lógica [quantas vezes pretendemos ter “explicações” dos outros para estarmos certos diante das circunstâncias, ou mesmo pedimos “comunicados” que deixem “passar” o nosso discurso sobre isso ou aquilo!], mas quase por pressão osmótica: é um coração novo que se comunica ao nosso, é o coração de um outro que começa a se mover dentro da nossa vida”.⁹⁰

É neste ponto que emerge a figura e a urgência do mestre. Sem magistério não há possibilidade de seguimento, e a pessoa só seguiria os seus pensamentos (com os projetos consequentes) ou as ideias de um líder, mas sem a segurança de estar no caminho marcado pelo Mistério: “Seguir quer dizer se identificar com os critérios do mestre, com os seus valores, com aquilo que nos comunica, não se ligar à pessoa que, em si, é efêmera. Neste seguimento, se esconde e vive o seguimento de Cristo. Não o apego à pessoa, mas o seguimento a Cristo é a razão do seguimento entre nós. A este magistério deve tender a amizade entre nós, já que verdadeiro amigo é aquele que, na discrição e no respeito, ajuda o outro em direção ao seu destino”.⁹¹

De outro lado, este é o método escolhido por Cristo para continuar a Sua presença no mundo: a Igreja, uma companhia guiada. “Tu és Pedro e sobre

⁸⁷ *Gv* 1,38-39.

⁸⁸ *Mt* 4,18-19.

⁸⁹ FRANCISCO, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁹⁰ GIUSSANI, Luigi, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 59.

⁹¹ SAVORANA, Alberto, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 488.

esta pedra edificarei a minha Igreja.”⁹² A autoridade tem um valor fundador, genético: sem autoridade não há comunidade, não há povo. Sobre o exemplo de Dom Giussani, não há caminho cristão sem relacionamento com a autoridade: “Verdadeiramente autoridades, para nós, são as pessoas que nos envolvem com o seu coração, com o seu dinamismo e com o seu gosto nascido da fé” e não de uma capacidade sua ou esforço. Com efeito, “quem é autoridade e responsável se reconhece à primeira vista; são pessoas que alguém prefere porque as sente mais próximas da sua busca de maturidade cristã, da sua paixão por viver a comunidade e o seu caminho. O critério da preferência não é, como acontece em geral, individualista ou instintivo; não nasce de um gosto passageiro ou de um interesse fêrvido de programa, mas pelo ideal que se percebe mais vivido, ou pelo menos mais desejado, no outro”.⁹³

Cada um decida o que prefere para si: amar a verdade mais do que a si mesmo, e por isso seguir, ou permanecer ligado às próprias opiniões e perder o melhor pelo caminho: “O caminho do homem rumo à verdade e ao seu destino não está à mercê daquilo que ele pensa, ou daquilo que pensam os outros, ou da sociedade na qual vive. É objetivo: não se trata de imaginar ou inventar, mas de seguir. [...] O caminho ao verdadeiro, não obstante toda a sua fragilidade, incoerência, fragilidade, pode ser, para o homem, cheio de paz, se for um seguir alguém, como decisão afetiva por um destino que o torna verdadeiramente homem”.⁹⁴

Viver assim é simples, está ao nosso alcance. De fato, “se a pessoa deseja o verdadeiro não se deixará parar pelos defeitos da pessoa que segue, isso é como o cofre, mas o ouro, a verdade é uma outra coisa”. Se, pelo contrário, a pessoa não deseja o verdadeiro, parará na aparência e, então, a forma, isto é, o cofre, se tornará uma tumba. “A autoridade”, sublinha Dom Giussani, “é uma experiência que vive. Não é calor de palavras ou intimidade de relacionamentos. E a verdade tem uma objetividade absoluta. Por isso, não há afeição entre nós. Não há afeição entre nós porque não há seguimento: e o fulcro é a autoridade. Não há afeição a não ser no reconhecimento de uma verdade que nos é dada. O resto é sentimentalismo e intimismo. A afeição humana, aquela que constrói, o aderir ao Ser, é a que deriva do juízo de valor”.⁹⁵

Mas, a adesão àquilo que é reconhecido como verdadeiro nunca é automática, não é como fazer uma adição, porque “tem um critério, tem uma

⁹² Mt 16,13-19.

⁹³ GIUSSANI, Luigi, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., pp. 59-60.

⁹⁴ GIUSSANI, Luigi, *Il senso di Dio e l'uomo moderno*, op. cit., p. 127.

⁹⁵ FCL, AMCL, fasc. CL/81, “Scuola Responsabili Collevanza 17/19 de setembro de 1976”.

almofada de ar no fundo: a liberdade”.⁹⁶ Papa Francisco nos chamou a atenção a isso no seu discurso, em Roma: “Dom Giussani nunca vos perdoaria se perdêsseis a liberdade”.⁹⁷ Cada um de nós é sempre chamado em jogo com toda a sua liberdade. Dom Giussani nunca nos poupou o uso da liberdade, como disse aos universitários em 1976: “Querem os instrumentos definidos, querem coisas a fazer? Mas, isto, e só até um certo ponto, ia bem quando estavam no ensino médio”.⁹⁸ Tornando-se adultos, “a consistência não é mais a massa que caminha, não são as iniciativas a serem empreendidas, mas é você, ou então é nada [terrível!]. Trata-se de uma identidade e de um método: um método para enfrentar a vida e para exprimir esta identidade; este é o adulto, que é criador na medida em que a sua consistência é a identidade e não as coisas que faz e que diz”.⁹⁹

Magistério e seguimento; contemporaneidade e seguimento; acontecimento e liberdade: eis os polos que sintetizam o caminho. O frescor e a vitalidade do carisma de Dom Giussani estão nesta capacidade de despertar constantemente a consciência pessoal até ao ponto de mover a liberdade. É aqui que temos a verificação do seu alcance para a vida da Igreja e do mundo. “O problema capital é que reaconteça o senhorio que a pessoa tem sobre si mesma. [...] Não pode ser um discurso, um debate. O verdadeiro problema é o ressurgimento da pessoa. E este é um empreendimento de Sísifo; porque, mesmo que todos estejam esperando por isso, uma vez mais a pessoa, antes que esteja à mercê do mecanismo que esmaga tudo e dissolve tudo porque dessacraliza tudo, antes de estar livre deste mecanismo, [...] já deve ter se reencontrado. Neste sentido, é uma Palavra que deve correr, que deve se comunicar, que deve não deixar dormir, que deve catalisar a esperança. E é um empreendimento no qual o seu ponto original é capilar; e capilar no sentido último do termo, porque está no indivíduo. As pessoas abandonadas, as pessoas arrancadas da sacralidade da sua origem, do seu constituir-se, se dispersaram porque foram manipuladas. Como arrancá-las da força de gravidade terrível, da força de catalisação terrível que têm os instrumentos daquela mecanismo?”¹⁰⁰ Este é um juízo sobre a condição humana que se tornou, hoje, mais dramaticamente verdadeiro, uma interrogação sobre a possibilidade de um resgate que se tornou ainda mais urgente.

⁹⁶ *Idem.*

⁹⁷ FRANCISCO, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁹⁸ GIUSSANI, Luigi, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 76.

⁹⁹ *Idem.*, p. 77.

¹⁰⁰ GIUSSANI, Luigi – TESTORI, G., *Il senso della nascita*, op. cit., pp. 112-113.

Cristo tem a pretensão de ser a resposta a este ponto original e capilar que é cada homem. Conscientes da necessidade sem limite do nosso coração, gritamos, pedimos ao Único que pode reconstituir a nossa pessoa. “Concedei, ó Deus, ao vosso povo, que desfalece por sua fraqueza, recobrar novo alento pela paixão do vosso Filho”¹⁰¹, rezamos neste tempo de Páscoa. E se estávamos distraídos enquanto escutávamos estas palavras, agora que as escutamos outra vez, retomemos a consciência do seu valor para nós.

Assim, tornados conscientes uma vez mais da nossa necessidade, peçamos a Deus que continue a ter piedade de nós e nos dê vida outra vez. A fim de nos chamar de novo para a verdade da nossa experiência, o Senhor nos dá continuamente novos amigos (como aquele escritor da mesa redonda), como se quisesse nos dizer: ainda é possível para você. Imaginem como seria a vida dos fariseus que se julgavam sabidos se tivessem seguido os novos, João e André. Que revolução! A mesma que pode acontecer entre nós.

¹⁰¹ Oração inicial da Missa da segunda-feira santa segundo o rito romano.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: 1 Pd 5,5b-14; Sl 88 (89); Mc 16,15-20

HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL GERHARD LUDWIG MÜLLER PREFEITO DA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ

Caríssimos amigos,

Em primeiro lugar, deixai-me dizer da alegria de poder estar aqui convosco! Ou melhor – gostaria de dizer – a letícia de estar aqui convosco, como talvez diria de forma mais precisa o vosso fundador, Dom Gius-sani. Porque a alegria, aquela plena, está apenas na vitória definitiva, no Céu. Enquanto que, aqui na terra, nos é dada uma antecipação daquela alegria na letícia. A letícia que o Senhor concede sempre ao coração daqueles que O seguem. A letícia de estar aqui convosco, caros amigos de Comunhão e Libertação, que quereis ser – que sois! – autênticos amigos de Jesus.

Seguir Jesus. Eis todo o nosso programa. “Uma presença no olhar”, diz o programa dos vossos Exercícios. A Sua pessoa, presente no meio de nós, viva. Tão viva a ponto de atrair o nosso olhar, com os sinais do Seu agir. Tão amável a ponto de alcançar, como nenhum outro, o nosso coração. O nosso pobre coração, tão indigente, sempre tão à procura de algo, de Alguém que o tome inteiro. Porque o nosso coração quer tudo, exige tudo, não pode fazer menos do que pedir tudo. É a sua natureza, é feito para a totalidade: é feito para Deus! O nosso coração sempre busca Alguém que o tome, que o agarre totalmente. Somos feitos assim!

Nós seguimos Deus, seguimos Jesus, porque só Ele sabe tomar todo o nosso coração, como nenhum outro. Ninguém como Ele – às vezes com discrição, às vezes com força – sabe atrair para Si o nosso coração. Ninguém como Tu, Jesus, sabe tomar o meu coração! Ninguém me olha e me ama como Tu, Jesus!

É isto que São Pedro nos quer dizer, na sua Primeira Carta – que acabamos de escutar –, quando escreve que “Deus dá a sua graça aos humildes”. Deus dá os tesouros do Seu coração àqueles que esperam ser totalmente tomados. Deus Se dá todo àqueles que têm fome e sede de Alguém que saiba agarrar todo o seu coração. Deus se concede apenas a quem é disposto a se deixar tomar inteiro. Ser disposto a se deixar tomar totalmente: esta é a primeira humildade. Esta é a humildade que Deus busca em cada homem. Este é o coração que Deus busca, quando nos olha. Este coração Ele quer renovar em nós, em cada um de nós.

“Ele é quem cuida de vós”, continua São Pedro na sua carta. Todo o cuidado que Deus tem para com a nossa vida é voltado a gerar um coração assim. Deus busca corações que esperem ser totalmente tomados. E age para que, em nós, se gere sempre mais um coração assim. Nunca é terminada a geração de um coração que espera ser todo tomado. Um coração assim é um canteiro de obras sem fim. E Deus mesmo ama trabalhar num canteiro assim. O coração mesmo de Deus vive como um canteiro sem fim, em que cada Pessoa Divina se dá, é tomada e se recebe totalmente da Outra. O coração mesmo de Jesus é gerado por um amor assim: um amor que dá, que espera, que é aberto a receber sem fim. O coração de Jesus age para gerar corações assim. O Coração de Jesus se entrega, aguarda e espera por cada um de nós.

“Pedro, tu me amas?”. Conhecemos bem esta pergunta que Jesus dirige a Pedro, penetrando-o. Cada um de nós deseja ser penetrado por perguntas assim. E ninguém, como Jesus, sabe penetrar o nosso coração. Porque, enquanto os Seus lábios pronunciam essas palavras, o Seu olhar nos revela quão grande é o amor que Ele tem por nós. Um amor tão grande que sabe tomar todo aquele abismo que é o nosso coração!

Podemos imaginar a vida de Pedro: Pedro mesmo que escreve aos primeiros cristãos, que guia as primeiras comunidades, primeiro em Jerusalém, depois em Antioquia e, finalmente, em Roma. “Pedro, tu me amas?”. Podemos imaginar Pedro que, dia após dia, se deixa sempre mais encorajar pelo fogo desta pergunta e por aquele olhar, o olhar de Jesus, agora presente para sempre na sua vida. Presente mais do que nunca, ineliminável da sua história. Tudo o que Pedro vivia, o vivia encorajado pela Pessoa de Jesus, presente e vivo como antes, e mais do que antes.

Assim, Pedro se torna sempre mais Apóstolo, sempre mais enviado pelo Senhor, sempre mais encorajado pelo olhar e pelas palavras de Jesus: “Pedro, tu me amas?”. Assim, Pedro descobre que a missão é um evento que se renova a cada dia, seguindo cotidianamente Jesus. Assim, Pedro descobre que toda a sua missão nasce do olhar misericordioso de Jesus. Pedro: que vê Jesus subir ao céu diante de seus olhos, e depois O encontra presente ao longo dos passos de seu caminho. Pedro: que, quando era jovem, ia onde queria e, agora ancião, aprendeu o que significa estender os braços e deixar-se levar por caminhos não pensados e não queridos por ele. Pedro: que, chegado a Roma, compreendeu, então, como o caminho que é preciso percorrer cada dia – para que o coração seja todo tomado – é um caminho que ele não imaginou. Pedro: em cujo olhar e em cujo coração, indelével, há o desejo de se deixar tomar totalmente por Ele.

É este deixar-se tomar totalmente que torna o coração capaz de adoção autêntica, que quebra toda forma viciada de poder, que renova a nossa afetividade, que corta a tentação de negociar com tudo aquilo que nos foi dado viver, que libera em nós ondas de gratuidade, que nos dá de novo um gosto por tudo aquilo que é belo, verdadeiro, justo e bom.

É Jesus que nos torna homens finalmente livres, homens livres porque têm o coração livre, o coração todo tomado por Ele, que é amor e verdade sem fim!

Caros amigos, hoje, a Igreja nos convida a celebrar a Festa de São Marcos Evangelista. Marcos – segundo a tradição – escreveu o seu evangelho em Roma, ditado por Pedro, de quem era fiel secretário. Lendo o Evangelho de Marcos, aparece a essencialidade e a concretude do caráter de Pedro. Este Evangelho é um evangelho dos fatos, que nos coloca diante da factualidade da vida. A vida escorre com uma série de acontecimentos e, através desses acontecimentos, o Senhor da história escreve a sua história, entrelaça – com a sua liberdade – uma história com cada um de nós, com a liberdade de cada um de nós. Por isso, nada do que acontece é banal. Tudo traz inscrito em si o Desígnio misterioso com o qual Deus conduz a história. Cada pequeno fato, evento e circunstância, participa de uma grandeza misteriosa. Uma grandeza que Jesus, ressuscitado e ascendido ao Céu, tornado Senhor da história, confere a cada acontecimento, por pequeno ou insignificante que possa parecer. Graças à Páscoa de Jesus, cada detalhe da vida humana e do mundo traz em si a Sua presença, discreta e potente ao mesmo tempo.

No mistério da Ascensão de Jesus ao Céu atua e se revela tudo isso. Mesmo o Evangelho que acabamos de ler faz alusão a isso: faz alusão a este “sentar-se de Jesus à direita de Deus”, a esta tomada de posse de Jesus do seio de cada circunstância, do seio da criação, que “geme e sofre” pelas dores de um parto: o parto de um mundo renovado. Vós sabeis bem o quanto Dom Giussani tinha interesse e clareza sobre tudo isso.

Jesus, constituído pelo Pai como Senhor da história, exatamente através dos acontecimentos da vida, se torna, desse modo, o grande interlocutor da nossa liberdade. Isto significa que a nossa liberdade, para agir – para ser renovada e dirigida ao bem – nunca pode saltar os eventos e as situações nas quais nos encontramos vivendo. Isto significa que o caminho que o nosso coração deve percorrer, para encontrar a si mesmo – para ser todo tomado –, é o caminho da obediência à concretude da vida, à rudeza dos fatos, que frequentemente não correspondem àquilo que poderíamos ter querido ou imaginado. É esta a via da Cruz, uma via já traçada diante de nós, dentro das situações cotidianas,

é a via da obediência cotidiana a um caminho que Deus esculpe ao som dos fatos. Uma via que nos é pedido que seja percorrida aceitando permanecer naquilo que acontece, por adverso ou favorável que possa nos parecer. Porque, para chegar a ser todo tomado por Jesus, o coração deve aceitar se deixar tomar todo exatamente através daquilo que a vida nos pede.

É essa também a via da santidade. Uma santidade finalmente encontrada na sua adesão essencial à vida, graças à capacidade que a fé tem de nos apaixonar à vida e de nos inserir, profunda e seguramente, dentro de tudo aquilo que acontece. Que nos faz tomar posse – quase como Jesus – do coração da realidade. É este também o traço mais belo e fascinante da vida cristã autêntica. Um traço que ninguém, hoje, sabe testemunhar como Papa Francisco, que é como uma lâmpada de amor e de esperança posta diante de todos.

É exatamente esse vínculo tenaz à realidade que subtrai a santidade das caricaturas com as quais o poder deste mundo sempre tenta deformá-la. E a torna finalmente desejável, finalmente atraente, como pode ser uma vida verdadeiramente fortunada e cheia de dons. É esta a experiência que já fizeram tantos dos vossos amigos e companheiros de caminho. É esta a experiência que já estão fazendo tantos de vós – estou certo disso –, alguns talvez escondidos dos demais.

Por isso, a Igreja vos é grata. Por isso, Jesus mesmo vos é grato. Por isso, vos somos gratos, gratos pelo “sim” cotidiano, pelo assentimento de coração que, a cada dia, dais a Jesus, escondido ou evidente que seja este assentimento. Não vos preocupeis com colher tudo. Preocupai-vos, pelo contrário, com semear bem, porque, no tempo certo, será o Senhor quem irá colher e mostrar a todos os bens que tiverdes acumulado no vosso coração. Preocupemo-nos com semear bem, junto com Aquele que – continuamente – semeia bem a verdade nos corações dos homens e que, segundo os tempos dos Seus desígnios, sabe colher e dar fruto!

Por isso, Ele nos poda, nos purifica e nos corrige, segundo a medida da Sua misericórdia. Por isso, Ele nos muda e nos convida a nos deixarmos mudar. Segundo a medida sempre maior à qual nos convida, à qual convida o nosso coração, para que seja sempre mais todo tomado. Porque o coração deseja ser sempre mais agarrado, sempre mais abraçado, segundo uma medida sem fim. Segundo uma medida que, em nós, nunca terminou de se realizar.

Sei que Dom Giussani definia a misericórdia de Deus como “uma justiça que recria” o homem. É assim! O Senhor nos toma assim como somos, mas não nos deixa como nos encontra e nos muda, segundo a

medida exigente do Seu amor. Porque a Sua graça não nos justifica do alto, deixando-nos como somos, mas é um dom que entra em nós e nos transforma, nos renova segundo as dimensões sempre mais amplas para as quais o Seu Espírito nos conduz.

É este também o meu desejo para todos vós. O desejo e a oração para que o vosso coração e a vossa humanidade cresçam e se dilatam sempre mais: segundo as medidas sem fim que a nossa natureza mesma deseja, segundo os horizontes grandes que a Igreja nos escancara, segundo os desígnios bons e misteriosos que Jesus mesmo vai realizando para nós.

Trabalhai para isto, rezai por isto, sede dispostos a vos oferecer por isto. Tereis Deus como prêmio.

Amém!

ANTES DA BENÇÃO

Julián Carrón. Eminência caríssima, é um prazer tê-lo conosco, hoje. Conheço o Cardeal Müller de velha data, porque costumava vir à faculdade de Madri para dar cursos de teologia, há muitos anos. É uma alegria acolhê-lo e poder lhe agradecer por esta sua disponibilidade para presidir esta Santa Missa dos nossos Exercícios.

Agradecemos ao senhor também pelo seu serviço sensível de custódia inestimável da riqueza da fé do povo cristão através do seu ministério, empregado ao serviço da fé e do Santo Padre.

Agradecemos ao senhor, de modo particular, porque a sua presença aqui, hoje, renova a alegria do vínculo com a paternidade de Papa Francisco, que teve a ocasião de se manifestar, de modo comovente, na recente audiência do dia 7 de março, em Roma. Nós desejamos segui-lo e servi-lo com tudo o que somos, afetiva e efetivamente, como sempre nos testemunhou Dom Giussani no seu vínculo com Pedro.

Obrigado, caríssima eminência.

Cardeal Müller. Permitti-me algumas palavras de agradecimento. O meu primeiro pensamento agradecido é dirigido a Dom Giussani. Do “sim” do seu coração a Jesus nasceu este povo numeroso. É impressionante pensar nos milagres que o coração de um homem possa operar quando diz, com totalidade, “sim” a Jesus.

O meu segundo “obrigado” é dirigido a todos vós, porque sem o vosso “sim”, sem o “sim” de cada um de vós a Jesus, este povo não existiria. Nenhum de vós está escondido aos olhos de Jesus: todos vós, um a um,

sois importantes para Ele! Obrigado pela vossa fé e pelo vosso testemunho a todo o mundo de hoje.

Deixai que Jesus alcance a periferia do vosso coração e sereis capazes de levá-Lo a qualquer lugar, até às extremas periferias do mundo – como nos pede Papa Francisco –, até aos extremos confins da terra, aos confins da existência humana – como nos pede Jesus.

O meu último obrigado, *last but not least*, é dirigido a Padre Julián Carrón, pela sua amizade *desde Madrid* (desde os tempos de Madri; por isso, o digo em espanhol), e por me ter trazido aqui para rezar convosco. Agradeço também pela forma humilde e segura com a qual conduz as vossas comunidades. A sua humildade e a sua fé segura são notáveis a todos vós e a todos nós: dão um grande e bom exemplo de cristianismo vivo, de testemunho pessoal de Jesus Cristo.

Obrigado, também em nome da Igreja, por tudo o que sois e viveis! E rezai por mim! São palavras bem conhecidas do Santo Padre Francisco, que sempre pede a oração do povo de Deus, de quem o supremo pastor é ele, estabelecido por Jesus Cristo mesmo, pelo nosso Salvador.

Ontem, estive em audiência com o Santo Padre e lhe falei deste encontro, desta missa de hoje, na ocasião dos Exercícios: ele me pediu para trazer a todos vós as suas cordiais saudações e sua bênção para todos vós!

Sábado, 25 de abril, tarde

Na entrada e na saída:

Ludwig Van Beethoven, Concerto para violino e orquestra em ré maior, op. 61

David Oistrakh, violino

André Cluytens Orchestre National de la Radiodiffusion Française

“Spirto Gentil” n. 6, EMI

Julián Carrón. Esta manhã emergiu, com clareza, a nossa necessidade contínua de sermos descentrados de nós mesmos e a urgência de Cristo, de uma mão que O ofereça agora. Quem melhor do que Dom Giussani nos testemunhou o que significa viver com esta Presença no olhar? E o que há de melhor que ouvi-lo dizer qual é a natureza do carisma, para reconduzir-nos ainda – como fazia sempre – ao centro, isto é, a Cristo?

Por isso, pensamos que a melhor coisa para recordá-lo aos dez anos da sua morte fosse ver, juntos, o vídeo da intervenção de Dom Giussani nos Exercícios Espirituais dos Universitários do Movimento, em 1994, que foi publicado com o título de *Reconhecer Cristo*.

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

Luigi Giussani

*Reconhecer Cristo**

A meditação desta manhã terminava com a frase icástica de Kafka: “Existe um ponto de chegada, mas não há nenhum caminho”¹. É inegável: há um desconhecido (os geógrafos antigos traçavam quase uma analogia deste desconhecido com a famosa “terra desconhecida” com que terminavam seus grandes mapas; nas margens do mapa assinalavam: “terra desconhecida”). As margens da realidade que o olho abraça, que o coração sente, que a mente imagina, há um desconhecido. Todos o sentem. Todos sempre o sentiram. Em todos os tempos, os homens o sentiram tanto que até o imaginaram. Em todos os tempos, os homens procuraram, através das suas elocubrações ou

* Meditação realizada durante os Exercícios espirituais dos universitários de Comunhão e Libertação (Rimini, 10 de dezembro de 1994), agora publicado no volume: GIUSSANI, Luigi, *Il tempo e il tempio, Dio e l'uomo*, Bur, Milão 2014, pp. 37-74.

¹ KAFKA, Franz, “Gli otto quaderni in ottavo”, in *Confessioni e diari, Terzo quaderno*, Mondadori, Milão 1972, p. 716.

das suas fantasias, imaginar, fixar o rosto deste desconhecido. Tácito, no *Germania*, descrevia assim o sentimento religioso que qualificava os antigos teutões: “*secretum illud quod sola reverentia vident, hoc deum appellant*”² (àquela coisa misteriosa que eles intuía com temor e tremor, a isto chamavam Deus, a isto chamam Deus). Todos os homens de todos os tempos, qualquer que seja a imagem que tenham feito dele, *hoc deum appellant*, chamam Deus a este desconhecido diante do qual passam os olhares, da maioria indiferentes, mas de muitos apaixonados. Indubitavelmente, entre os apaixonados estavam aqueles trezentos que percorreram com o cardeal Martini o trajeto que vai de San Carlo à Catedral de Milão. Trezentos representantes de religiões diferentes! E como podemos nomear, com um denominador comum, aquilo que eles pretendiam exprimir e homenagear com a sua participação da grande iniciativa do cardeal de Milão? Um *secretum illud*, algo de misterioso, terra desconhecida, algo que não se pode conhecer – que não se pode conhecer!

Gostaria de recordar agora uma comparação que se encontra no segundo volume da Escola de Comunidade³ (quem já tiver lido este livro a conhece). Imaginem o mundo humano, a história humana, como uma imensa planície, e nesta imensa planície uma imensa multidão de empresas de construção, particularmente especializadas em fazer estradas e pontes. Cada uma no seu canto, do seu canto procura lançar, entre o ponto em que estão, entre o momento efêmero que vivem, e o céu pontilhado de estrelas, uma ponte que ligue os dois termos, segundo a imagem de Victor Hugo na sua bela poesia de *Les contemplations* intitulada “Le Pont”⁴ (“A ponte”). Nela ele imagina, sentado na praia de noite, uma noite estrelada,

² TACITO, *Germania*, IX, 2.

³ GIUSSANI, Luigi, *Na origem da pretensão cristã*, São Paulo, Companhia Ilimitada 2012, p. 47.

⁴ “J’avais devant les yeux les ténèbres. L’abîme / Qui n’a pas de rivage et qui n’a pas de cime, / Était là, morne, immense; et rien n’y remuait. / Je me sentais perdu dans l’infini muet. / Au fond, à travers l’ombre impénétrable voile, / On apercevait Dieu comme une sombre étoile. / Je m’écriai: – Mon âme, ô mon âme! il faudrait, / Pour traverser ce gouffre où nul bord n’apparaît, / Et pour qu’en cette nuit jusqu’à ton Dieu tu marches, / Bâtir un pont géant sur des millions d’arches. / Qui le pourra jamais? Personne! ô deuil! effroi! / Pleure! – Un fantôme blanc se dressa devant moi / Pendant que je jetais sur l’ombre un oeil d’alarme, / Et ce fantôme avait la forme d’une larme; / C’était un front de vierge avec des mains d’enfant; / Il ressemblait au lys que sa blancheur défend, / Ses mains en se joignant faisaient de la lumière. / Il me montra l’abîme où va tonte poussière, / Si profond que jamais un écho n’y répond; / Et me dit: – Si tu veux je bâtirai le pont. / Vers ce pâle inconnu je levai ma paupière. / – Quel est ton nom? lui dis-je. Il me dit: – La prière.” (HUGO, Victor, “Le pont”, in *Les Contemplations*, Garnier Frères, Paris 1969, p. 335).

um indivíduo, um homem que olha, fixa seu olhar na maior estrela, a aparentemente mais próxima, e pensa nos milhares e milhares de arcos que seria preciso erguer para construir esta ponte, uma ponte que nunca pode ser terminada, que nunca será completamente realizada. Imaginem, então, esta planície imensa, toda ela apinhada de tentativas de grupos grandes e pequenos, ou até solitárias, como na imagem de Victor Hugo, cada um pondo em prática o projeto que imaginou, que fantasiou. De repente, ouve-se na imensa planície uma voz poderosa, que diz: “Parem! Parem todos!”. E todos os operários, os engenheiros, os arquitetos suspendem o trabalho e olham para o lado do qual veio a voz: é um homem, que erguendo o braço continua: “Vocês são grandes, são nobres no seu esforço, mas esta sua tentativa, embora grande e nobre, permanece triste, motivo pelo qual tantos renunciaram a ela e não pensam mais nela, e se tornam indiferentes; é grande, mas triste, porque não chega nunca ao termo, não consegue nunca ir até o fim. Vocês são incapazes disto porque são impotentes para este objetivo. Há uma desproporção que não pode ser preenchida entre vocês e a última estrela do céu, entre vocês e Deus. Vocês não podem imaginar o mistério. Ora, deixem o seu trabalho tão cansativo e ingrato, venham atrás de mim: eu lhes construirei esta ponte, aliás, *eu sou* esta ponte! Porque *eu sou o caminho*, a verdade, a vida!”⁵

Estas coisas não são compreendidas no seu valor intelectual rigoroso, se não nos identificamos, se não procuramos nos identificar de coração. Imaginem, portanto, vocês que, das dunas de areia junto ao mar, veem um agrupamento de pessoas do vilarejo próximo que estão a ouvir uma dentre elas que fala, que está lá no meio do grupo e fala; e vocês passam direto para ir à praia, para onde se dirigem; passam perto e, quando estão passando e olhando curiosos, ouvem o indivíduo que está no meio dizer: “Eu sou o caminho, a verdade, a vida. Eu sou o caminho, a verdade...”; o caminho que não se pode saber, do qual falava Kafka; “Eu sou o caminho, a verdade, a vida”. Imaginem, façam um esforço de imaginação, de fantasia: o que vocês fariam, o que vocês diriam? Por mais céticos que possam ser, vocês não podem deixar de sentir o seu ouvido atraído para aquele lado, e pelo menos olham com curiosidade extrema para aquele indivíduo que ou é louco ou é verdadeiro: *tertium non datur*; ou é louco ou é verdadeiro. De fato, houve um só homem, um, que disse esta frase, um em toda a história do mundo – do mundo! –, de tanto que é verdade. Um homem no meio de um grupinho de pessoas, tantas vezes no meio de um grupinho de pessoas, e tantas vezes também no meio de uma grande multidão.

⁵ Cf. Jo 14,6.

Então, na grande planície, todos suspendem o trabalho e ficam atentos a esta voz, e ele repete continuamente as mesmas palavras. Quais foram os primeiros que se incomodaram com aquilo? Os engenheiros, os arquitetos, os donos das várias empresas de construção, que disseram quase imediatamente: “Vamos, vamos, pessoal, ao trabalho, ao trabalho. Operários, ao trabalho! Ele é um fanfarrão!”. Era uma alternativa radical, categórica, ao projeto deles, à sua criatividade, ao seu lucro, ao seu poder, ao seu nome, a si mesmos. Era a alternativa a si mesmos. Depois dos engenheiros, dos arquitetos e dos chefes, os operários também, começando um pouco a rir, com mais dificuldade desviaram totalmente o olhar daquele indivíduo, falando ainda por um pouco dele, caçoando dele, ou então dizendo: “Vai saber, vai saber quem é, será que é louco?”. Mas alguns, ao contrário, não. Alguns perceberam um acento naquela voz que nunca tinham ouvido, e assim não respondiam ao engenheiro, ao arquiteto ou ao dono da empresa que lhes dizia: “Vamos, rápido, o que vocês fazem aí, por que vocês ainda estão aí parados olhando para lá?”; continuavam a olhar para ele. E ele avançava. Ou melhor, eles se aproximaram dele. Em cento e vinte milhões, eram doze. Mas aconteceu: *isto é um fato histórico*.

O que Kafka diz (“não há nenhum caminho”) não é verdade historicamente. É verdade, paradoxalmente, poderíamos dizer, teoricamente, mas não é verdade historicamente. Não se pode conhecer o mistério! Isto é verdade teoricamente. Mas se o mistério bate à sua porta... “Se alguém me abrir a porta, entrarei em sua casa e irei jantar com ele”⁶: são palavras que lemos na Bíblia, palavras de Deus na Bíblia. Mas é um fato que aconteceu.

E o primeiro capítulo de São João, que é a primeira página literária a falar disto, fora do anúncio geral: “O Verbo se fez carne” – aquilo de que toda a realidade é feita se fez homem –, contém a memória daqueles que seguiram imediatamente, que resistiram à solicitação que lhes era feita por parte dos engenheiros, dos arquitetos. Em uma folha, algum deles anotou as primeiras impressões e os traços do primeiro momento em que o fato aconteceu. O primeiro capítulo de São João, de fato, possui uma sequência de notas que são realmente notas de memória. Um dos dois, quando velho, lê na sua memória as anotações que ficaram, pois a memória tem uma sua lei. A memória não tem como lei uma continuidade sem espaços, como acontece por exemplo em uma criação fantástica, da imaginação; a memória literalmente “toma notas”, como nós fazemos agora: uma anotação, uma linha, um ponto, e este ponto representa tantas coisas, de tal forma que a segunda frase começa

⁶ Ap 3, 20.

depois das tantas coisas supostas pelo primeiro ponto. As coisas são mais supostas que ditas, algumas só são ditas como pontos de referência. Por isso, eu, com os meus setenta anos de idade, releio estas coisas pela milésima vez, e sem nenhum sintoma de cansaço. Desafio vocês a imaginarem uma coisa em si mais grave, mais pesada, no sentido de *pondus*, maior, mais carregada de desafio para a existência do homem na sua fragilidade aparente, mais cheia de consequências na história, do que este fato acontecido.

“Naquele dia, João estava ainda lá com dois discípulos. Fixando seu olhar em Jesus, que passava, disse...”. Imaginem a cena, então. Depois de 150 anos de espera, finalmente o povo hebraico, que sempre, ao longo de toda a sua história, durante dois milênios, tinha tido algum profeta, algum profeta reconhecido por todos, depois de 150 anos finalmente o povo hebraico teve de novo um profeta: chamava-se João Batista. Outros escritos da antiguidade também falam dele, está documentado historicamente, portanto. Todas as pessoas – ricos e pobres, publicanos e fariseus, amigos e adversários – iam ouvi-lo e ver a maneira como vivia, do outro lado do Jordão, em terra deserta, terra de gafanhotos e ervas silvestres. Ele tinha sempre um grupo de pessoas à sua volta. Entre estas pessoas naquele dia havia também dois que estavam indo pela primeira vez e vinham, digamos, do campo – mas eles vinham do lago, que era bem distante e estava fora do círculo das cidades mais desenvolvidas. Estavam lá como dois “caipiras” que pela primeira vez vêm à cidade, deslocados, olhando com os olhos arregalados para tudo o que estava à sua volta e sobretudo para ele. Ficavam lá com a boca aberta e os olhos arregalados a olhar para ele, a ouvi-lo, atentíssimos. De repente, uma pessoa do grupo, um homem jovem, vai embora, toma o caminho ao longo do rio para ir para o norte. E João Batista, inesperadamente, olhando fixamente para ele, grita: “Eis o Cordeiro de Deus, eis aquele que tira o pecado do mundo!”. Mas as pessoas não se moveram, estavam acostumadas a ouvir o profeta de quando em quando exprimir-se com frases estranhas, incompreensíveis, sem nexos, fora de contexto; por isso, a maior parte dos presentes não fez caso daquilo. Os dois que vinham pela primeira vez, que ficavam lá escutando João Batista atentamente, olhando para os seus olhos, seguindo os seus olhos para onde quer que girasse o seu olhar, viram que mirava aquele indivíduo que ia embora, e puseram-se a seguir este indivíduo. Seguiram-no permanecendo à distância, por temor, por vergonha, mas estranhamente, profundamente, obscura e sugestivamente curiosos. “Aqueles dois discípulos, ouvindo-o falar assim, seguiram a Jesus. Jesus se voltou e vendo que o seguiam disse: ‘O que buscais?’. Responderam-lhe: ‘Rabi, onde moras?’. Ele lhes disse: ‘Vinde e vede’”. Esta é a fórmula, a fórmula cristã. O método cristão é este: “Vinde e vede”. “E foram, e viram onde morava,

e ficaram com ele todo o dia. Eram cerca de 4 da tarde”. Não se especifica quando partiram, quando foram atrás dele; todo o trecho, também o seguinte, é composto de notas, como eu dizia antes: as frases acabam em um ponto que dá por óbvio que se saibam já muitas coisas. Por exemplo: “Eram cerca de 4 da tarde”; mas quando é que foram embora, quando é que foram lá, quem o sabe? De qualquer forma, eram 4 da tarde. Um dos dois que tinham ouvido as palavras de João Batista e haviam seguido aquele homem se chamava André, era o irmão de Simão Pedro. Ele encontrou em primeiro lugar seu irmão Simão... Deixaram Jesus, e o primeiro que André encontra é o irmão Simão, que voltava da praia, voltava ou da pescaria ou de consertar as redes necessárias para o pescador, e lhe diz: “Encontramos o Messias”. Não narra nada, não cita nada, não documenta nada, é sabido, é claro, são notas de coisas que todos sabem! Poucas páginas podem ser lidas que sejam verdadeiras de maneira tão realista, verdadeiras de maneira tão simples, onde nenhuma palavra é acrescentada à pura recordação.

Como pôde dizer: “Encontramos o Messias”? Jesus, falando com eles, terá dito esta palavra, que estava no vocabulário deles; porque, dizer que aquele era o Messias, “como quatro e quatro são oito”, com tanta certeza, teria sido impossível. Mas se vê que, ficando lá horas a escutar aquele homem, vendo-o, olhando-o falar – quem é que falava deste modo? Quem alguma vez já havia falado deste modo? Quem já havia dito estas coisas? Nunca foram ouvidas! Nunca fora visto alguém assim! –, lentamente, dentro do espírito deles, ia abrindo caminho a expressão: “Se eu não acredito neste homem, não acredito em mais ninguém, nem nos meus olhos”. Não que tenham dito isto, não que tenham pensado assim, sentiram isto, não pensaram. Aquele homem terá, portanto, dito, entre outras coisas, que era ele aquele que tinha de vir, o Messias que tinha de vir. Mas fora tão óbvio na excepcionalidade do anúncio (da afirmação), que eles o carregaram consigo como se fosse uma coisa simples – era uma coisa simples! –, como se fosse uma coisa fácil de compreender.

“E André o conduziu a Jesus. Jesus, fitando o olhar sobre ele, disse: ‘Tu és Simão, o filho de João. Chamar-te-ás Cefas, que quer dizer pedra’”. Os judeus tinham o costume de mudar o nome, ou para indicar o caráter de alguém, ou então por algum fato que acontecia. Portanto, imaginem Simão, que vai com o irmão, cheio de curiosidade e um pouco de temor, e que olha fixamente para o homem a quem o irmão o conduz. Aquele homem o está fixando de longe. Pensem na maneira como o fixava, a ponto de compreender o seu caráter até a medula dos ossos: “Chamar-te-ás pedra”. Pensem em uma pessoa que se sente olhada assim por alguém que nunca viu, absolutamente estranho, que se sente entendida assim no profundo de si. “No dia

seguinte, Jesus tinha estabelecido que partiria para a Galiléia...”. É meia página feita deste modo, feita destes breves acenos e destes pontos em que tudo o que aconteceu era tratado como se fosse óbvio que todos o soubessem, que fosse evidente para todos.

“Existe um ponto de chegada, mas não há nenhum caminho”. Não! Um homem que disse: “Eu sou o caminho” é *um fato histórico que aconteceu*, cuja primeira descrição está dentro desta meia página que eu comecei a ler. E cada um de nós sabe que aconteceu. Nada aconteceu no mundo tão impensado e excepcional como aquele homem de que estamos falando: Jesus de Nazaré.

Mas para aqueles dois, os dois primeiros, João e André – André, muito provavelmente, era casado, tinha filhos –, como foi possível que fossem convencidos tão imediatamente e que o reconhecessem (não há uma outra palavra que possa ser dita diferente de *reconhecê-lo*)? Direi que, se este fato aconteceu, reconhecer aquele homem, quem era aquele homem, não quem era no fundo e minuciosamente, mas reconhecer que aquele homem era algo de excepcional, de incomum – era absolutamente incomum –, irredutível a qualquer análise, reconhecer isto devia ser fácil. Se Deus se tornasse homem, viesse até nós, se viesse agora, se tivesse penetrado na nossa multidão, se estivesse aqui entre nós, reconhecê-lo, *a priori* eu digo, deveria ser *fácil*: fácil reconhecê-lo no seu valor divino. Por que é fácil reconhecê-lo? Por causa de uma *excepcionalidade*, por causa de uma excepcionalidade incomparável. Eu tenho na minha frente uma excepcionalidade, um homem excepcional, sem comparações. O que quer dizer excepcional? Que quererá dizer? Por que o excepcional toca você? Por que você sente “excepcional” uma coisa excepcional? Porque *corresponde* às expectativas do seu coração, por quanto confusas e nebulosas possam ser. Corresponde de repente – de repente! –, corresponde às exigências da sua alma, do seu coração, às exigências irresistíveis, inegáveis do seu coração, como você jamais poderia imaginar, prever, porque não há ninguém como aquele homem. Ou seja, o excepcional é, paradoxalmente, o aparecimento daquilo que é mais natural para nós. O que é natural para mim? Que aquilo que eu desejo aconteça. Mais natural do que isto! Que aquilo que eu mais desejo mais aconteça: isto é natural. Esbarrar com algo absoluta e profundamente natural, porque correspondente às exigências do coração que a natureza nos deu, é uma coisa absolutamente excepcional. É como uma estranha contradição: o que acontece nunca é excepcional, realmente excepcional, porque não chega a responder adequadamente às exigências do coração. Acena-se à excepcionalidade quando algo faz o coração bater por uma correspondência que se crê de um certo valor e que o dia seguinte desacreditará, que o ano seguinte anulará.

É a excepcionalidade com a qual se mostra a figura de Cristo que torna fácil o reconhecê-lo. É preciso imaginar-se dentro, eu disse, é preciso identificar-se com estes acontecimentos. Se pretendemos julgá-los, se queremos julgá-los, não digo compreendê-los, mas julgá-los substancialmente, se são verdadeiros ou falsos, é a sinceridade da identificação que você vive que torna verdadeiro o que é verdadeiro e não falso, e que não torna o seu coração duvidoso da verdade. É fácil reconhecê-lo como presença divina porque é excepcional: corresponde ao coração, e a pessoa *aceita* e nunca iria embora, que é o sinal da correspondência com o coração. Nunca iria embora, e o seguiria por toda a vida – e de fato o seguiram durante os outros três anos que ele viveu.

Mas imaginem aqueles dois que ficam a ouvi-lo durante algumas horas e que depois têm de ir para casa. Ele se despede deles e eles voltam calados, calados porque invadidos pela impressão que tiveram do mistério que sentiram, pressentiram, ouviram, e depois se separam. Cada um dos dois vai para a sua casa. Não se cumprimentam, não porque não se cumprimentem, mas se cumprimentam de outro modo, cumprimentam-se sem se cumprimentar, porque estão repletos da mesma coisa, são uma só coisa aqueles dois, de tanto que estão repletos da mesma coisa. E André entra em sua casa e tira o manto, e a esposa lhe diz: “Mas, André, o que você tem? Está diferente, que lhe aconteceu?”. Imaginem a ele que rompesse em choro abraçando-a, e ela que, perturbada com isto, continuasse a lhe perguntar: “Mas o que você tem?”. E ele a abraçar a sua esposa, que nunca se sentiu abraçada assim em sua vida: era um outro. Era um outro! Era ele, mas era um outro. Se lhe tivessem perguntado: “Quem é você?”, teria dito: “Compreendo que me tornei um outro... depois de ter ouvido aquele indivíduo, aquele homem, eu me tornei um outro”. Rapazes, isto, sem ter de fantasiar demais, aconteceu.

Não apenas é fácil reconhecê-lo, foi fácil reconhecê-lo na sua excepcionalidade – porque “se não acredito neste homem não acredito mais nem nos meus olhos” –,⁷ mas foi fácil também compreender que tipo de moralidade, isto é, que tipo de relacionamento dele nascesse; porque a moralidade é a relação com a realidade enquanto criada pelo mistério, é a relação justa, ordenada com a realidade. Foi fácil, foi fácil para eles compreender como era fácil o relacionamento com ele, o segui-lo, o ser coerentes com ele, o ser coerentes com a sua presença – coerentes com a sua presença.

Há uma outra página de São João que diz estas coisas de um modo espetacular: está no último capítulo de São João, o vigésimo primeiro. Naquela manhã, o barco estava chegando à margem e não tinham conseguido pegar

⁷ Cf. GIUSSANI, Luigi, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 84 e 103.

peixes. A algumas centenas de metros da praia, se deram conta de um homem que estava ali, de pé – ele havia preparado uma pequena fogueira, dava para ver de cem metros –, e que dialogou com eles de uma certa maneira que agora não descrevo em detalhes. João foi o primeiro a dizer: “É o Senhor!”; e São Pedro no mesmo instante se joga no lago e em quatro braçadas chega à praia: e é o Senhor. Ao mesmo tempo chegam os outros e ninguém fala. Colocam-se todos em círculo, ninguém fala, todos calados, porque todos sabiam que era o Senhor ressuscitado: já estivera morto, e já se havia deixado ver por eles depois que ressuscitara. Tinha preparado peixe assado para eles. Todos se sentam, comem. No quase total silêncio que pesava sobre a praia, Jesus, deitado, olhou para o seu vizinho, que era Simão Pedro: fixou-o, e Pedro sentiu, imaginemos como sentiu, o peso daquele olhar, porque se lembrava da traição de poucas semanas antes, e de tudo o que tinha feito – fora chamado até de Satanás por Cristo: “Vá para longe de mim, Satanás, escândalo para mim, para o destino da minha vida” –,⁸ lembrava-se de todos os seus defeitos, porque quando se erra gravemente uma vez volta à mente também todo o resto, até aquilo que é menos grave. Pedro se sentiu como que esmagado sob o peso da sua incapacidade, da sua incapacidade de ser homem. E aquele homem ali ao lado abre a boca e lhe diz: “Simão (imaginem como Simão devia tremer), tu me amas?”. Mas, se vocês procuram identificar-se com esta situação, tremem agora pensando nela, somente pensando nela, pensando nesta cena tão dramática; dramática, quer dizer, tão descritiva do humano, expositiva do humano, exaltadora do humano, porque o drama é o que exalta os fatores do humano, somente a tragédia os aniquila. O niilismo leva à tragédia, este encontro traz à vida o drama, porque o drama é a relação vivida entre um eu e um tu. Então Pedro, como num respiro, como num respiro respondeu: a sua resposta foi apenas balbuciada como num respiro. Não ousava, mas.. “Não sei como, sim, Senhor, eu te amo; não sei como, mas é assim” (como é dito no “vídeo” que alguns de nós assistiram algumas semanas atrás).⁹ “Sim, Senhor. Não sei como, não posso te dizer como, mas...”

Enfim, era fácilimo manter, viver o relacionamento com aquele homem, bastava aderir à simpatia que ele fazia nascer, uma *simpatia profunda*, semelhante à simpatia vertiginosa e carnal da criança com sua mãe, que é simpatia no sentido intenso do termo. Bastava aderir à simpatia que ele fazia

⁸ cf. *Mc* 8, 33.

⁹ As imagens e os textos do vídeo foram publicadas em “Simão, tu me amas?. Imagens sobre Jesus e Pedro com trechos de comentários de Luigi Giussani”, *30 Giorni*, fevereiro 1995, pp. 41-56.

nascer. Porque, depois de tudo o que lhe havia feito, e a traição, ouviu ser-lhe dito: “Simão, tu me amas?”. Por três vezes. E ele pensou na terceira vez, talvez, que houvesse uma dúvida na pergunta, e respondeu mais amplamente: “Senhor, Tu sabes tudo, Tu sabes que te amo. A minha simpatia humana é por ti; a minha simpatia humana é por ti, Jesus de Nazaré”.

Aprender com uma excepcionalidade está dentro de uma simpatia: isto é a lógica do conhecimento e a lógica da moralidade que a convivência com aquele indivíduo tornava necessárias, apenas isto. Aprender é uma simpatia última. Como para a criança com a sua mãe, que pode errar mil vezes por dia, cem mil vezes por dia, mas se a tiram de sua mãe, ai! Se pudesse compreender a pergunta: “Você ama esta mulher?”, e responder, pensem que “sim” ela gritaria. Quanto mais errou, mais gritaria “sim”, para afirmá-lo. Estou falando de homem para homens, que, sendo jovens, têm menos preconceitos; estão abarrotados de preconceitos, de fato, mas são os preconceitos dos adultos.

Qual é no fundo, então, a coisa que a moralidade da simpatia para com ele exige que você faça, que você realize? *Observá-lo*, ou aquele observar ativo que se chama seguir. *Segui-lo*. E de fato voltaram a ele no dia seguinte, ele voltou a eles no terceiro dia, porque morava em uma cidade vizinha. Começou a ir à pesca com eles, e à tarde ia encontrá-los na praia quando conserstavam as redes. E quando ele, de quando em quando, começava a percorrer as cidades do interior, passava por eles e dizia: “Vinde comigo?”, alguns iam, alguns não iam, depois acabavam por ir todos. Acabavam por passar fora algumas horas, depois mais horas, depois o dia inteiro, depois ele começava a passar fora também a noite, e eles o seguiam, esqueciam da sua casa... Não se esqueciam da sua casa! Havia algo maior do que a sua casa, havia algo do qual a sua casa nascia, do qual o seu amor à mulher nascia, que podia salvar o amor com que olhavam para os filhos e os viam com preocupação tornarem-se adultos, havia algo que salvava tudo isto mais do que as suas paupérrimas forças e a sua pequeníssima imaginação. O que eles podiam fazer? Diante dos anos feios de carestia, ou diante dos perigos a que iam de encontro os filhos? Foram atrás dele! Todos os dias ouviam o que ele dizia, todas as pessoas ficavam ali com a boca aberta, e eles com a boca mais aberta ainda. Não se cansavam de ouvi-lo.

Pois ele era bom. “Tomou uma criança, abraçou-a e disse: ‘Ai daquele que arranca um fio de cabelo da menor destas crianças’”,¹⁰ e não falava de não fazer mal físico à criança, o que até certo ponto se tem um pouco mais de reserva em fazer – hoje não, e este não é o último sinal triste dos tempos –,

¹⁰ cf. *Mt* 18, 2-6 e *Mc* 9, 36-42.

mas falava do escândalo à criança que, ninguém pensa nisto, é fazer-lhe mal. Ele era bom. Quando viu aquele funeral, informou-se logo: “Quem é?”. “É um adolescente, cujo pai morreu há pouco tempo”. E sua mãe estava gritando e gritando e gritando atrás do fêretro, não como era costume naquela época, mas como é comum na natureza do coração de uma mãe, que livremente se exprime. Deu um passo na direção dela e lhe disse: “Mulher, não chores!”.¹¹ Mas há algo de mais injusto do que dizer a uma mulher cujo filho morreu, sozinha: “Mulher, não chores”? E era, pelo contrário, o sinal de uma compaixão, de uma afeição, de uma participação da dor sem limites. Disse ao filho: “Levanta-te!”. E restituiu-lhe o filho. Mas não podia restituir-lhe o filho sem dizer nada: teria permanecido na sua solenidade de profeta e taumaturgo, de homem dos milagres. “Mulher, não chores”, disse. E restituiu-lhe o filho. Mas disse antes: “Mulher, não chores”.

Imaginem durante um, dois anos ouvi-lo todos os dias assim, senti-lo tão bom, senti-lo com tanto poder sobre a natureza que a natureza estava como que ao seu serviço. E naquela tarde foi de barco com eles, e fez-se noite. A certo ponto ergue-se um vento impetuoso, uma tempestade terrível se desencadeia de repente sobre o lago de Genesaré, e estavam para ir a pique. O barco estava cheio de água, ele dormia, estava tão cansado que não ouvia nem a tempestade e dormia na popa. Um deles disse: “Mestre, acorda, acorda, vamos a pique!”. E ele levantou a cabeça, estendeu a mão e “deu ordens ao vento e ao mar e fez-se de repente uma grande calmaria”. Aqueles homens – termina o Evangelho – aqueles homens, amedrontados, diziam entre si: “*Mas quem é este?*”.¹²

Esta pergunta dá início na história do mundo, até o fim do mundo, ao problema de Cristo. Esta pergunta – precisa – no oitavo capítulo do Evangelho de São Lucas. Eram pessoas que o conheciam muito bem, que conheciam a sua família, que o conheciam como a palma de sua mão, iam atrás dele, tinham abandonado as suas casas! Mas era tão desproporcionado o modo de agir daquele homem, tão inconcebível, tão soberano, que era espontâneo aos seus amigos dizer: “Quem é este?”. O que tem por trás dele? Não há nada que o homem deseje mais do que esta “incompreensibilidade”. Não há nada que o homem deseje mais ardentemente, ainda que temerosamente, sem se dar conta, do que esta presença inexplicável. Porque é ele, Deus. Ele é o sinal e a conexão com o mistério. De fato, é a mesma pergunta que lhe fizeram os seus inimigos no fim, antes de matá-lo. Poucas semanas antes de matá-lo, discutindo com ele, lhe disseram: “Até quando nos manterás na expectativa,

¹¹ Lc 7, 11-14.

¹² Cf. Mt 8, 23-27 e Lc 8, 22-25.

dize de que parte vens e quem és!”¹³ Tinham o seu registro civil, era alguém que haviam registrado, trinta e três anos antes. Não há homem nenhum no mundo do qual nós possamos dizer: “Mas quem é este que faz estas coisas?”, constringidos pela admiração e pela desproporção entre a imaginação do possível e o real que a pessoa tem diante de si. Compreende-se então como daquela vez que ele matou a fome de mais de cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças – matou a sua fome misteriosamente –, depois desapareceu, porque queriam torná-lo rei. Aqueles homens disseram, tocados na sua economia: “Este é realmente o Messias que deve vir!”¹⁴ voltando de repente à mentalidade comum que sempre haviam vivido, que todos tinham – como era ensinado pelos seus chefes, o Messias deveria ser um homem poderoso que iria dar a Israel, ao seu povo, a supremacia sobre o mundo. Fugiu deles, e muitos deles intuíram que tivesse ido a Cafarnaum. Então contornaram o lago para encontrá-lo, ao anoitecer do sábado. Foram à sinagoga, porque o lugar em que podiam encontrá-lo era a sinagoga: ele, de fato, tomava sempre como ponto de partida para falar o trecho bíblico que era proposto ao povo naquele dia, do rolo que o empregado da sinagoga lhe trazia. E de fato era lá na sinagoga que estava falando, e estava dizendo que os pais deles haviam comido o maná, mas que ele dava de comer algo de muito maior, a sua palavra: a sua palavra é verdade. A verdade dava-lhes de comer, a verdade dava-lhes de beber, a verdade sobre a vida e sobre o mundo. Abre-se a porta no fundo, entra este grupo que o procurava, que o havia perseguido, digamos. Buscavam-no. Buscavam-no por um motivo errado, porque queriam torná-lo rei, não porque estavam tocados pelo sinal que ele era, pelo mistério da sua pessoa, que o poder dos seus gestos afirmava, mas porque tinham um interesse, buscavam nele um proveito material. O motivo era errado, porém o buscavam. Buscavam-no. Ele tinha nascido para que todo o povo o buscasse. Comoveu-se e inesperadamente veio-lhe em mente – a ele, homem como nós, para quem as ideias vinham, como a nós, das circunstâncias – uma ideia fantástica. Mudou o sentido daquilo que dizia e exclamou: “Não vos darei a minha palavra, mas vos darei de comer o meu corpo, de beber o meu sangue!”¹⁵. A deixa, finalmente os políticos e os jornalistas e os “homens da TV” daquele tempo tiveram a deixa: “É louco, quem pode dar de comer da sua carne?”. Quando ele dizia uma coisa que era importante, mas as pessoas não compreendiam e se escandalizavam com o que dizia, ele não explicava, mas repetia, repetia: “Em verdade, vos digo: quem

¹³ cf. *Jo* 10, 24.

¹⁴ *Jo* 6, 14-15.

¹⁵ *Jo* 6, 48-54.

não come da minha carne não pode começar a compreender a realidade, não pode entrar no reino do ser para compreender a realidade, não pode entrar nas entranhas da realidade, porque a verdade é esta”. Todos foram embora: “É louco, é louco, diziam”, *durus est hic sermo*, “tem um jeito estranho de falar”.¹⁶ Até que, na penumbra do anoitecer, sobrou só ele com os doze de sempre. Eles também em silêncio, de cabeça baixa. Imaginem a cena na pequena sinagoga de Cafarnaum, que é como uma sala de aula nossa, de 30 ou 40 lugares. “Vós também quereis ir embora? Não retiro aquilo que eu disse: vós também quereis ir embora?”. E Simão Pedro, teimoso, Pedro: “Mestre, nós também não compreendemos o que tu dizes, mas, se te deixamos, para onde iremos? Tu tens palavras que dão sentido ao viver”.¹⁷ (Kafka: “Existe um ponto de chegada, mas não há nenhum caminho”). Aquele homem era o caminho. “Se te deixamos, para onde iremos? Qual será o caminho, qual pode ser o caminho? O caminho és Tu!”.

* * *

Aqueles dois, João e André, e aqueles doze, Simão e os outros, falaram dele às suas esposas, e algumas daquelas mulheres foram com eles; a certo ponto muitas foram com eles e o seguiram: abandonavam as suas casas e iam com eles. Mas falaram dele também a outros amigos, os quais não necessariamente abandonavam também as suas casas, porém participavam da simpatia deles, participavam da posição positiva de estupor e de fé deles naquele homem. E os amigos falaram dele a outros amigos, e depois a outros amigos, depois a outros amigos ainda. Assim passou o primeiro século, e estes amigos invadiram com a sua fé o segundo século e ao mesmo tempo invadiam também o mundo geográfico. Chegaram até a Espanha no final do primeiro século e até a Índia no segundo século. E depois estes do segundo século falaram a outros que viveram depois deles, e estes a outros depois deles, como um grande fluxo que se alargava, como um grande rio que se alargava, e chegaram a falar a minha mãe – a minha mãe. E minha mãe falou dele a mim, que era pequeno, e eu digo: “Mestre, eu também não entendo o que Tu dizes, mas se te deixamos, para onde vamos? Só Tu tens palavras que correspondem ao coração”. Que é a lei da razão: a lei da razão é a comparação com o coração. Os critérios da razão são as exigências da minha natureza, do coração. Contaram-me de uma amiga nossa que lendo um texto nosso, ela que não é católica, observou: “Mas eu encontrei aqui a palavra coração usada não como eu a entendo, porque o coração como eu entendo é ponto de referência do sentimento: eu tenho um sentimento, ele tem um outro; en-

¹⁶ cf. *Jo* 6, 60.

¹⁷ cf. *Jo* 6, 67-68.

quanto que aqui não, este coração de que se fala em *O senso religioso*¹⁸ é igual para todos, é igual para todos, é igual para mim e para você”. Se o coração é o lugar da exigência do verdadeiro, do belo, do bom, do justo, da sede de felicidade, quem de nós pode fugir destas exigências, quem? Constituem a natureza dele, a minha, a sua, por isto somos mais unidos que “ausentes”, que estranhos, como normalmente somos. E o último coreano, o último homem de Vladivostok, o último homem da mais distante e perdida região da terra está unido a mim justamente por isto.

Desde aquela noite nasceu um fluxo humano que chegou até *agora*, até a *mim*. Assim como a este fluxo pertencia minha mãe, da mesma forma pertenceu eu, e dizendo-o a tantos amigos eu torno também eles participantes deste fluxo.

Mesmo que vocês já a tenham lido, eu releio, porque não é perder tempo, uma carta que me foi escrita, e descoberta infelizmente tarde, por um jovem doente de AIDS, que morreu dois dias depois de ter-me escrito: “Caro padre Giussani, escrevo-lhe chamando-o ‘caro’, ainda que não o conheça, nunca o tenha visto, nem nunca o tenha ouvido falar. Ou melhor, para dizer a verdade posso dizer que o conheço enquanto, se entendi alguma coisa de *O senso religioso* e daquilo que Ziba me diz, conheço-o por fé e, acrescento eu, agora graças à fé. Escrevo-lhe somente para dizer-lhe obrigado; obrigado pelo fato de ter dado um sentido a esta minha vida árida. Sou um antigo colega de colegial de Ziba, com quem sempre tive uma relação de amizade, pois, mesmo não compartilhando da sua posição, sempre me tocou a sua humanidade e a sua disponibilidade não interesseira [que é o único modo como podemos gritar a um outro e a todo o mundo: “Cristo é verdadeiro”]. Penso ter chegado ao fim da linha desta vida atribulada levado por aquele trem que se chama AIDS e que não dá trégua a ninguém. Agora dizer isto não me dá mais medo. Ziba me dizia sempre que o importante na vida é ter um interesse verdadeiro e segui-lo. Este interesse eu persequi muitas vezes, mas nunca era o verdadeiro. Agora vi o interesse verdadeiro, encontrei-o e começo a conhecê-lo e a chamá-lo pelo nome: chama-se Cristo. Não sei nem o que quer dizer e como posso dizer estas coisas, mas quando vejo o rosto do meu amigo ou leio *O senso religioso*, que está me acompanhando, e penso no senhor ou nas coisas que Ziba me conta do senhor, tudo me parece mais claro, tudo, até o meu mal e a minha dor. A minha vida, que já se tornou monótona e estéril, que se tornou uma espécie de pedra lisa onde tudo escorre como a água, tem um sobressalto de sentido e significado que varre os pensamentos ruins e as dores, aliás, abraça-os e os torna verdadeiros tornando

¹⁸ Cf. GIUSSANI, Luigi, *O senso religioso*, op. cit, 2009, pp. 24-27.

o meu corpo cheio de larvas e apodrecido sinal da Sua presença. Obrigado, padre Giussani, obrigado porque me comunicou esta fé ou, como o senhor o chama, este acontecimento. Agora me sinto em paz, livre e em paz. Quando Ziba rezava o *Angelus* na minha frente, eu blasfemava na sua cara, odiava-o e lhe dizia que era um covarde, porque a única coisa que sabia fazer era dizer aquelas rápidas orações na minha frente. Agora, quando balbuciando tendo rezar o *Angelus* com ele, compreendo que o covarde era eu, porque não via nem a um palmo do meu nariz a verdade que estava na minha frente. Obrigado, padre Giussani, é a única coisa que um homem como eu pode lhe dizer. Obrigado, porque, em lágrimas, posso dizer que morrer assim agora tem um sentido, não porque seja mais bonito – tenho um grande medo de morrer –, mas porque agora sei que há alguém que me quer bem e que talvez até eu possa me salvar e que eu também posso rezar para que os colegas de quarto encontrem e vejam como eu vi e encontrei. Assim me sinto útil, pense, somente usando a voz me sinto útil; com a única coisa que ainda consigo usar bem eu posso ser útil; eu, que joguei fora a vida, posso fazer o bem somente rezando o *Angelus*. É impressionante, mas ainda que fosse uma ilusão esta coisa é demasiado humana e razoável, como o senhor diz em *O senso religioso*, para não ser verdadeira. Ziba colou sobre a minha cama a frase de Santo Tomás: ‘A vida do homem consiste no afeto que principalmente o sustenta e no qual encontra a sua maior satisfação’. Penso que a minha maior satisfação seja a de tê-lo conhecido [eu nunca o vi!], escrevendo-lhe esta carta, mas a satisfação ainda maior é que na misericórdia de Deus, se Ele quiser, conhecerei o senhor lá onde tudo será novo, bom e verdadeiro. Novo, bom e verdadeiro como a amizade que o senhor introduziu na vida de muitas pessoas e da qual posso dizer ‘eu também estava lá’, eu também nesta vida suja vi e participei deste acontecimento novo, bom e verdadeiro. Reze por mim; eu continuarei a sentir-me útil durante o tempo que me resta rezando pelo senhor e pelo Movimento. Um abraço. Andrea”.¹⁹

Dois mil anos foram queimados por esta carta. Não foi ontem, é hoje, não é hoje para mim, mas é hoje *para você*, qualquer que seja a posição que você tenha: mude-a, se deve ser mudada! Eu também todas as manhãs compreendo que devo mudá-la, porque eu sou responsável por tantas coisas que Ele me deu. Digo somente que este acontecimento ou esta presença é de hoje – de hoje! Aquele fluxo humano de que falamos, eu o introduzo hoje na sua vida. Não há senão Deus, Deus apenas, ontem, hoje e sempre. Um acontecimento grande, dizia Kierkegaard, só pode ser *presente*, porque não

¹⁹ Cf. ANDREA (Milão), “O rosto bom do Mistério”, em *Litterae Communionis* n° 43, jan./fev. 1995, p. 2.

é um passado, algo morto, que pode nos mudar. Mas, se algo nos muda, é presente: “É, se muda”, diz um texto nosso.

Mas não há somente esta carta belíssima. Vocês leram (nos jornais ou em “Tracce”) a oração que escreveram os nossos amigos de Turim que perderam todos os seus familiares na recente tragédia do Piemonte.²⁰ “Nesta hora tremenda e grande queremos agradecer ao Senhor, Deus nosso e Pai nosso, por nos ter dado em Cristo Francesco, Cecilia, Lucia e Cecilia. Através deles, Tu, ó Cristo, começaste a fazer-te conhecer a nós com o Batismo, a educação, a adesão de Lucia ao Movimento e a chegada de Cecilia, acolhida como um milagre. Faz, ó Cristo, que agora que eles estão em Ti enquanto fazes toda a realidade, nos ajudem a reconhecer-te cada vez mais em cada instante da vida”.²¹ Depois de dois mil anos, é agora; para Alberto, Mario, está presente agora. Gritam a Ele, que está presente agora, que chegue a vencer a sua frieza, da sua ignorância, da sua distância! Quando eu era garoto e adoecia, e ficava de cama com febre, via as pessoas longe, longe; o quarto, as paredes, eu os via longe, longe; via os móveis muito longe e tinha medo de ficar só em um espaço grandíssimo, larguíssimo; e quando minha mãe entrava no quarto, via-a pequenininha, quase inexistente. É uma patologia que nos faz vê-Lo distante, porque Ele é Deus, o presente. “É”, Ele “é”, *porque está presente*. O que não existe na nossa experiência presente, que não está de modo algum na nossa experiência presente, o que não estaria de maneira alguma na nossa experiência presente não existe, não existiria.

Há um terceiro testemunho que quero citar. Sete amigos nossos, quatro mulheres *Memores Domini* e três sacerdotes, dentre os quais dois de Roma, do seminário de Monsenhor Massimo Camisasca, todos membros do Movimento, estão na grande Sibéria, na cidade de Novosibirsk. É a maior diocese, a maior paróquia do mundo, e vai de Novosibirsk a Vladivostok, com 5.000 km. Eles percorrem toda essa região, 400 km por semana. Recentemente realizaram o primeiro sínodo católico da Sibéria, em Vladivostok, a cidade próxima ao Japão, na extremidade oriental da Sibéria. E os bispos convidaram também os nossos. Estão lá há três anos e têm um certo grupo de amigos que se fizeram batizar. Um deles contou o que aconteceu na sua vida. É um rapazinho de 17 anos.

²⁰ Refere-se a grave enchente que atingiu sobretudo a região italiana de Piemonte no outono de 1994.

²¹ “Ou Cristo, ou nada”, *Litterae Communionis* n° 42, nov/dez 1994, p. 2.

“Encontrei o Movimento logo depois do meu encontro com a Igreja Católica. Naquela época eu não conhecia praticamente nada da vida cristã e compreendia menos ainda. Encontrei uma companhia de pessoas bastante jovens, onde havia sobretudo estudantes e alguns italianos que falavam pouco ou nada de russo. Ouvia-os falar da vida, do trabalho, falavam da sua experiência cristã, do seu primeiro encontro com Cristo, cantavam também e se divertiam. Depois iam juntos à Missa, às vezes rezavam as Vésperas. Tive a impressão de serem apenas bons amigos, mas, na verdade, havia algo de estranho para mim: por que estes estrangeiros tinham vindo tão longe, para um lugar tão frio e onde a vida não é tão confortável? E, depois, pessoas tão jovens, diferentes umas das outras e mesmo assim amigas; por que estão juntas? É provável que justamente nisto, ou também nisto, consista a graça do primeiro encontro, quando você, intuitivamente, experimenta exatamente aquilo de que tem necessidade na vida, experimenta algo correspondente, bom, que desperta em você curiosidade e desejo, de maneira tal que toda vez você revive o primeiro encontro sem reconhecer até o fundo por quê. De fato, só depois é que comecei a intuir e a compreender que nesta companhia está presente Alguém, diante do qual tudo se inclina, e que junta pessoas que à primeira vista não poderiam jamais estar juntas. Eu acho que para mim foi uma espécie de ‘momento extraordinário’ quando reconheci a presença de Cristo, quando o descobri naquela companhia. Reconheci que sou amado [como Andrea], muito amado por Jesus, precisamente através destas pessoas que Ele mesmo colocou do meu lado e que me acompanham. Já faz três anos que estou no Movimento de CL e isto me ajuda. Posso dizer que agora experimento o gosto da vida e isto me parece mesmo muito importante [o contrário do que hoje é dominante: a perda do gosto da vida como sintoma do macabro da cultura presente]. De fato, os aspectos da vida são diferentes: o trabalho, o descanso, o estudo, as férias; ver o sentido em todos os aspectos da vida, reconhecer que Deus se tornou acontecimento na nossa vida: o cristianismo é exatamente isso. Nada acontece por acaso, nada acontece simplesmente por acontecer e cada momento da história pode testemunhar a presença de Cristo aqui e agora. Tenho muitos amigos, encontro muitas pessoas e experimento sempre uma grande dor pelo fato de que ainda não experimentaram a graça do primeiro encontro que permite perceber a Sua presença e obriga a segui-Lo. Gostaria de comunicar a todos os que encontro o desejo de experimentar o gosto desta vida [gosto: gosto é um termo tão natural, tão carnal e tão divino, é a felicidade eterna, o gosto eterno, é o objetivo do viver]. Claro, a minha experiência ainda é pequena, mas peço que em

todos os aspectos da vida eu possa testemunhar Cristo, presente *aqui e agora*. Josif”²²

E de fato, assim como para Josif, a maior surpresa para mim, cristão, é experimentar agora, é encontrar a correspondência com o coração que Ele é, agora. Porque quando o jornalista se aproximou de uma irmã da congregação de Madre Teresa de Calcutá, na Índia, e lhe fez algumas perguntas, entre outras coisas ela – uma freira muito jovem, com menos de vinte anos – disse: “Lembro-me de ter recolhido um homem das ruas e de tê-lo levado para nossa casa”. “E o que disse aquele homem?”. “Não resmungou, não blasfemou, disse apenas: ‘Vivi pela rua como um animal e estou para morrer como um anjo, amado e tratado. Irmã, estou para voltar para a casa de Deus’ e morreu. Nunca vi um sorriso como o que vi no rosto deste homem”²³. O jornalista replicou: “Por que até nos maiores sacrifícios parece que não há esforço em vocês, que não há cansaço?”. Então interveio Madre Teresa: “É Jesus aquele para quem fazemos tudo. Nós amamos e reconhecemos Jesus, hoje”²⁴. Hoje: o ontem não existe mais. O que existia ontem ou está presente hoje ou não existe mais.

Desagrada-me não poder ler toda, porque é muito longa, mas quero citar pelo menos um trecho desta carta²⁵ da Glória, a nossa amiga, jovem professora, que foi com Rose para a África, para Kampala, e que escreve: “Nada para mim aqui é imediato [nada para mim é conveniente, nada é fácil para mim]. E em certos momentos experimentei como que uma impossibilidade de estar diante dessa gente doente, suja, sem um mínimo de condições de higiene e saúde [Mas quem a faz ficar ali? A lembrança de dois mil anos atrás? Não! Algo agora. Uma presença que existe agora]. Uma manhã, quando fui dizer bom dia a Rose, ela me disse: ‘Reze a Nossa Senhora para que hoje não se espante ao ver como Cristo vai se apresentar a você’. Com estas palavras no coração, fui com Claudia à casa de detenção para menores. Tudo me causava aversão: o cheiro, a imundície, a sarna, os piolhos. E naquele momento, relembando as palavras de Rose, compreendia que o pedido coincidia com a posição da minha pessoa”. Ela, curvada sobre o doente, ou sobre a criança no orfanato, ela, curvada desse jeito, nesta posição: o seu pedido, o pedido

²² JOSIF, “Deus se tornou acontecimento na nossa vida”, *Litterae Communionis* n° 43, jan/fev 1995, p. 43.

²³ Cf. *Il sabato*, n. 5, 1° de fevereiro de 1986, p. 8.

²⁴ Cf. *Il sabato*, n. 22, 30 de maio de 1987, p. 4.

²⁵ O texto completo da carta foi publicado em *Litterae Communionis* n° 42 nov/dez 1994, p. 30.

de ser, que é o pedido do coração do homem – porque mesmo que a pessoa não pense nisto, grita-o, grita o pedido de ser, o pedido de ser feliz, o pedido do verdadeiro, o pedido do bem, do bom, do justo, do belo –, este pedido era a sua posição, o pedido coincidia com a própria posição que assumia.

Mas a maior notícia destes tempos, talvez a maior de toda a nossa história, é a que aconteceu em Brasília. Peço-lhes que vão ler em *Tracce* a história do assassinato deste garoto, entre os mais delinquentes de Brasília, que frequentava uma gangue. Na sua classe, no início do ano, começa a dar aulas uma professora dos *Memores Domini*. Ela tem o nosso linguajar. O rapaz fica perturbado, ele também quer ter os olhos cheios de azul como os dela e não escuros, escuros, negros, sujos, como ele tem. Pretende mudar. O chefe do bando percebe que algo não vai bem, e logo o põe à prova, intima-o a ir matar uma pessoa. O rapaz diz: “Eu não mato mais ninguém”. E ele: “Eu te mato, então”: matou-o. É o segundo mártir da nossa história.²⁶

* * *

Mas qual é a fórmula sintética de toda a figura de Cristo por si mesma, como homem, registrado pela administração de Belém, e presente agora solicitando e exigindo a vida e o coração de cada um de nós para que através de nós o mundo inteiro o reconheça, para que o mundo seja mais feliz, para que todas as pessoas do mundo sejam mais felizes, saibam o “porquê”, possam morrer como Andrea? A fórmula sintética que descreve toda a dinâmica de Jesus é que ele foi “enviado” pelo Pai. Por que Jesus, sendo Deus, Verbo de Deus, a expressão de Deus, por isso a origem do mundo, se tornou homem? Por que entrou nas entranhas de uma menina de 15 anos, foi gerado dentro destas entranhas, nasceu menino, tornou-se jovem, adolescente, homem, homem de trinta anos, falava como o ouvimos falar, toca Andrea, toca as pessoas de Villa Turro (os doentes de AIDS de que nossos amigos tomam conta), toca o menino de Brasília? Por que se tornou homem e age na história deste modo, torna-se presente na história deste modo? Para levar a termo o desígnio de um Outro. Ele usa, Ele mesmo usa a palavra extrema que indica a origem de tudo e de que portanto a vida nasce: o Pai. A sua vida se define como *chamada pelo Pai* para desenvolver uma *missão*: a vida é *vocação*.

Esta é a definição cristã de vida: *a vida é vocação*. E vocação é cumprir uma missão, desenvolver uma tarefa, que Deus determina para cada um através das circunstâncias banais, cotidianas, momento após momento, que Ele permite que nós tenhamos de atravessar. Por isto, Cristo é o ideal da

²⁶ Cf. RONDONI, Davide, “Occhi e sangue” *Litterae Communionis-Tracce*, Milão, setembro de 1994.

nossa vida, enquanto ela é tentativa de resposta, desejo de responder ao chamado de Deus; vocação, chamado de Deus, desígnio que o Mistério tem sobre mim, porque eu neste instante, se for sincero, se pensar seriamente, compreendo: nada é tão evidente, nem você que está a dois metros de mim, nada é tão evidente quanto o fato de que neste instante eu não me faço por mim, não me dou os cabelos, não me dou os olhos, não me dou o nariz, não me dou os dentes, não me dou o coração, não me dou a alma, não me dou os pensamentos, não me dou os sentimentos, tudo me é dado: para que eu cumpra o Seu desígnio, um desígnio que não é o meu, através de todas as coisas, através do escrever, através do falar, através do *Angelus*, como dizia Andrea, através de tudo, tudo. “Quer comais, quer bebais”,²⁷ diz São Paulo, fazendo a comparação mais banal que se possa imaginar; “na vigília ou no sono”,²⁸ “quer vivamos, quer morramos”²⁹ – dirá ainda em outras passagens –, tudo é glória de Cristo, isto é, desígnio de Deus.

Cristo é o ideal da vida. Aquela que João e André ouviam era o ideal da vida. Por isto o seu coração teve um sobressalto, por isto foram para casa em silêncio, por isto naquela noite André abraçou sua esposa como jamais a havia abraçado, sem saber dizer nada. Tinham encontrado o ideal da vida. Não podiam exprimir-se logo deste modo, pobrezinhos. Disseram-no poucos anos depois. Desde então, foram por todo o mundo a dizê-lo: Cristo é o ideal da vida.

Que quer dizer que Cristo é o ideal da vida? É o ideal para a maneira como tratamos toda a natureza; é o ideal para a maneira como vivemos o afeto, como, portanto, concebemos, olhamos, sentimos, tratamos, vivemos a relação com a mulher e com o homem, com os pais e com os filhos; é o ideal com o qual nós nos dirigimos aos outros e vivemos as relações com os outros, isto é, com a sociedade, como conjunto e companhia de homens. Qual é a característica que este ideal infunde na maneira que temos de tratar-nos uns aos outros, de tratar tudo, desde a natureza – pretendo indicar com esta palavra tudo o que existe, porque posso tratar mal, injustamente, este microfone, como fiz antes sem me dar conta –, até o pai e a mãe? A característica está em duas palavras que têm a mesma raiz, mas são uma o princípio e a outra o fim da trajetória da ação: a primeira se chama *gratidão*. Por quê? Por causa daquilo que eu disse antes, de que nada existe de mais evidente neste momento, para mim e para você, do que o fato de que você não se faz por si, de que

²⁷ 1 *Cor* 10, 31.

²⁸ 1 *Ts* 5, 10.

²⁹ *Rm* 14, 8.

tudo é dado, existe um Outro em você que é mais você do que você mesmo, você surge de uma fonte que não é você: esta fonte é o mistério do ser. Assim, analogamente, você compreende que todas as coisas são feitas por um Outro. Você, como homem, é a consciência da natureza: o eu é o nível em que a natureza toma consciência de si mesma. Assim como eu tomo consciência de que não me faço por mim, da mesma forma toda a natureza não se faz por si, é dada: dado, dom. Por isso, grato: a gratidão como fundamento de toda ação, de toda atitude, como premissa.

O que esta gratidão introduz em todas as ações? Introduz um aspecto, uma nuance, uma aura de *gratuidade*; gratuidade pura, aquela da qual falava Ada Negri, como tantas vezes recordamos, em uma incomparável poesia³⁰ sua, que exprime isto de um modo que eu não sei dizer melhor: “Tu amas, e não pensas ser amada: a cada/ flor que desabrocha ou fruto que amadurece/ ou criança que nasce, ao Deus dos campos e das estirpes das graças no coração”. Você ama, você gosta da flor não porque a cheira, mas porque existe, olha para o fruto que amadurece não porque o morde mas porque existe. Olha para a criança não porque é sua, mas porque existe. Esta é a *pureza* absoluta. Por favor, façam um esforço para identificar-se com este caráter absoluto de pureza. Uma nuance desta pureza, desta gratuidade entra em nós mesmo sem que nos demos conta dela, quase naturalmente entra em toda ação nossa. Porque se qualquer atitude minha para com você não tem dentro esta gratuidade, uma nuance desta gratuidade, é feia, é uma relação decaída, caduca e decaída, é um relacionamento no início da sua ruína, do seu desmanchar-se. Só esta pureza de gratuidade permite que nada mais se desfaça, não deixa nada mais se desmanchar, mantém todas as coisas que eram do passado, nascidas no passado, as mantém no presente; de tal forma que o meu sujeito no presente se enriquece de tudo o que fez ontem e anteontem, e nada é inútil, como dizia Andrea dois dias antes de morrer.

³⁰ “Não te perdi. Permaneceste no fundo / do ser. És tu, mas uma outra és: / sem fruto nem flor, sem o luzente / riso que tinhas no tempo que não volta mais, / sem aquele canto. / Uma outra és, mais bela. / Tu amas, e não pensas ser amada: a cada/ flor que desabrocha ou fruto que amadurece/ ou criança que nasce, ao Deus dos campos e das estirpes das graças no coração. / Ano após ano, em ti mudaste / o rosto e a substância. Cada dor mais forte / te fez: a cada vestígio da passagem / dos dias tua seiva oculta e verde / opuseste, a curá-la. Ora olhas a Luz / que não engana: em seu espelho miras / a duradoura vida. Permaneceste / como uma idade sem nome: humana / entre as humanas misérias, porém somente de Deus vivendo e só n’Ele feliz. / Oh, juventude sem tempo, oh sempre / renovada esperança, eu te confio / aos que virão: – que enfim na terra / volte a florir a primavera, e no céu / nasçam as estrelas quando se oculta o sol.” (NEGRI, Ada, “Minha juventude” in *Mia giovinezza*, BUR, Milão, 2010, p. 78).

Por isto, o *resultado* do seguir Jesus como ideal da vida, da vida como vocação, o resultado – como diz o Evangelho – é o *cêntuplo*:³¹ as coisas se tornam mais potentes, torna-se mais potente o meu relacionamento com você, é como se tivéssemos nascido juntos; eu não o conhecia, até poucos anos atrás eu não o conhecia, e não tenho nenhum tipo de interesse, no sentido de levar algo em troca, de um ganho, nenhum, não é para levar vantagem que estamos juntos; e me sinto muito bem com você, não importa o que você pense, mas não sou seu amigo por causa disso. Assim, há uma riqueza mais potente em todos os relacionamentos, no modo de olhar para a flor, no modo de olhar para as estrelas, no modo de olhar para as plantas, para as folhas, no modo de suportar a mim mesmo, que descaradamente pretendo de vocês que fiquem aqui ainda mais cinco minutos, em todos os modos, no modo como penso nas minhas culpas de ontem: “Senhor, perdoa-me, perdoa a mim, pecador”; mas dizer isto não me frustra, não me deprime, torna-me mais verdadeiro, se não dissesse isto eu seria menos verdadeiro, porque o sou, pecador.

Desta riqueza deriva uma capacidade de *fecundidade* que ninguém tem; de fecundidade, isto é, de comunicação da sua própria natureza, da sua própria riqueza, da sua própria inteligência, da sua própria vontade, do seu próprio coração, do seu próprio tempo, da sua própria vida. É dizer: “Eu daria a vida por qualquer um de vocês”; qualquer um de nós por qualquer um dos outros o diria, o diz. Se não o diz é porque nunca pensou nisto, se nunca pensou nisto é porque nunca pensou dando-se conta da presença de Cristo. Se parte disso, diz: “Eu daria até a vida” – Jesus, ajuda-me, porém! É uma fecundidade no trabalho, uma paixão pelo trabalho que não é por vantagens ou por gostos ou por particulares contribuições para o sucesso da minha presença na sociedade; é amor ao trabalho como perfeição de ação, qualquer que seja o seu resultado. É uma fecundidade que é amor a dar aquilo que eu sou, a dar a mim mesmo por você, quer dizer, a dar a si mesmo pelos filhos. Amor a tudo o que entra e entrar em relação com os filhos, amor aos outros que são filhos, eles também são filhos, a todos os homens: ao povo. Uma fecundidade no trabalho, uma fecundidade diante dos filhos, uma fecundidade na vida do povo. Em suma, o ideal da vida se torna o bem dos outros, o bem para os outros: o bem para os outros, o bem de vocês, o meu próprio bem. Este é o objetivo pelo qual Deus fez o mundo: o bem de tudo, o bem. É o contrário do que diz o livro de Norberto Bobbio³², um livro sobre o mal,

³¹ Mc 10, 29-30.

³² BOBBIO, Norberto, “Gli dei che hanno fallito. Alcune domande sul problema del male”, *Elogio della mitezza e altri scritti morali*, Ed. Linea d’Ombra, Milão, 1994.

sério e comovente, creio comovente por algumas frases, porém o desígnio de um pai é o bem do filho. O ideal da vida torna-se o bem.

* * *

Agora peço a vocês que estejam atentos a estes últimos cinco minutos, porque o que estou para dizer é a coisa mais aguda de tudo o que dissemos hoje, é a consequência mais aguda do tema de hoje. Há uma forma de vocação que decide por um caminho inopinado e inopinável, impensado e impensável na mente de qualquer um, e que se chama, desculpem se o digo logo, *virgindade*. É uma forma de vocação que transpassa, como a luz transpassa o vidro (a palavra “transpassa” é um pouco insubstituível), é uma forma de vocação que transpassa as urgências mais naturais, assim como se apresentam à experiência de todos. Aqueles que fazem este caminho têm as urgências naturais que todos têm: esta forma de vocação transpassa as urgências mais naturais assim como se apresentam à experiência realizando-as paradoxalmente segundo uma potencialização nova.

Neles, com esta vida, com esta forma de vocação, o trabalho se torna *obediência*. Porque toda pessoa vai trabalhar por vários motivos, entre os quais há também aquela nuance que se chama gratuidade: mas aqui o trabalho se torna todo gratuidade, tende a se tornar totalmente gratuidade. Por que você vai para o seu escritório de advogado, por que você vai para a sua sala de aula de professora? O dia do pagamento, ou a carreira, ou o fato de que é preciso mesmo trabalhar tornam-se realmente, com o passar do tempo, menos importantes, subsiste somente a vontade do bem para os outros: que se realize a vontade de Deus. Isto é, o trabalho se torna obediência. O que é a obediência? A obediência é fazer uma ação para afirmar um Outro. O que é a ação? A ação é o fenômeno pelo qual o eu se afirma, afirma a si mesmo, realiza a si mesmo. Para realizar a mim mesmo, a ação que eu faço não a faço por mim mesmo, mas por um Outro: esta é a obediência. A lei da ação é um Outro, é afirmar um Outro, é amor ao Verbo, é amor a Cristo. O trabalho é amor a Cristo.

Se o trabalho se torna obediência, o amor à mulher ou ao homem se exalta. Um homem que se exalta no sentido físico do termo é um homem que se ergue em toda a sua estatura, em toda a altura da sua pessoa. O amor à mulher se exalta como sinal da perfeição, do atrativo para o qual o homem é feito. Foi o que intui Leopardi. Houve um momento da sua vida, do qual depois decaiu, em que intui que o rosto da mulher era um sinal: tinha amado muitas mulheres, mas naquele momento intui que o que buscava não era este ou aquele rosto, mas um outro rosto, com o “R” maiúsculo, uma mulher com o “M” maiúsculo, a quem fez aquele belíssimo hino. O amor à mulher exalta-se como sinal de perfeição e de atrativo do belo, do bom, do verdadei-

ro e do justo, que é Cristo, porque a perfeição, a fonte do atrativo, a fonte do belo, do bem, do verdadeiro e do justo é o Verbo de Deus. Aquele que transparece, como dizia Leopardi no hino *À sua mulher*,³³ em uma paisagem da natureza, ou na beleza de um sonho, ou na beleza de um rosto, é o divino que está na origem de todas as coisas: no rosto do outro – do outro por excelência para o homem que é a mulher, e vice-versa – transparece; transparece de modo inefável, que não se consegue dizer. Quem conseguiu dizê-lo melhor, na minha opinião, foi Leopardi, que não o disse, mas chegou quase a dizê-lo. Desculpem-me, para que não lhes pareçam abstratas estas coisas, leio a você uma carta que um ex-noivo mandou à sua própria ex-noiva. Tinham ficado juntos durante três anos. Depois de três anos ela intuiu que a sua vocação era a da virgindade e lhe disse que iria frequentar um período de verificação.

O ex-namorado escreve-lhe isto: “Querida, desejo aprisionar apenas mais algumas poucas palavras, uma vez que tudo já está guardado nos nossos corações para sempre [para sempre! Nada é eliminado]. Estou comovido, isto é, movido ao estupor por aquilo que está se realizando na sua vida, ou melhor, por quem a está realizando. É uma alegria que conduzirá para mim com o tempo o destino de bem que a levou consigo. Até a dor que me assalta,

³³ “Cara beldade, que distante / Ou escondendo o rosto, amor me inspiras, / Menos se no sono do coração, / Divina sombra, me abalas, / Ou nos campos onde respande / Mais belo o dia e da natura o riso; / Talvez tu, a inocente, / O tempo alegraste que do ouro tem o nome, / Ou leve, entre a gente, / Alma, flutuas? Ou a ti a sorte avara, / Que a nós te esconde, ao futuro prepara? // De ver-te viva, enfim, / Nenhuma esperança me resta; / Se então for, quando, nu e só, / Por nova estrada a peregrina morada / Viver o espírito meu. Outrora, diante de novo / Abrir de minha jornada incerta e escura, / Em ti peregrina, neste árido solo, / eu pensei. Mas não há coisa na terra / Que a ti assemelhe-se; e ainda que parecida alguma / Contigo fosse em rosto, em gestos, em fala, / seria, ainda assim, assaz menos bela... // Em meio à dor profunda / Que a vida humana expõe o árduo destino, / Se fosses real e como te imagino, / A quem te amasse aqui seria a vida / Um júbilo divino: / E como ainda, a vida erguida, / Louvar a glória, qual na juventude, / Teu amor me faria. Porém, o céu nenhum / amparo trouxe às nossas aflições. E no entanto, / A teu lado seria a mortal vida / Igual àquela que no paraíso, em deuses / Nos pode transformar. / Nos vales, onde soa / Do fatigado agricultor o canto, / Eu me sento e lamento / A juvenil ilusão que me abandona, / E nas colinas, onde relembro e choro / Os perdidos desejos e a perdida / Esperança dos dias meus, em ti pensando / A palpitar desperto. E possa eu, / No tempo sombrio e neste ar nefando, / De ti a nobre impressão guardar, que com a imagem, / Já que o ver se me tolhe, muito me contento. // Se das ideias eternas, / A única és tu, que de modo sensível / Desprezou do eterno juízo ser vestida, / E entre despojos caducos / Provar os tormentos de funérea vida; / Ou se outra terra, nos superiores círculos, / Entre mundos inumeráveis te acolhe, / E, mais bela que o Sol, próxima estrela / Te ilumina, e mais benigno ar respiras; / De cá, onde são os anos infelizes e breves, / Este hino de ignoto amante recebes.” (LEOPARDI, Giacomo, “À sua dama”, in *Cara beltà...*, BUR, Milão, 2010, pp. 53-55).

algumas vezes mais forte do que outras, pelo que lhe fiz em certos momentos do nosso encontro, é assumida por uma misericórdia que a torna mais verdadeira. Permanece um mistério, que porém já se revela. Toda a plenitude do relacionamento entre nós, daquele pedaço de história que caminhamos juntos, é explicado melhor deste modo. Agrade-me acreditar que cada instante que você gastou comigo, até diante da minha incapacidade, não seja perdido [para sempre!] e tenha servido, isto é, tenha sido usado por Cristo para levá-la até Ele. Peço-lhe perdão, ou melhor, que doe a mim a sua mendicância, na certeza de que você deu amor maior à minha pessoa pertencendo assim aos *Memores Domini*, isto é, que me quis bem muito mais assim do que se tivesse casado comigo. Agradeço-lhe por esta sua espera e peço a Nossa Senhora para que existam sempre em volta de você rostos de esperança como você tem agora, para protegê-la e amá-la em cada passo seu. Dei-lhe de presente um ícone de Cristo, sinal da Sua encarnação [um conceito que a ortodoxia tem bem claro], para que conforte-a sempre a presença d'Ele e para que você se lembre de rezar por mim, pela tarefa que agora me foi confiada de amar Elisabetta, pelos meus familiares e pelos nossos amigos, mas sobretudo para que você não abandone aquele abraço do Espírito Santo que é o Movimento e a sua misteriosa sentinela”.

Ele entendeu. Vocês entenderam que ele entendeu? O trabalho se torna obediência, o amor à mulher se torna sinal supremo de perfeição do atrativo que ela exerce sobre nós, da felicidade que nos espera; e o povo, ao invés de sujeito de uma história humana cheia de conflitos e de lutas, torna-se história de pessoas, de um fluxo, de um rio de consciências que lentamente se iluminam cedendo ao menos na morte à glória de Cristo.

Isto se chama *caridade*, estas mudanças se chamam caridade. O trabalho que se torna obediência se chama caridade. O amor à mulher que se torna sinal da perfeição final, da beleza final, se chama caridade. E o povo que se torna história de Cristo, reino de Cristo, glória de Cristo, é caridade. Porque a caridade é olhar para a presença, para toda presença, com a alma tomada pela paixão por Cristo, pela ternura por Cristo. Há uma letícia e uma alegria que são possíveis somente nestas condições. Letícia e alegria são duas palavras que se não fosse isso deveriam ser arrancadas do vocabulário humano, porque não existe a possibilidade de letícia e de alegria de outra forma: existe o contentamento, a satisfação, tudo o que vocês quiserem, mas a letícia não existe, porque a letícia exige a gratuidade absoluta que é possível somente com a presença do divino, com a antecipação da felicidade, e a alegria é a sua explosão momentânea, quando Deus quer, para sustentar o coração de uma pessoa ou de um povo em momentos educativamente significativos. Porém, me desculpem, que o trabalho se torne obediência, que o amor à mulher se

torne sinal, como intuiu Leopardi, que o povo não seja um emaranhado de pessoas, mas o reino de Cristo que avança, esta caridade é a lei de todos, não dos virgens. É a lei de todos, sim, é a lei de todos. A virgindade é a forma visível de vida que chama a atenção de todos para o mesmo ideal de todos, para todos, que é Cristo, a única coisa pela qual vale a pena viver e morrer, trabalhar, amar a mulher, educar os filhos, dirigir e ajudar um povo. É para todos, mas alguns são chamados ao sacrifício da virgindade justamente para que estejam, entre todos, presentes, para chamar a atenção para este ideal que é para todos. Vocês deveriam ter estudado no terceiro volume da Escola de Comunidade,³⁴ se chegaram lá, o conceito de milagre. O milagre é um acontecimento – como se define ali – que inexoravelmente remete a Deus, um fenômeno que inevitavelmente faz você pensar em Deus. O milagre dos milagres, maior do que todos os milagres de Lourdes, maior do que todos os milagres de qualquer santuário do mundo, o milagre dos milagres, quer dizer, o fenômeno que inexoravelmente obriga você a pensar em Jesus, é uma bela menina de vinte anos que abraça a virgindade.

A Igreja é o lugar deste caminho e de todos os influxos operativos, fecundos, florescentes sobre as pessoas que caminham juntas, na companhia que Deus cria, em que todos os caminhos estão juntos. A Igreja é o lugar em que todas estas pessoas se enriquecem, doam-se e enriquecem-se com o dom do outro. A Igreja é mesmo um lugar comovente de humanidade, é o lugar da humanidade, onde a humanidade cresce, incrementa-se, expulsando continuamente aquilo que de espúrio entra nela, porque somos homens; mas a Igreja é humana, por isso os homens são humanos quando expulsam o espúrio e amam o puro. A Igreja é uma coisa realmente comovente.

A luta com o niilismo, contra o niilismo, é esta comoção vivida.

* * *

Julián Carrón. Este é um daqueles momentos em que se entende verdadeiramente, sem necessidade de explicações, de onde nasce o silêncio: não do simples não falar, mas do estar cheios de algo de outro que nos deixa sem palavras. Esperamos não o dispensar no nosso retorno aos hotéis.

Regina Coeli

³⁴ Agora em GIUSSANI, Luigi, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 333-340.

Domingo, 26 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Ludwig van Beethoven, Sinfonia n. 9 in ré menor, op. 125

Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker

“Spirto Gentil” n. 27, Deutsche Grammophon

Padre Pino. Não foi há dois mil anos, não foi há vinte e um anos, não foi ontem. É agora.

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Proserpi: Muitas das perguntas que chegaram têm um denominador comum: quer se tenha entendido muito ou pouco, o que domina é uma gratidão por aquilo que nos foi dado nesses dias. Essa gratidão indica que algo aconteceu. É uma graça. Como ouvimos ontem, a gratidão é o início de uma vida nova. Para aqueles que são escolhidos, o caminho da vida é um contínuo início, porque é o reacontecer do encontro com a Presença que nos dá a vida. Nós não fizemos nada, realmente nada para merecer isso. Mas sem esse encontro, a vida seria a busca de uma meta sem o caminho.

Podemos ter chegado aqui com qualquer tipo de preocupação, com os nossos problemas ou os nossos pensamentos sobre o Movimento, mas se somos leais, precisamos reconhecer que recebemos muito mais do que respostas para os nossos problemas. Fomos impactados. A nossa vida é investida agora, mais uma vez, por uma Presença “dominante”, totalizante. O coração do carisma nos foi novamente dito e testemunhado. E essa gratidão enche a vida de pedido. Por isso, as perguntas que escolhemos são apenas um início para começarmos um trabalho. Depois, teremos tempo para retomar tudo.

A primeira pergunta é esta: “Você pode explicar melhor o que significa que na Ressurreição está o ponto chave do relacionamento entre mim e mim mesmo?”.

Julián Carrón. Acabamos de ouvir a canção *Barco Negro*,¹ na qual se documenta como despertamos cotidianamente: “De manhã, tive medo de que me achasses feia! Acordei tremendo”. Quantas vezes despertamos assim e todo o resto parece nada diante da impressão que nos oprime. Como seria uma manhã em que nós, assim como os nossos filhos quando choram, não encontrássemos uma presença que nos abraçasse por inteiro, independente da preocupação com a qual despertássemos, ou da sensação que tivéssemos da vida? “Mas o teu olhar logo me disse que eu não era feia, e o sol penetrou meu coração”. Quem não deseja isso todas as manhãs? E qual é a condição para que isso possa acontecer? Que aquela Presença que investiu a vida, despertando uma promessa, por causa do olhar cheio de ternura por nós, permaneça, permaneça no tempo, reaconteça agora. Nenhum outro dom seria suficiente se Cristo, que deixou o Céu por piedade de nós, não permanecesse vivo no meio de nós para sempre. Este é o fato: Cristo ressuscitou. Um fato, não um pensamento. No entanto, muitas vezes nós também temos a tentação de pensar como as velhas da canção: “não voltarás” mais. É somente a certeza do encontro com Ele que torna possível respondermos a quem nos diga que não voltará mais: “São loucas! São loucas!”. São loucas! São loucas! “Tudo, em minha volta, / diz que estarás sempre comigo”. Porque Cristo ressuscitou para sempre. Ele está aqui, presente, antes mesmo que eu desperte, para que eu possa reencontrá-Lo a cada manhã e possa olhar-me com ternura, como deve ter acontecido com Maria Madalena. Voltemos ao que Dom Giussani nos contou sobre o seu encontro com Jesus e o episódio na casa do fariseu: “Maria Madalena está ali, na calçada, curiosa [...], olhando a multidão que vai atrás daquele Jesus que se diz o Messias (iriam matá-lo alguns meses depois); e Jesus, que tinha acabado de passar por ela, mesmo sem parar, a olha: a partir daquele momento, ela não olhará mais para si mesma, não verá mais a si mesma, não verá mais os homens, as pessoas, a sua casa, Jerusalém, o mundo, a chuva e o sol, não poderá mais olhar todas essas coisas sem carregar a expres-

¹ *Barco Negro*, letra e música de Caco Velho, Piratini e Dom Mourão-Ferreira. “De manhã, tive medo que me achasses feia! / Acordei tremendo caída na areia. / Mas teus olhos logo me disseram que eu não era feia, / e o sol penetrou meu coração. // Vi, depois, uma cruz numa rocha, / e o teu barco negro dançava na luz. / Vi teu braço acenando entre as velas já descidas: / as velhas da praia dizem que não voltarás. / São loucas! São loucas! // *Eu sei, meu amor, / que sequer partiste / porque tudo em minha volta / me diz que estás sempre comigo. // No vento que joga areia nas vidraças, / na água que canta, no fogo que se extingue, / no calor do leite, nos lugares vazios, / dentro do meu peito, estás sempre comigo. // Eu sei, meu amor...*”

são daqueles olhos. E quando se olhava no espelho, a sua fisionomia era dominada, determinada por aqueles olhos”, qualquer que fosse a sua aparência ou a impressão que tinha de si mesma. Não podia não se olhar assim: “Aqueles olhos estavam ali, dentro dela – me entendem? –. O seu rosto era plasmado por eles. [...] Madalena olhou para toda a sua vida – nos detalhes e no todo –, dentro daquele olhar ao qual não se seguiu uma única palavra, a não ser alguns dias depois, quando Ele, que se dizia profeta, foi convidado para comer com os chefes dos fariseus que O queriam apanhar em contradição; ela entrou no refeitório sem pedir permissão a ninguém, decidida, e se jogou a Seus pés, lavando-os com suas lágrimas e enxugando-os com seus cabelos, para escândalo de todos (‘Se fosse um profeta saberia que tipo de mulher é essa’). Mas, ela não podia ver, sentir e viver toda a sua vida – nos detalhes e no todo – a não ser dentro daquele olhar”.² Imaginem como ela deve ter chorado quando O viu morrer e que comoção deve ter sentido quando ouviu: “Maria!”.

A Ressurreição não é um fato do passado. É este olhar que investiu para sempre a vida de cada um de nós, determinando o nosso modo de ver toda a realidade. E o primeiro relacionamento com a realidade, é o relacionamento comigo mesmo. A Ressurreição indica uma presença, uma presença presente, que permanece presente qualquer que seja a situação que eu atravessasse, não importa a impressão que eu tenha sobre mim, não importa a aversão que eu sinta por mim! Cristo nos diz: “Você é meu, e todas as suas objeções não têm a menor importância! São nada!”. A questão é se nós damos crédito a Cristo ressuscitado, que reacontece, que está presente, mas não entra na minha vida se não O deixo entrar todas as manhãs, se não me abro para recebê-Lo. Se nós não nos olhamos com esta Presença no olhar, a vida se torna verdadeiramente pesada. Que outro dom poderíamos imaginar, maior que este?

Prosperi. “Gostaria de entender melhor o que quer dizer que o maior aliado contra o ofuscamento é a própria realidade”.

Carrón. Fico sempre impressionado com a parábola do filho pródigo: ele tinha um pai, uma casa, os bens, tudo, tudo, tinha tudo diante de si, mas não reconhecia! Porque não basta ter tudo, não basta nem mesmo ter feito o encontro. Não basta! De fato, muitas vezes nós não vemos mais do que ele e pensamos que há outro caminho, diferente do encontro, um atalho, para chegar mais facilmente à meta, à felicidade que todos

² GIUSSANI, Luigi, *Dal temperamento un metodo*, op. cit., pp. 5-6.

desejamos (o filho pródigo também sai de casa por isso). Mas a realidade é teimosa: você pode ir embora, fazer tudo o que quiser para ser feliz, até que a realidade lhe mostrará quem você é e, então, talvez você comece a se dar conta do que possuía. Tempos atrás, me falaram de alguém que tinha saído da nossa Fraternidade, como o filho pródigo, e depois de 17 anos, ligou para um amigo da Fraternidade para dizer: “Vocês ainda se veem? Ainda se encontram?”. “Claro!”. “Posso ir também? Porque não aguento mais de saudade!”. O que fez com que ele entendesse, o que venceu o seu ofuscamento, se não a realidade? Toda a realidade o fez entender o que tinha lhe acontecido e que tudo o que ele tinha na cabeça era nada comparado com aquilo! Seria bonito não decair, mas nós somos pobres coitados e, infelizmente, decaímos. Então, a realidade nos faz voltar a nós mesmos, e, quando todas as nossas ilusões e imagens desmoronam, podemos ver com clareza toda a dificuldade de viver e quanto tempo precisamos para reconhecer aquilo que nos aconteceu. Quanto mais rápido o reconhecemos, menos tempo perdemos e mais gozamos a vida na Sua presença.

Prosperi. “Ficamos muito impressionados como, sem perceber, deixamos de ser centrados em Cristo. Sem perceber, portanto inevitavelmente, e sem poder impedir que isso aconteça. Os apóstolos O tinham diante de si e isso não bastava! O que significa, então, que devemos mudar de posição, como diz Dom Giussani: ‘Se é para mudar, mude!’ se, sem perceber, nos descentramos de Cristo? Como não cair, também aqui, num dever ‘fazer’ algo? E o que significa, existencialmente, ‘decidir’ participar de um acontecimento? Em que consiste essa decisão?”

Carrón. Os apóstolos O tinham diante de si, em carne e osso. Não é que faltasse algo ao testemunho de Cristo. No entanto, decaíam. Por isso, não podemos nos justificar, dizendo: “Os amigos da Fraternidade não são suficientemente testemunhas”. Não! Não decaímos por culpa dos outros, mas porque somos pobres coitados. Uma das frases citadas por Dom Giussani, que repeti mais vezes é esta: “Não há por que se impressionar se a fraqueza é fraca” (São Francisco de Sales). Qual o mistério no fato de que a fraqueza seja fraca? Que a gente decaia é normal, amigos. Mas, diante da nossa queda, olhemo-nos por um instante com ternura! Aos apóstolos, não bastou nem mesmo toda a imponência do testemunho de Cristo para que não decaíssem, como vimos. Lembro-me sempre do testemunho de Dom Giussani na Praça São Pedro, quando disse: “A infidelidade sempre surge em nosso coração, mesmo diante das coisas

mais bonitas e mais verdadeiras, onde [...] o homem pode decair por fraqueza e preconceito mundano”.³ Que conhecimento Dom Giussani tinha do tecido humano do qual somos feitos! “Sem mim, nada podeis fazer”,⁴ disse-nos Jesus. Não basta nem mesmo o mais imponente testemunho, porque envolve a liberdade. No fundo, fantasiávamos um relacionamento com a realidade, com a evidência, que não implique a liberdade. Mas isso é impossível. Somos livres e, por causa disso, podemos decair a cada instante.

O que quer dizer, então, decidir participar de um evento, de um acontecimento como é a nossa Fraternidade na Igreja? Significa decidir “estar mergulhado” dentro de um lugar onde, mesmo se eu decair – como decaio, é inevitável que eu decaia! –, sou abraçado, despertado, um lugar onde tudo me é dado novamente.

Uma de vocês me escreveu contando sobre o período de dificuldade que está atravessando. Uma noite, como sempre, ela vai à reunião do seu grupo de Fraternidade e volta para casa contente, mudada. Na noite seguinte, a filha de quinze anos lhe diz: “Estava lhe escrevendo um bilhete, caso não visse você voltar, para dizer que você deveria ir com mais frequência àquele lugar onde foi ontem à noite!”. Isso pode acontecer com aqueles que estão dentro, como nós, e com aqueles que estão fora. Outro dia, um jovem do CLU me dizia: “Na sexta-feira, almocei com um amigo que estuda Direito que tem um ano mais que eu e não frequenta o Movimento, ou melhor, começou a frequentá-lo há algumas semanas. Falamos sobre várias coisas, sobre as eleições, o estudo e, num determinado momento, ele me disse: ‘Gostaria de encontrá-lo novamente, gostaria que continuássemos nos vendo, talvez para estudarmos juntos, na universidade; vamos nos ver com mais frequência, poderíamos almoçar juntos mais vezes’. Foi natural eu lhe perguntar: ‘Desculpe, por que você quer que nos encontremos com mais frequência?’. E ele me disse: ‘Quero estar mais com você, e com vocês’ – aí está, essa e a decisão! –, ‘com vocês do Movimento, porque noto que há algo diferente em vocês, tanto que não consigo mais não estar com vocês’. Eu lhe pergunto: ‘Que coisa diferente é esta?’. E ele me responde: ‘Quero ter um relacionamento com vocês não porque sejam simpáticos, tenho amigos mais simpáticos, não porque sejam estudiosos, tenho amigos muito mais estudiosos, mas

³ GIUSSANI, Luigi, “*Na simplicidade do meu coração, cheio de alegria, Te doeí tudo*”, Roma, 30 de maio de 1998. Publicado em GIUSSANI, Luigi - ALBERTO, Stefano - PRADES, Javier, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. VI.

⁴ Jo 15,5.

porque vocês são mais verdadeiros, mais profundos. São diferentes e não consigo mais não estar com vocês. Comecei a ler *O senso religioso* e a ir sempre à Escola de Comunidade; moro com um rapaz que estuda Ciências Econômicas e tenho certeza de que, cedo ou tarde, ele também irá à Escola de Comunidade, porque, no jantar, não fazemos outra coisa senão falar disso, do senso religioso'. Fiquei muito impressionado, e comecei a me perguntar: que diversidade é essa que ele viu em nós, para chegar a dizer: Não são os mais simpáticos, não são os mais estudiosos, mas não consigo mais não estar com vocês?"

Dom Giussani diz: "A Igreja é mesmo um lugar comovente de humanidade, é o lugar da humanidade, onde a humanidade cresce, incrementa-se, expulsando continuamente aquilo que de espúrio entra nela, porque somos homens; mas a Igreja é humana"; e sublinha: "Por isso, os homens são humanos quando expulsam o espúrio e amam o puro". Não justificam o espúrio, mas expulsam o espúrio porque amam o puro. "A Igreja é uma coisa realmente comovente".⁵ Reconhecer esse lugar não implica precisar fazer algo. É simples, porque a pessoa não pode resistir, como este rapaz que não consegue não estar com os universitários que encontrou.

Prosperi. "Habitado há anos, durante a universidade, a estar cotidianamente com a companhia, frequentemente o meu seguimento pareceu-me facilitado por essa possibilidade de 'viver com'. Depois que entrei na vida adulta, as ocasiões deste 'viver com' diminuíram. Hoje, você falou do seguimento como identificação com a experiência de um outro. Pode me ajudar a entender melhor o que isso significa? E, sobretudo, como é possível não reduzir isso a um esforço moralista?"

Carrón. As ocasiões não diminuíram. Pare de pensar isso! Apenas mudaram. Ninguém nos impede de viver em relacionamento com as pessoas com as quais vemos que a nossa vida é ajudada. Depende do que decidimos fazer com a nossa vida e com o nosso tempo. É inútil continuar colocando objeções que não existem. Para as coisas que nos interessam, encontramos todo o tempo necessário. Não devemos viver a condição adulta pensando que tudo pode continuar como era no tempo da universidade! Tudo depende de nós, do quanto queremos nos arriscar com as pessoas porque – como sempre ouvimos Dom Giussani dizer – "há sem-

⁵ Ver este livreto, p. 88.

pre *pessoas*, ou *momentos de pessoas*⁶ que nos possibilitam ver do que precisamos para viver, e com cuja experiência podemos nos identificar. Mas o ideal vivido não pode substituir a verificação que torna a adesão e o caminho cada vez mais certos, que nos faz alcançar aquela certeza sobre Cristo à qual somos provocados pelo texto da Escola de Comunidade deste ano. Para conquistar essa certeza não basta simplesmente estarmos juntos. Dom Giussani diz: “A fé não pode enganar, não pode dizer a você: ‘É assim’, obtendo sua aprovação nua e crua gratuitamente”. Isso não faz com que ela se torne sua. “Não! A fé não pode enganar porque está de algum modo ligada à sua experiência: no fundo, é como se ela precisasse comparecer no tribunal onde você é juiz através da sua experiência”.⁷ Somente se comparece no tribunal onde eu sou juiz através da minha experiência, o olhar de Jesus pode entrar até o mais profundo de mim, penetrar até as vísceras, de modo tal que eu não consigo mais me conceber fora desse relacionamento. “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive e mim.”⁸ Mas ninguém pode fazer esse percurso no meu lugar. Se o nosso estar juntos não é para que este “já não sou eu que vivo...” possa ser verificado por cada um de nós até se tornar cada vez mais nosso, a companhia permanecerá algo externo a nós, não penetrará nas nossas vísceras, na percepção que tenho de mim, na concepção que tenho de mim, no modo com o qual eu digo “eu”, não modificará a consciência que tenho de mim mesmo. Por isso, sem essa verificação pessoal, a fé não se tornará minha.

Portanto, se a fé não pode enganar, “você também não pode enganar”, continua Dom Giussani, “porque para poder julgá-la é preciso usá-la; para poder ver se transforma a vida, deve vivê-la seriamente; e não se trata de uma fé que nasce de uma sua interpretação, mas da fé como lhe foi transmitida, da fé autêntica. Por isso, o nosso conceito de fé tem um nexo imediato com as horas do dia, com as coisas cotidianas da nossa vida [...]. Se você, quando se apaixonou por uma jovem, ou tendo vivido diversas vezes a experiência de se apaixonar, nunca percebeu de que modo a fé muda aquele relacionamento, se você nunca pôde dizer: ‘olha como a fé, iluminando essa minha tentativa de relacionamento, o muda, como o muda para melhor!’; se você nunca pôde dizer algo assim [...], se você nunca pôde dizer: ‘Olha como a fé torna a minha vida mais humana’, se você nunca

⁶ GIUSSANI, Luigi, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, Edit-Il Sabato, Milão 1993, p. 459.

⁷ GIUSSANI, Luigi, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 300.

⁸ *Gal 2,20*.

pôde dizer isso, a fé nunca se tornará convicção, nunca se tornará construtiva, nunca gerará nada, porque não tocou o seu eu mais profundo”.⁹ É essa experiência que somos convidados a fazer, a mesma que, no vídeo de ontem, Dom Giussani fez acontecer mais um vez diante de nós.

Prosperi. A próxima pergunta pede um esclarecimento, a partir destes Exercícios, sobre aquilo que o Papa nos disse na Praça São Pedro. “O que significa a ênfase sobre a autorreferencialidade?”

Carrón. O Papa nos disse que “sair’ quer dizer também rejeitar a autorreferencialidade, em todas as suas formas, significa saber ouvir quantos não são como nós, aprendendo de todos, com humildade sincera”.¹⁰ Preparando os Exercícios e relendo alguns textos da nossa história, deparei-me com uma conversa de 1978 entre Dom Giussani e os professores do Movimento, onde ele lê o que um deles lhe havia escrito. Cito isso apenas para mostrar que entre nós, essa é uma velha questão. A pessoa escreve: “Como fama geral, o membro de CL é incapaz de estar com os outros porque julga tudo o que é diferente como sendo inferior, ou supérfluo, ou inimigo. Então, fecha-se entre aqueles que são da comunidade porque com os outros se sente mal, não se sente entendido”. Independente de ser essa a nossa situação – não é isso que me interessa agora –, é um dado que, de qualquer forma, é preciso considerar. De fato, Dom Giussani comenta: “No entanto [nos primórdios, não foi assim], nos primeiros tempos o *raio* era feito de tal modo que se aprendia com todos, participavam judeus, protestantes, ateus; era feito exatamente para abrir o coração do cristão para entender que a fé é capaz de valorizar, compreender o que há de verdadeiro em qualquer experiência”.¹¹

Este é o olhar que Dom Giussani sempre nos ensinou, é o olhar católico, que ele identifica com a palavra “ecumenismo”. Com ecumenismo “se quer indicar que o olhar cristão vibra de um ímpeto que o torna capaz de exaltar todo o bem que há em tudo o que encontra, na medida em que o faz reconhecer-se partícipe daquele desígnio cuja atuação será realizada na eternidade e que, em Cristo, nos foi revelado”. Nada é excluído desse abraço. “É o acontecimento de Cristo, o que cria a cultura nova e dá origem à verdadeira crítica”, porque a “valorização do pouco ou muito de bem que há em todas as coisas leva a criar uma nova civi-

⁹ GIUSSANI, Luigi, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., pp. 300-301.

¹⁰ Francisco, *Discurso ao Movimento Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

¹¹ *Agli educatori. L'adulto e la sua responsabilità*, op. cit., p. 57.

lização, a amar uma nova construção [...], uma cultura nova”.¹² Ficar sempre em nossos olhos o exemplo do cão putrefato: “Há um episódio atribuído a Cristo por um evangelho apócrifo, segundo o qual, enquanto atravessava os campos, Jesus viu a carcaça apodrecida de um cão; São Pedro, que andava à Sua frente, disse: ‘Mestre, afasta-te’. Mas, Jesus, ao contrário, seguiu em frente e, parando a um passo do cão, exclamou: ‘Que dentes brancos!’. Era a única coisa boa naquele corpo putrefato. Os limites, esmagadores, saltam aos olhos de todos [todos sabemos ver os limites!], porém, o valor verdadeiro das coisas, só encontra quem tem a percepção do ser e do bem, quem deixa emergir e ama o ser, sem obliterar, eliminar, fechar ou negar, porque a crítica não é hostilidade às coisas, mas amor a elas. Por isso, não é possível sermos verdadeiramente críticos se não estivermos pacificados por um amor que nos possui e que possuímos. Somente se somos possuídos inteiramente por um amor, somente se nos reconhecemos pertencentes ao amor de Cristo ‘transbordante de paz’, podemos ser como crianças que entram numa floresta escura, sem medo”. Dom Giussani continua: “O mundo foi conquistado pelo cristianismo, em última instância, por essa palavra sintética: ‘misericórdia’”. Misericórdia! Antes, muito antes que Papa Francisco falasse sobre ela! E ninguém pode dizer que seja ambíguo falar sobre isso nestes termos! A misericórdia, de fato, está no início do cristianismo: “A capacidade de misericórdia se exprime como sensibilidade ao bem, como certeza de que o bem vence com a força de Cristo”. Portanto, esta abertura, na certeza de Cristo, nos faz reconhecer o bem em qualquer um, mesmo no mais distante: “Essa abertura faz com que a pessoa se sinta em casa quando está perto de qualquer um que conserve um fragmento de verdade, ela se sente à vontade em qualquer lugar”.¹³ Nesta última frase está o critério para que cada um julgue se seu modo de viver o Movimento é autorreferencial ou não: se está “à vontade em qualquer lugar”.

Prosperi. “Que valor tem o passado se o que conta é só o momento presente? Se o acontecimento se dá agora, que valor tem a história que nos precedeu?”

Carrón. A história que nos precedeu é fundamental porque, como diz Dom Giussani em *O senso religioso*, sem a experiência e sem a riqueza

¹² GIUSSANI, Luigi - ALBERTO, Stefano - PRADES, Javier, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., pp. 157-158.

¹³ *Idem*, pp. 158-160.

do passado não há possibilidade de comunicação, tudo é aridez. “Quanto mais pleno de experiência, tanto mais sou capaz de me comunicar”. Mas, para que tudo o que nos acontece possa se tornar verdadeiramente nosso, ou seja, riqueza da qual partir para ter um relacionamento com o outro e com tudo, é preciso estar empenhados na vida como experiência. E isso não é automático. “Diálogo e comunicação humana têm raízes na experiência: efetivamente, de que depende a aridez [...] da convivência das comunidades, senão do fato de que pouquíssimas pessoas podem se dizer engajadas na experiência, na vida como experiência? É o descompromisso com a vida como experiência que nos faz ‘bater papo’ e, não, falar. A ausência do diálogo verdadeiro, essa aridez terrível na comunicação, essa incapacidade de comunicar são comparáveis somente à fofoca”. Para que possamos compreender o dinamismo que gera a participação e a comunicação, Giussani faz duas observações: “A experiência é tutelada pela memória; a experiência está, portanto, sob custódia da memória, porque não posso dialogar com você se a minha experiência não está guardada em mim, protegida em mim como uma criança no seio da mãe, de tal modo que cresça em mim à medida que o tempo passa”. A segunda observação, e este é o ponto, é que “a experiência deve ser verdadeiramente isto, ou seja, julgada pela inteligência, de outro modo, a comunicação se torna um tagarelar ou vomitar lamentos. E como a inteligência julga a experiência? Comparando sempre o conteúdo expressivo com base nas exigências constitutivas da nossa humanidade, com base na ‘experiência elementar’, porque a experiência elementar é a inteligência em ato na sua essência”.¹⁴

Então, qual é o problema? O problema é que podemos não fazer experiência, não entender o que o passado nos ensinou. Para os judeus, que viram tudo o que lhes foi dado continuamente por Deus, o que quer dizer aprender com o passado? Estar constantemente abertos ao novo dom que lhes será oferecido. Se, ao contrário, essa disponibilidade em receber não for aprendida com o passado, quando o novo dom de Deus chegar, não nos achará disponíveis para acolhê-lo e o rejeitaremos. Por isso, em vez de aprender aquela postura simples que acolhe constantemente a modalidade com a qual o Mistério renova para nós, agora, o seu dom, num determinado momento podemos pensar que entendemos, que possuímos aquilo que devemos aprender continuamente, desde o primeiro instante da experiência cristã e, então, estamos perdidos. Por isso, Giussani nos diz: “Aquilo que sabemos ou aquilo que temos torna-se

¹⁴ GIUSSANI, Luigi, *O senso religioso*, op. cit., pp. 130-131.

experiência se aquilo que temos ou sabemos é algo que nos é dado agora: há uma mão que o oferece agora”; de outro modo, perco tudo aquilo que sei e que tenho. E acrescenta esta frase tremenda: “Fora desse ‘agora’ não há nada!”.¹⁵ Para compreender a verdade dessas palavras basta que vocês olhem para seus relacionamentos: sem esse “agora”, toda a experiência que viveram com a mulher ou com o marido torna-se árida, vocês não se dão mais conta do início, a mulher ou o marido não os surpreende mais como no início. E para que serve toda a experiência de vocês se não para prepará-los cada vez mais para se surpreenderem com o fato de que ele, ou ela, ainda esteja ali e ainda os ame? “Fora desse ‘agora’ não há nada!”. Dentro da experiência, entendemos bem isso, porque nos é dado. Porém, quando não nos surpreendemos mais “agora”, no presente, mesmo com toda a experiência passada, dizemos: “Sim, tudo bem, era assim antes, mas agora não é mais, tudo está velho!”. E, então, sucumbimos à convicção de que o matrimônio é o tumulto do amor e que o cristianismo é o tumulto do desejo. Mas dizemos isso, não porque realmente seja assim! Acabamos pensando assim, porque não estamos mais abertos, não estamos mais disponíveis. Por isso, os novos amigos que encontramos, como eu dizia ontem, são os que nos oferecem de novo o olhar que Cristo introduziu no mundo. O que você está perdendo, se não vê aquilo que os novos veem? No entanto, muitas vezes nós os julgamos ingênuos, assim como faziam os fariseus com João e André. “Há acaso alguém dentre as autoridades que acreditou nele?”¹⁶ respondiam duramente os fariseus a quem depois de ter encontrado Jesus afirmava, maravilhado: “Jamais algum homem falou como este homem!”.¹⁷ No dia em que conseguirmos perceber em nós essa postura de fechamento, podemos todos ir para casa! Ao contrário, o cego de nascença, o último chegado, não podia deixar de reconhecer aquilo que estava lhe acontecendo naquele momento.

Precisamos pedir a Nossa Senhora que mantenha em nós a disposição do início. É aquilo que o Papa recomendava aos Movimentos: “A novidade de suas experiências não consiste nos métodos e nas formas, [...] que também são importantes, mas na disposição de responder com renovado entusiasmo ao chamado do Senhor”.¹⁸ Como dizer: vocês podem ter feito muitas coisas, mas se perderem a disposição da origem,

¹⁵ Cfr. ASAEMD, documento transcrito intitulado “Dedicazione 1992 Rimini, 2-4 Ottobre 1992”. SAVORANA, Alberto, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 851.

¹⁶ Jo 7,48.

¹⁷ Jo 7,46.

¹⁸ FRANCISCO, *Discurso aos participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades*, 22 de novembro de 2014.

então, todo o fogo do início torna-se cinzas. Não há saída. Podemos falar muito, protestar, ficar com raiva, mas se perdemos aquela disposição, é inútil, depois, nos lamentarmos. Todavia, as coisas não são necessariamente assim! Porém, é preciso uma decisão de nossa parte. Se ainda não somos capazes de tomá-la, comecemos a pedir ao Senhor que nos ajude. Rápido! Antes que o deserto avance em nós.

Prosperi. Portanto, aceitar que o acontecimento se dá agora depende do reconhecimento de que Aquele que entrou na nossa vida, Aquele que nos tomou através do encontro, continua conduzindo a nossa vida.

Carrón. Isso me faz lembrar o episódio do maná. No deserto, o povo tem fome. Deus responde enviando-lhes maná todas as manhãs. Mas, como não confiam que o Senhor continuará presente (“dizem que não voltarás”), os israelitas começam a acumular maná, ao invés de crescerem na confiança e na consciência, com uma postura de criança, e se abandonarem àquela Presença que já se demonstrou interessada neles de modo tão evidente. Entendo a tentação, porque essa postura nos faz depender sempre de um Outro, do desígnio de um Outro, e isso não nos agrada porque significa que não somos os patrões da nossa vida. Mas, o problema é ter uma verdadeira afeição por si mesmo, isto é, um amor por si tão grande a ponto de estarmos disponíveis a nos movermos constantemente para reconhecer que Ele está no centro, porque somente Ele pode nos realizar. Ainda bem que Cristo nos *primerea* sempre!

Prosperi. “A posição sobre o trabalho que se torna gratuidade pelo bem dos outros nos parece particularmente desejável. Porém, a experiência normal de trabalho é de ambição, de projeto individual, até mesmo de mesquinhez. Como o encontro presente com Cristo pode mudar a nossa postura no trabalho? Como a atitude no trabalho pode estabelecer-se como obediência, ao invés de visar primeiramente ao dinheiro, ao poder, à carreira?”

Carrón. O que buscamos no trabalho? O que vocês buscam no trabalho quando visam ao dinheiro, ao poder, à carreira? A realização de si. Mas tentem, tentemos verificar se isso basta para realizar vocês, para nos realizar. Porque o problema da vida – sempre lhes disse – começa quando a vida vai bem, quando você tem tudo o que busca no trabalho e, no entanto, descobre que isso não basta. E não basta pela razão descrita por Pavese: “Aquilo que um homem busca nos prazeres é um infinito, e

ninguém jamais renunciaria à esperança de alcançar essa infinitude”.¹⁹ Se nós não reconhecemos que o que realiza a vida é o relacionamento com o Mistério do qual estamos falando, não podemos pensar que alguma novidade se introduza em nosso relacionamento com o trabalho. Porque aquilo que se obscurece em nós – e por isso, depois, obscurece o modo de viver o trabalho –, é a consciência da natureza do nosso eu: decaí a consciência da desproporção sem limites entre as coisas que tenho diante de mim e a amplitude do meu desejo, portanto, mesmo quando consigo obter aquilo que quero, tudo é pouco e pequeno para a capacidade da alma e, nem mesmo se as coisas estiverem bem conseguirei estar satisfeito. Esse não é um problema ético, não se trata de dizer: “Preciso contentar-me com um pouco menos”, até porque não conseguimos nos contentar com um pouco menos. Só podemos “nos contentar” – isto é, ser livres – se tivermos tudo, porque qualquer outra coisa que não seja tudo – dinheiro, poder, carreira – é muito pouco. Então, a questão é se começamos a entender que o que realiza a nossa vida não é aquilo que fazemos, mas o relacionamento com a Sua presença, agora.

Por isso, Dom Giussani dizia que a gratidão é a única coisa que pode gerar a gratuidade – esperamos trabalhar sobre isso –, isto é, um relacionamento novo e diferente com o trabalho, uma modalidade “subversiva e surpreendente” de viver as coisas habituais que entra na história com o cristianismo,²⁰ como vimos nas imagens dos quadros de Millet projetados no salão: a vida cotidiana, as coisas habituais mudadas pela presença de Cristo, por um olhar dentro do nosso olhar. Só podemos mudar se o nosso trabalho for investido pela memória de Cristo. O problema é a memória, de outro modo viveremos como todos, exatamente como todos.

No seu último livro, o escritor francês Emmanuel Carrère fala do início do cristianismo nestes termos: “Estou convencido de que a força de persuasão da seita cristã [talvez use essa expressão porque em um certo período da sua vida foi cristão, mas agora não é mais] se baseava sobretudo na capacidade de inspirar gestos que deixavam de boca aberta, gestos – e não apenas palavras – que contradiziam os comportamentos usuais dos homens. Os homens são assim, não há nada a fazer: os melhores entre eles [...] amam os amigos e todos odeiam os inimigos; preferem ser fortes a ser fracos, ricos a pobres, grandes a pequenos, comandar a obedecer. É assim, é normal, ninguém jamais disse que era ruim. Não o disse a sabedoria grega e nem mesmo a religião judaica. Então, aparecem

¹⁹ PAVESE, Cesare, *O ofício de viver*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro 1988, p. 209.

²⁰ Ver este livreto, p. 83.

homens que não apenas dizem, mas fazem exatamente o contrário. No início, ninguém conseguia entender suas razões, ninguém entendia qual o benefício daquela absurda inversão de valores. Depois, alguém começou a perceber. Começou a entender qual é o benefício, ou seja, quanta alegria, quanta força, quanta intensidade a vida ganha com aquela conduta aparentemente insensata. E, então, há apenas um desejo [ouvimos ontem]: fazer como eles”.²¹

Prosperi. “Dom Giussani nos disse que a virgindade como raiz do relacionamento com as coisas é o caminho de todos. Podemos dizer que é o segredo da vida. O que quer dizer que a virgindade é a modalidade mais verdadeira para viver a vida, também dentro do matrimônio?”

Carrón. Quer se trate do trabalho ou da afeição, voltamos sempre ao mesmo ponto: a consciência da natureza do eu. O problema do relacionamento com o outro está no eu, ou seja, na percepção que tenho de mim e, portanto, do outro. Mas isso nos parece individualismo. Não, não! O problema está na percepção de si, e se a pessoa não tem isso claro descarrega sobre o outro (ele ou ela) a responsabilidade de “resolver” o próprio desejo de realização. Mas o outro não o resolve, não pode fazê-lo: por isso, muitas vezes, o relacionamento se torna violência. *O senso religioso* fala nestes termos sobre o “caráter exigencial da vida”: “Um trecho de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, exprime sinteticamente a abertura analógica do dinamismo do amor no homem: ‘Mostra-me uma amante que seja muito bela; que é a sua beleza, senão um sinal onde eu possa ler o nome daquela que é ainda mais bela?’. O atrativo de uma beleza segue uma trajetória paradoxal: quanto mais uma coisa é bela, tanto mais remete a outra, [...] não preenche, mas escancara o desejo, é sinal de uma outra coisa. [...] O caráter exigencial da existência humana aponta para *algo além de si*, como para o seu sentido, como para o seu objetivo. As exigências humanas constituem referência, afirmação implícita de uma resposta última que está *além* das modalidades existenciais experimentáveis”.²²

A experiência nos diz que um eu e um tu despertam um no outro, reciprocamente, um desejo infinito – de plenitude, de realização – que é desproporcional à capacidade que têm de realizá-lo. Por isso, somente o horizonte de um amor maior pode impedir que cada um dos dois se consuma em uma pretensão (em última instância, violenta) de que o outro

²¹ E. Carrère, *Il Regno*, Adelphi, Milão 2015, p. 148.

²² GIUSSANI, Luigi, *O senso religioso*, op. cit., pp.175-176.

ou a outra – estruturalmente limitados – realize aquele desejo infinito que, no entanto, despertou.²³

O seu coração de homem chamado ao matrimônio, e o meu coração de homem chamado à virgindade como forma de vocação, têm, ambos, a mesma exigência: Cristo, o único capaz de responder à sede de felicidade que o outro suscita constantemente em mim. Nesse sentido, a virgindade, como ouvimos Dom Giussani dizer ontem, “é a forma visível de vida que chama a atenção de todos para o mesmo ideal de todos, para todos, que é Cristo, a única coisa pela qual vale a pena viver e morrer, trabalhar, amar a mulher, educar os filhos, dirigir e ajudar um povo”. Por isso, é para todos. Isso nos convém. Porque somente se Cristo determina o meu relacionamento com o outro, com a mulher ou com o marido, somente se Cristo está realmente presente e é aceito na minha vida, aquele relacionamento poderá não se tornar violento, poderá ser gratuito. A virgindade como dimensão a que todos somos chamados a viver indica, de fato, um relacionamento com o outro como pura afirmação do seu ser (“você ama o outro porque existe”), que tem em si aquela “nuança de gratuidade”, de “pureza absoluta” da qual ouvimos falar ontem, e que só Cristo torna possível. É em virtude da gratidão por ser amado por Cristo, sob a pressão da comoção pela caridade que Cristo tem para comigo, que pode nascer em mim a gratuidade. Sob a pressão dessa comoção, poderei amar e olhar gratuitamente o outro, sem pretender que possa preencher aquilo que não pode preencher – o meu coração, que é necessidade de infinito –, por causa do seu limite. O final da intervenção de Dom Giussani me impressionou: “A luta [...] contra o niilismo [que pode estar presente na sociedade ou nos relacionamentos] é esta comoção vivida”.²⁴

Prosperi. “Qual a diferença entre alegria e letícia? Giussani nos disse que a letícia é mais do que a alegria. Como é possível sentir letícia?”

Carrón. Somente vivendo do modo como estamos dizendo. Olhem bem para as frases que Dom Giussani disse no vídeo de ontem: “A letícia exige a gratuidade absoluta que é possível somente com a presença do divino”.²⁵ Somente se Cristo invade a nossa vida, podemos sentir letícia, do contrário dependeremos de qualquer outra coisa, e nenhuma alegria

²³ Cfr. CARRÓN; Julián, “Raggio divino al mio pensiero apparve, Donna, la tua beltà” (G. Leopardi), *Tracce-Litterae Communionis*, outubro 2006, pp. I-IV.

²⁴ Ver este livreto, p. 88.

²⁵ Ver este livreto, p. 87.

pode se comparar a essa letícia. Por isso, Jesus diz que a letícia suscitada por Sua presença não poderá ser tirada por ninguém.

Prosperi. “Como sustentar e dilatar a unidade entre nós seguindo, hoje, quem nos guia?”

Carrón. Há muitos anos, em uma Equipe do CLU, perguntaram a Dom Giussani como aprofundar essa unidade. Alguém lhe falava sobre a exigência e a vontade de aprofundar a comunhão (muitas vezes pensamos que aprofundar a possibilidade de comunhão seja algo que nós podemos fazer). Escutem a resposta de Dom Giussani: “Dizer: ‘Existe uma falta de comunhão, então, a vontade é a de aprofundar a possibilidade de comunhão entre nós’, carrega algo de fictício, como tal levaria a algo de fictício. Ao contrário, é a vontade de aprofundar a fé em mim [...], é o aprofundamento da fé em mim, é isso que me coloca em comunhão com vocês. Há um perigo presente e muito difundido no Movimento: o de pensar que a questão é aprofundar o próprio pertencer à objetividade da comunhão. Mas a objetividade da comunhão nasce do aprofundamento da fé pessoal, porque a fé é o relacionamento com Cristo e Deus”.

Não é que João e André tenham aprofundado a comunhão entre eles colocando-se de acordo ou buscando “inflamar-se” um pouco falando sobre a comunhão. Não! Como ouvimos Dom Giussani dizer ontem, aqueles dois estavam plenos da mesma coisa. E quanto mais uma pessoa está plena da mesma coisa que a outra, mais comunhão há entre elas. Senão, sucumbimos à tentação de pensar que a comunhão seja algo que nós podemos realizar. E, de fato, Dom Giussani continua: “Quanto mais aprofundo a fé, mais me uno a você, mesmo se você resistir. No casamento, quanto mais um homem aprofundar o sentido do seu relacionamento com Cristo [como vocês veem, volta sempre o mesmo ponto] dentro da função que lhe é dada, tanto mais amará sua mulher, mesmo que ela o traia. É o aprofundamento da fé na pessoa que, como corolário, como consequência, amadurece a comunhão. Não é querendo aprofundar a capacidade de comunhão entre nós que a nossa comunhão amadurece [nós mudamos a origem, o ponto no qual a comunhão com o outro surge: nós o identificamos com a nossa vontade de construção]: desse modo, emergem e são privilegiados os aspectos psicológicos, sentimentais, ideológicos”. Dom Giussani se detém sobre o tema para sublinhar “que o problema é a pessoa, que tudo deriva da fé da pessoa”.²⁶ Tudo, também a presença: “A presença é uma consequência dis-

²⁶ GIUSSANI, Luigi, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., pp. 250-252.

so, uma consequência, inclusive do ponto de vista dinâmico [...]: a presença acontece quanto mais é profunda a consciência da fé que carrego. Por isso, eu enfatizei certos termos”, diz Giussani: “A presença ‘preenche’, dá ‘gosto’, dá ‘paz’, porque são todos sintomas pessoais. E a que se opõe esta ênfase trazida à tona, especialmente neste ano, com a ideia de presença? Opõe-se à ideia de uma presença como ‘comunidade’, como coletividade, como grupo. Não é que não deva existir, mas é a consequência”, porque quanto mais a pessoa vive aquilo que foi dito como experiência pessoal, mais se exprimirá também como grupo. “Do contrário, se torna ideológico [como acontece tantas vezes] e, mais cedo que tarde, jogamos fora, nos cansamos”.²⁷

O problema, portanto, é a pessoa, tudo deriva da fé da pessoa. Por isso, “o que nos reúne aqui? [...] É o problema da própria vida, da minha vida, do significado da minha vida, da verdade da minha vida, da verdade do meu relacionamento com o mundo e, por isso, da verdade do meu relacionamento com o tempo, com o destino! Este é o problema: a fé”. Parece-me que, depois daquilo que vimos acontecer diante dos nossos olhos ontem, durante duas horas, esteja claro para todos: o problema é a fé, ou seja, “o que realmente quer dizer que Cristo é o significado da minha vida. O resto é tudo corolário, emerge, vem à tona com os seus instrumentos de mediação, mas este é o ponto”.²⁸

Então, a questão é seguir. Seguir é o que fará com que aquilo que nos aconteceu se torne cada vez mais nosso. “Hoje, uma pessoa me falava de um problema seu, e terminou com uma pergunta: ‘O que devo fazer?’. E a resposta foi: ‘Siga! Siga [...] a autoridade. Siga. Se seguir, entenderá; se não seguir, não entenderá’. Esse é o erro daqueles que não acompanharam o desenvolvimento da história do Movimento: ficaram, por exemplo, nos primeiros anos e agora, diante da vastidão do Movimento, ressurgem neles a nostalgia dos primeiros tempos e querem julgar o que o Movimento diz agora com a própria cabeça, com o próprio modo de sentir e de pensar [Tem alguns que chegam a dizer que estou mudando a estrutura genética do Movimento!]. Enquanto deveriam voltar, como no princípio, a seguir. No princípio, entenderam porque seguiram. Agora, ao contrário, são adultos e dizem: ‘Não, queremos entender; queremos seguir aquilo que nos parece justo’. E, assim, erram também na política.”²⁹

Amigos, a vida é uma coisa séria.

Ajudemo-nos a vivê-la com seriedade!

²⁷ *Idem*, pp. 251-252.

²⁸ *Idem*, p. 252.

²⁹ GIUSSANI, Luigi, *Affezione e dimora*, Bur, Milão 2001, p. 71.

AVISOS

Oração pelos cristãos perseguidos

Papa Francisco lançou um novo apelo premente em favor dos cristãos perseguidos: “Infelizmente, ainda hoje, ouvimos o grito sufocado e negligenciado de tantos irmãos e irmãs nossos desamparados que, por causa de sua fé em Cristo ou de sua pertença étnica, são pública e atrozmente assassinados – decapitados, crucificados, queimados vivos –, ou então, obrigados a abandonar a sua terra” (12 de abril de 2015). Esta grave situação não pode deixar de interrogar cada um de nós e todo o Movimento. A Conferência Episcopal Italiana está pensando numa iniciativa de oração que envolva toda a Igreja. Tão logo sejam decididas modalidade e forma do gesto, lhes daremos notícia.

Meeting pela amizade entre os povos 2015

Como já sabem, este ano o Meeting acontecerá de quinta-feira, 20 de agosto (abertura às 12h) a quarta-feira, 26 de agosto (encerramento às 0h). Os organizadores pensaram nessas novas datas, em primeiro lugar, para favorecer a participação do maior número de pessoas, porque o Meeting é construído participando pessoalmente do evento, com nos dizia Dom Giussani, pelo menos um dia. O Meeting é o gesto mais expressivo de uma história: tomar consciência disso é o primeiro modo de apoiá-lo. Nesses anos, tantas pessoas, visitando-o pela primeira vez, ficaram tocadas pelos encontros e pelas exposições, mas sobretudo pelas pessoas que o realizam, que dele participam, que escutam, que estão interessadas, que se deixam provocar e fazem perguntas, que trabalham gratuitamente e estão contentes. Tantas pessoas encontram no Meeting um espaço de diálogo, de convivência e de encontro, até ao ponto de perguntarem quem são aqueles que o realizam, querendo conhecer a origem desta experiência. Por isso, participar pessoalmente do Meeting é uma ocasião para todos, par redescobri a experiência da qual nasce e o que carrega.

O título deste ano é tirado de uma poesia de Mario Luzi: “De que é falta esta falta, / coração, / que, num repente, dela ficas cheio?”. Todos podemos entender o alcance cultural de um título como este, porque, como vimos nesses dias, na origem de toda a confusão atual – pela qual não há mais nenhuma evidência – está um obscurecimento da consciência com respeito à natureza do eu. Portanto, será interessante enfrentar esta pergunta em busca de uma resposta, porque, de outra forma, o empobrecimento da pessoa e a redução do desejo serão sempre mais inevitáveis.

Vida da Fraternidade

Retomo alguns aspectos da vida da Fraternidade sobre os quais chegaram-nos perguntas de esclarecimento.

Visitor dos grupos de Fraternidade. Já na ocasião do encontro dos priores – que vocês puderam ler – dos grupos de Fraternidade da diocese de Milão, no dia 4 de dezembro de 2013, eu tive a oportunidade de recordar aquilo que eu mesmo sempre ouvi dizer de Dom Giussani, e imagino que vocês também como eu, a propósito da função do *visitor* num grupo de fraternidade. Dizia: “Você, *visitor*, vai aonde eu não posso chegar; já que eu não posso ir até ali, você vai”. O *visitor* não pertence diretamente à estrutura da Fraternidade como tal. É simplesmente uma figura que tem como objetivo a oferta de uma amizade, de um relacionamento; é uma modalidade para fazer chegar o olhar do guia, o abraço de quem tem a responsabilidade de guiar, e que o guia não consegue levar diretamente. A função do *visitor* não é outra que levar, portanto, com a própria presença, a minha presença mesma onde me é impossível chegar (eu gostaria de estar em todos os lugares, mas não é possível, já que estamos em tantos e tantos lugares do mundo). Neste sentido, o *visitor* é indicado ou, pelo menos, verificado com quem guia. Um grupo de fraternidade que quisesse a ajuda de um *visitor* para o próprio caminho deverá, portanto, depois de ter identificado a pessoa, perguntar ao responsável diocesano ou regional se é oportuno ou se a pessoa é adequada, exatamente pelo seu valor em relação ao guia central da Fraternidade.

Eleições dos responsáveis diocesanos. Penso que seja útil explicar bem como enfrentamos e como tentamos responder a este aspecto da vida da Fraternidade. Desde o início da constituição da Fraternidade, Dom Giussani havia pensado numa estrutura para a sua condução, a da Diaconia central, da qual participam os responsáveis regionais da Fraternidade que são eleitos – lá onde a Fraternidade é reconhecida pelo bispo da diocese – pelos responsáveis diocesanos que, por sua vez, são eleitos pelos inscritos residentes na diocese. Para a designação do responsável diocesano (segundo norma do artigo 30 do Estatuto) foi redigido um procedimento específico, de modo tal que todos possam ser informados acerca dos tempos e dos modos desta eleição. Em algumas dioceses já se começou a usar este procedimento. Mas, de algumas pessoas recebemos perguntas que mostram uma dificuldade para compreender a natureza deste gesto. O ponto mais importante a esclarecer diz respeito à autoridade da Fraternidade e o que quer dizer que a Fraternidade escolhe o seu guia. Dom Giussani descreve como se identifica a autoridade: a autoridade, ou “o ponto de referência, não é a conclusão dos participantes numa

reunião”. Então, onde está a autoridade? “A história judaico-cristã assinala em uma autoridade fixada por Deus, segundo uma gama variada, seguindo a qual e obedecendo à qual nós estamos assegurados de estar no caminho justo”. Nós pertencemos a esta história. Por que seguimos a autoridade de Dom Giussani? Nós a escolhemos? Foi-nos dada por Deus e nós a reconhecemos. Esta é a modalidade, como sempre fez na história do povo judeu. Então, como é escolhida a autoridade? Abstratamente é possível dizer que são três as formas com as quais os homens podem escolher quem é a autoridade. Diz Giussani: uma, através da votação democrática; outra, porque alguém se impõe como chefe; e outra ainda, reconhecendo que é dada por Deus. Dom Giussani diz: “Esta autoridade não é fruto de votação democrática, muito menos pode ser a impetuosidade pretenciosa de alguém que diz ‘eu sou o chefe’. Resta apenas uma solução: que é uma graça oferecida por Deus”. E já que é uma graça, pode-se acolher ou recusar, mas continua sendo uma graça. “A autoridade é alguém em quem Deus nos fez a graça de estabelecer o nosso ponto de inserção na história”. É exatamente o que nós reconhecemos em Dom Giussani. Uma vez que a autoridade é fixada por Deus, qual é a sua tarefa? A autoridade tem o dever de indicar quem é mais útil para ajudar a Fraternidade a fazer um caminho. E, por isso, dizia Dom Giussani: “Esta autoridade tem também como sua suma preocupação e como sua suma tarefa indicar quem, entre aqueles que se unem juntos, melhor traduz aquilo que ele trouxe. Isto é: a indicação da nova autoridade passa através da autoridade com a qual Deus nos chamou”. Vocês viram o que aconteceu comigo. Eu não estou aqui porque eu o escolhi, ou porque vocês me tenham escolhido. Ele me escolheu, me chamando da Espanha. Ele indicou a autoridade. Isto não impediu, depois, de ter que passar através de todos os procedimentos estabelecidos para a confirmação, por parte da Diaconia central, daquilo que Dom Giussani havia indicado. E a Diaconia Central da Fraternidade, seguindo a indicação de Dom Giussani, me elegeu. A sua primeira preocupação foi indicar a autoridade. “De outra forma, a alternativa é que a continuidade seria o método democrático ou a imponência pretenciosa de alguém”. Mas, fazendo assim, retornaremos a um dos métodos que Dom Giussani recusou para identificar o guia da Fraternidade, porque “o prosseguimento é [sempre] um obedecer, mesmo o prosseguimento é obedecer: afirmar a obra de um Outro [...]. A indicação que a autoridade nos dá de uma nova autoridade que prossiga, esta indicação não é necessariamente a indicação do melhor ou do mais santo”. É um alívio! “A palavra obediência, portanto, entra dentro do campo da liberdade e purifica a liberdade, e a faz ser

aquilo que deve ser, ou seja, maravilhamento, reconhecimento e adesão àquilo que Deus nos oferece através da autoridade que fixou. Esta autoridade fixa uma outra autoridade e nós seguimos esta outra autoridade”, diz sempre Dom Giussani. “Aquilo que dizemos do nosso Movimento é uma analogia à Igreja de Deus. Por isso, a humildade é a característica da autoridade: a humildade, a não imposição. Porque é a obediência que salva a unidade da história” (FCL, *Documentação audiovisual*, Diaconia de CL Espanha, 4 de junho de 1993).

Tudo o que foi dito vale também para identificar o responsável nas próprias dioceses e o responsável da região pastoral na qual está organizada a Fraternidade. De fato, a proposta de designação é feita por aqueles que guiam a Fraternidade e é submetida à livre expressão dos participantes da assembleia.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 4,8-12; Sl 117 (118); 1 Jo 3,1-2; Jo 10,11-18

HOMILIA DE PADRE FRANCESCO BRASCHI

“O Pai me ama: porque dou a minha vida, para depois recebê-la novamente. Ninguém me tira a vida, mas eu a dou por própria vontade. Eu tenho poder de dá-la, como tenho poder de recebê-la de novo” (*Jo 10, 17-18a*). Essas palavras de Cristo poderiam escorregar, passar despercebidas entre as tantas palavras ouvidas nestes dias. Ou então, poderia deixar em nós – mas apenas um pouco – um eco sentimental, talvez até o pressentimento de que sejam palavras importantes, mas que dizem respeito, em última análise, mais ao relacionamento entre Cristo e o Pai, que às exigências do nosso viver concreto, aqui e agora.

E, pelo contrário, essas palavras nos foram não simplesmente lidas, mas anunciadas. Aliás: nos foram ditas por Cristo mesmo, que fala e é o sujeito da liturgia da Igreja. E, portanto, não podemos mais pensar que representem algo diferente ou separado do Seu recontecer, do Seu ser uma Presença presente agora, aqui, para cada um de nós.

Mas, o que significa “O Pai me ama: porque dou a minha vida, para depois recebê-la novamente” – quer dizer: “*para que* eu a receba de volta”? O que significa que a razão do amor do Pai por Cristo não está simplesmente no fato de que Ele dê a Sua vida, mas que a dê “com o objetivo” de recebê-la novamente, “para que” Ele a receba novamente? Nós todos pensamos saber o que significa “dar a vida”: significa oferecer-se, sacrificar-se, e somos mais do que dispostos – pelo menos no término de Exercícios Espirituais – a reconhecer a grandeza do dar a vida de Cristo por nós.

Mas, há um risco neste “saber”. Se a Páscoa de Cristo não se torna o *método* do estar no real, há o risco de que o dar a vida por nós, da parte de Cristo, permaneça como um gesto distante no espaço e no tempo, permaneça como uma recordação devota à qual retornar, de vez em quando, com a mente.

Há o risco que olhemos para a Cruz de Cristo, para o Seu dar a vida como se fosse uma “missão cumprida”, que comemoramos em Caravaggio (ou em outro lugar), na Sexta-Feira Santa, mas para a qual, agora, olhamos sobretudo como algo que permanece nas nossas costas, que se torna a *nossa* Cruz. Que alimenta até mesmo – não queira Deus! – uma amarga suspeita: que Cristo, cumprida a sua obra, tenha ido embora; o que – pelo menos – permaneça apenas se o meu juízo lhe consentir.

Pelo contrário, há bem outra coisa para nós! Que Cristo retome a própria vida depois de tê-la dado, muda toda a perspectiva, muda todo o juízo! O Pai ama o Filho porque, retomando a própria vida depois de tê-la dado, Cristo faz da Sua vida uma oferta permanente, um dom contínuo, uma fecundidade da qual não se subtrai nenhum instante da história e nenhum lugar da Criação.

O Pai e o Filho se conhecem recíproca e perfeitamente – como afirma o Evangelho que acabamos de ler (cf. *Jo* 10, 15) –, porque compartilham em total comunhão o Espírito Santo, que é manifestação e realidade daquele ímpeto de amor que lhes faz Se dirigirem para fora de Si, e que constitui o único “poder” (cf. *Jo* 10, 18) que Cristo tem de dar e retomar a Sua vida. Eis o que significa que Cristo é a “pedra angular”, aquela pedra que sustenta tudo sem nunca se cansar.

Dom da própria vida, oferta de Si da parte de Cristo são a Sua obediência amorosa ao amor e ao comando do Pai. Aquela obediência que transforma a história no lugar da contínua fecundidade da Páscoa, na contínua geração do homem novo, do *sujeito tornado novo*, que se reconhece regenerado “para uma esperança que não se desfaz” (cf. I *Pd* 1, 3-4). Este é o fato novo que irrompe na história com a Páscoa de Cristo. E que *nos* define, que define cada existência humana de modo indelével e inevitável.

Mas, quem é, quais são as características deste homem novo gerado pela Páscoa?

O homem novo é aquele que se sabe conhecido por Cristo e que O conhece como o pastor que não é um mercenário, que *nunca* abandona as suas ovelhas (cf. *Jo* 10, 11-13), que nunca pensa dele: “Não está aqui”.

É aquele que sabe ser realmente filho de Deus (cf. I *Jo* 3, 1), gerado para uma existência *já certa* do fato de que a própria consistência vem do Pai, e ao mesmo tempo permeado pela espera, pelo anseio por aquilo que ainda não foi revelado.

É aquele que, na consciência de toda a sua pobreza, se sabe chamado a viver da mesma vida de Cristo, e que, por isso, não teme sair, porque Cristo mesmo *já está fora*, em busca das ovelhas que estão fora do recinto seguro, para além do recinto seguro (cf. *Jo* 10, 16).

Permanentemente, objetivamente presente entre nós, Cristo ressuscitado é a única pedra sobre a qual se pode construir e reger a realidade. É Ele que nos constrói como *homens salvos*: salvos, em primeiro lugar, da pretensão de querer determinar, segundo a nossa medida, o rosto da realidade.

A realidade é Cristo. E Cristo sabe bem como e quando reacontecer para cada um de nós. Experimentamos isso em Roma. Experimentamos isso, ontem à tarde. Experimentamos isso, esta manhã.

Somos gratos porque Cristo não deixa que nos falte testemunhos e mestres certos do Seu reacontecer. Nós os encontramos uma vez mais. Nós os escutamos. Cruzamos o seu olhar aceso pelo reconhecimento de Cristo presente: Papa Francisco, Dom Giussani, Padre Julián.

Rezemos para que cada um de nós se torne certo e cheio de letícia pelas graças que se derramam com inimaginável abundância sobre nós e sobre todo o Movimento.

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos

Não quero que vos falte a minha saudação e a minha bênção na ocasião do importante gesto no qual, também neste ano, se renova a consciente pertença de todos vós à Igreja, segundo o carisma de Monsenhor Luigi Giussani.

Uma Presença no olhar, sobretudo neste tempo no qual muitos cristãos, homens das religiões e construtores de justiça pagam pessoalmente com a vida, com o exílio e com grandes sofrimentos, representa um convite premente para a conversão radical que disponha para a oferta total de si.

Rezo para que uma fé madura comece a existir em cada um. Ela é assim quando o desejo de ver Jesus face a face se torna, por graça e por fé, ao longo do nosso dia, dominante e permite aquela “posse na distância” de que o Servo de Deus Dom Luigi Giussani não se cansava de chamar a atenção.

Com afeto, uma bênção especial

S. E. R. Cardeal Angelo Scola

Arcebispo de Milão

Caríssimo Padre Julián,

Uno-me a toda a Fraternidade de Comunhão e Libertação, neste momento de graça, em que o Senhor nos tocou novamente por meio da Audiência Pública com Papa Francisco, no último 7 de março. O Santo Padre nos recordou que “depois de sessenta anos o carisma original não perdeu o seu frescor e vitalidade” e, ao mesmo tempo, nos convidou a sermos “descentrados” porque “o centro é só um, é Jesus, é Jesus Cristo!”.

O tema deste ano – “uma presença no olhar” – ajudará a captar este centro, como sempre fez Dom Giussani, para que possa ser realmente o centro da nossa vida e nossa missão no mundo. Neste tempo de martírio, peço ao Espírito a graça de que os Exercícios Espirituais renovem a verdade da nossa experiência e o ardor do testemunho, sempre abertos às surpresas de Deus.

Rezo também à Mãe do Senhor por todos vós e desejo que possamos levar a todos os lugares aquele “olhar” inconfundível de Jesus, que aprendemos de Dom Giussani, e que você nos convida a manter vivo nas periferias da existência, seguindo Papa Francisco.

A todos o meu abraço cordial e a bênção do Senhor.

S. E. R. Dom Filippo Santoro

Arcebispo Metropolitano de Taranto

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade Francisco

Santidade,

A sua mensagem, no início dos nossos Exercícios Espirituais, e a sua saudação que nos foi trazida pelo cardeal Müller, renovaram em nós a certeza da presença de Cristo ressuscitado que nos alcança através da maternidade da Igreja. Por isso somos gratos ao senhor, junto com os 24 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação presentes em Rímimi e com os milhares de amigos que assistiram por vídeo, de 17 países do mundo.

Todos tomados pelo grande evento do encontro com o senhor, na Praça São Pedro, nos demos conta que ainda temos necessidade de entender o alcance do dom de Deus à nossa vida que foi Dom Giussani: “Tudo, na nossa vida, começa com um encontro. Jesus Cristo sempre nos *primeira*”. Na Praça São Pedro, o senhor fez acontecer diante de nossos olhos aquilo sobre o que nos falou: um encontro, cheio de misericórdia. As suas palavras nos tornaram mais conscientes da nossa necessidade sem limite, fazendo-nos pedir para sermos pobres de espírito, para receber o dom da conversão.

Por isso, percorremos outra vez a nossa história, marcada por contínuos chamados de atenção de Dom Giussani: “O nosso coração está como que isolado, ou melhor, Cristo está como que isolado do coração” porque “não O esperamos dia e noite”. Sentimos a urgência de uma fé madura, para propô-la, de um modo mais intenso, a todo o mundo. Seguir a Cristo e amar, em tudo, a Cristo é a característica principal do nosso caminho.

Com a intenção de fazer memória viva dos dez anos do seu nascimento para o Céu, vimos e escutamos um testemunho de Dom Giussani sobre Cristo que não foi ontem, mas acontece agora, que nos encheu de silêncio, fazendo-nos reviver o acontecimento do encontro de João e André no Jordão, para os quais foi fácil reconhecê-Lo pela excepcionalidade sem comparação que Cristo comunicava, porque correspondia às esperas do coração: “Aqueles dois o disseram aos outros amigos, como um grande fluxo que se engrossava; e chegaram a dizê-lo a minha mãe. E minha mãe o disse a mim que era pequeno, e eu digo: ‘Só Tu tens palavras que correspondem ao coração’”.

No sulco traçado por Dom Giussani, queremos seguir o sucessor de Pedro afetiva e efetivamente, para sermos colaboradores ativos da sua paixão missionária, isto é, “braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja ‘em saída’”.

Perseverando na oração cotidiana em apoio ao seu ministério universal, pedimos à Nossa Senhora, *Salus populi romani*, que obtenha do seu Filho ressuscitado a ternura da misericórdia para todos os nossos irmãos cristãos perseguidos e assassinados pelo simples fato de ter a fé e pelos irmãos homens que morrem fugindo de suas casas em busca da felicidade.

Ao senhor, Santo Padre, pedimos uma oração para que cada um de nós mantenha vivo o fogo da memória do primeiro encontro e seja livre, centrado em Cristo e no Evangelho.

Sacerdote Julián Carrón

Sua Santidade Papa Emérito Bento XVI

Santo Padre,

Nos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação meditamos sobre a situação do homem contemporâneo, onde – como o senhor disse – “o colapso das antigas seguranças se tornou um fato realizado”. Neste contexto, a memória grata do carisma de Dom Giussani e o grande encontro com Papa Francisco, em Roma, nos chamaram a atenção para a urgência de que cada um de nós viva sempre mais a fé como a resposta às exigências profundas do próprio coração, de forma que cada circunstância e encontro sejam vividos com a presença de Cristo no olhar, para ser “braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja ‘em saída’”.

Assegurando-lhe a nossa oração cotidiana, pedimos que o Senhor ressuscitado continue a ser a luz que resplandece na letícia do seu rosto.

Sacerdote Julián Carrón

S. E. R. Cardeal Angelo Bagnasco
Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência caríssima,

Ao final dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, dos quais participaram 24 mil adultos e outros milhares por vídeo-conferência, voltamos para nossas casas mais desejosos de sermos centrados em Cristo, no sulco traçado por Dom Giussani, para sermos, na sociedade italiana, “braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja ‘em saída’”, segundo o mandato recebido na Praça São Pedro, do Papa Francisco.

Sacerdote Julián Carrón

S. E. R. Cardeal Stanislaw Rylko
Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos

Eminência caríssima,

Ao final dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, dos quais participaram 24 mil adultos e outros milhares por vídeo-conferência, renovamos a vontade de sermos “braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja ‘em saída’, para ir buscar os distantes nas periferias”, como nos pediu Papa Francisco, na Praça São Pedro, conscientes de que “o centro é um só, é Jesus, Jesus Cristo!”, como Dom Giussani nos testemunhou com toda a sua vida.

Sacerdote Julián Carrón

S. E. R. Cardeal Angelo Scola
Arcebispo de Milão

Caríssimo Angelo,

Vivemos estes dias como pedido daquela conversão da qual nos escreveu na sua carta, conscientes de que à necessidade sem limite do nosso coração não podemos responder com discursos ou com o nosso fazer, mas somente reconhecendo Cristo que nos está acontecendo agora, como sempre nos testemunhou Dom Giussani, e como vimos acontecer com Papa Francisco, em Roma. “O centro é um só, Jesus Cristo”, este é todo o nosso programa de vida.

Sacerdote Julián Carrón

S. E. R. Dom Filippo Santoro
Arcebispo de Taranto

Caríssimo Filippo,

Gratos pela sua carta, nesses dias vivemos o frescor e a vitalidade do carisma, porque vimos acontecer Cristo presente aqui e agora, como o Único que preenche a necessidade sem limite do nosso coração. Seguindo Papa Francisco, pedimos para ser sempre mais descentrados de nós mesmos para sermos, “centrados em Cristo, braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja ‘em saída’”.

Sacerdote Julián Carrón

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA

Organização de Sandro Chierici

(*Guia para a leitura das imagens retiradas de história da Arte que acompanhavam a escuta dos trechos de música clássica na entrada e na saída do salão*)

No duplo percurso, do dia – do alvorecer ao pôr-do-sol – da infância à velhice –, as obras de Jean-François Millet captam a sacralidade da existência do homem em cada momento seu. O convite eucarístico a “fazer tudo em memória de mim” encontra, nos gestos simples da vida cotidiana, a resposta de uma fê capaz de captar a positividade inexorável da realidade.

- 1 *O maço de margaridas*, 1871-74, Paris, Musée d’Orsay
- 2 *A sopa*, 1861. Marseille, Musée des Beaux-Arts
- 3 *A proposta*, 1860, Lille, Musée des Beaux-Arts
- 4 *Mãe ninando seu filho*, 1870-73, Cincinnati, Taft Museum of Art
- 5 *Mulher e criança (Silêncio)*, 1855-60, Chicago, The Art Institute
- 6 *O sono da criança*, 1854-55, Norfolk, Chrysler Museum of Art
- 7 *Camponês enxertando uma árvore*, 1855, Monaco, Neue Pinakothek
- 8 *A criança doente*, 1858, Coleção particular
- 9 *Primeiros passos*, 1858-1866, Cleveland, Museum of Art
- 10 *No jardim*, 1860, Boston, Museum of Fine Arts
- 11 *Nos limites da aldeia de Gréville*, 1856, Boston, Museum of Fine Arts
- 12 *Primeira aula de tricô*, 1854, Boston, Museum of Fine Arts
- 13 *Aula de tricô*, 1869, Saint Louis, Art Museum,
- 14 *Fiação*, 1863, Coleção particular
- 15 *Mulher cozinhando o pão*, 1853-54, Otterlo, Kroller-Muller Museum
- 16 *Jovem mulher fazendo manteiga*, 1848-51, Boston, Museum of Fine Arts
- 17 *Fiadora em pé*, 1850-55, Boston, Museum of Fine Arts
- 18 *Fiadora sentada (Emélie Millet)*, 1854, Boston, Museum of Fine Arts
- 19 *A casa de Millet em Gruchy*, 1863, Boston, Museum of Fine Arts
- 20 *A casa em Gruchy*, 1863 aproximadamente, Boston, Museum of Fine Arts
- 21 *O poço da casa de Gruchy*, 1854, London, Victoria and Albert Museum
- 22 *Moça no poço*, 1866-68, Paris, Musée du Louvre
- 23 *O cordeiro recém-nascido*, 1866, Boston, Museum of Fine Arts
- 24 *A tosagem*, 1852-53, Boston, Museum of Fine Arts
- 25 *A matança do porco*, 1867-1870, Ottawa, National Gallery of Canada

- 26 *O retorno da fazenda*, 1850, Milano, Galleria d'Arte Moderna
- 27 *Mulher que leva um feixe e um balde*, 1858-60, Coleção particular
- 28 *Camponesa queimando a erva*, s.d, Gand, Museum voor Schone Kunsten
- 29 *A catadora de feno*, 1854-57, New York, The Metropolitan Museum of Art
- 30 *Auvergne, a fiadora*, 1868-69, Paris, Musée d'Orsay
- 31 *Pastorinha sentada*, 1871, Boston, Museum of Fine Arts
- 32 *Em Auvergne*, 1866-69, Chicago, The Art Institute
- 33 *Menina dos gansos em Gruchy*, 1854-56, Cardiff, National Museum of Wales
- 34 *Pastorinha com o seu rebanho*, 1863-64, Paris, Musée d'Orsay
- 35 *Pastorinha sentada na beira da floresta*, 1848-49, Boston, Museum of Fine Arts
- 36 *Camponesa adormecida à sombra de um arbusto*, 1872-74, Reims, Musée Saint-Denis
- 37 *Observando o voo de gansos selvagens*, 1866, Boston, Museum of Fine Arts
- 38 *Partida para o trabalho*, 1850-51, Glasgow, Art Gallery and Museum Kelvingrove
- 39 *Outono, os feixes*, 1874, New York, The Metropolitan Museum of Art
- 40 *Verão, os batedores de grãos*, 1868-70, Boston, Museum of Fine Arts
- 41 *Verão, as catadoras de espigas*, 1853, Kofu, Yamanashi Prefectural Museum of Art
- 42 *As catadoras de espigas*, 1857, Paris, Musée d'Orsay
- 43 *Ceifadores descansando*, 1850-53, Boston, Museum of Fine Arts
- 44 *Plantadores de batatas*, 1861, Boston, Museum of Fine Arts
- 45 *A colheita de batatas*, 1855, Baltimore, The Walters Art Museum
- 46 *Batendo o linho*, 1850-51, Baltimore, The Walters Art Gallery
- 47 *O agricultor*, 1847-48, London, National Gallery
- 48 *Mulher que conduz a vaca ao pasto*, 1858, Bourg-en-Bresse, Musée de l'Ain
- 49 *Camponês espalhando esterco*, 1854-55, Raleigh, NC, Museum of Art
- 50 *O nascimento do bezerro*, 1860, Princeton, University Art Museum
- 51 *O nascimento do bezerro*, detalhe, 1864, Chicago, The Art Institute
- 52 *Os lenhadores*, 1850-52, Londra, Victoria and Albert Museum
- 53 *O semeador*, 1850, Boston, Museum of Fine Arts
- 54 *O catador de feno*, 1866-67, Hiroshima, Museum of Art
- 55 *Na vinha*, 1852-53, Boston, Museum of Fine Arts

- 56 *O vinicultor*, 1869-70, L'Aia, Rijksmuseum Mesdag
- 57 *O homem com a enxada*, 1860-62, Los Angeles, The Paul J. Getty Museum
- 58 *O pastor reúne o rebanho, à noite*, 1860, New York, Brooklyn Museum of Art
- 59 *Pastagens perto de Cherbourg*, 1871-72, Minneapolis, Institute of Arts
- 60 *O retorno da colheita de feno ao entardecer*, 1868-70, Hiroshima, Museum of Art
- 61 *A guardiã das aves, outono*, 1872-73, New York, The Metropolitan Museum of Art
- 62 *Pastor no crepúsculo*, 1856-60, Baltimore, The Walters Art Gallery
- 63 *A passagem no prado*, 1867, Boston, Museum of Fine Arts
- 64 *O convento de Vauville, Normândia*, 1872-74, Boston, Museum of Fine Arts
- 65 *Noite de inverno*, 1866-68, Boston, Museum of Fine Arts
- 66 *Mulher que costura ao lado da criança adormentada*, 1858-62, Boston, Museum of Fine Arts
- 67 *Angelus*, 1857-59, Parigi, Musée d'Orsay

Sexta-feira, 24 de abril, noite

INTRODUÇÃO	4
SANTA MISSA — <i>HOMILIA DE PADRE STEFANO ALBERTO</i>	20

Sábado, 25 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO — <i>O centro é um só, Jesus Cristo</i>	21
SANTA MISSA — <i>HOMILIA DE S.E.R. CARDEAL GERHARD L. MÜLLER</i> <i>PREFEITO DA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ</i>	57

Sábado, 25 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO — <i>Reconhecer Cristo</i>	63
--	----

Domingo, 26 de abril, manhã

ASSEMBLEIA	89
SANTA MISSA — <i>HOMILIA DE PADRE FRANCESCO BRASCHI</i>	110
MENSAGENS RECEBIDAS	113
TELEGRAMAS ENVIADOS	114
A ARTE NA NOSSA COMPANHIA	117
